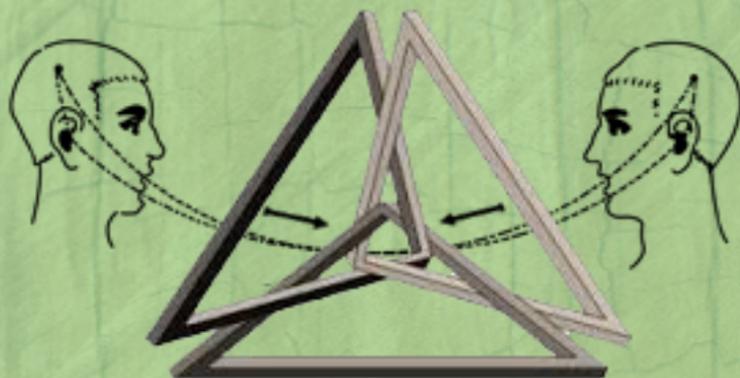


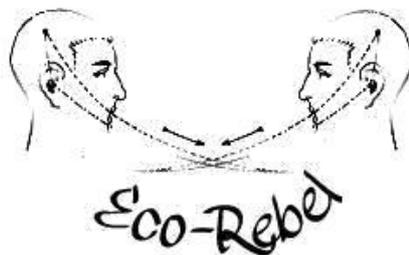
Ecolingüística

**Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem
(ECO-REBEL)**

Volume 9, número 1, 2023



**Programa de Pós-Graduação em Linguística
Departamento de Linguística
Instituto de Letras
Universidade de Brasília**



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

O primeiro artigo deste número de *ECO-REBEL* é dos autores turcos Esat Kuzu & Feryal Çubukçu, intitulado “Preservice teachers’ ecological literacy dispositions: ideology and praxis”. Eles falam da necessidade de os professores se informarem e se conscientizarem da necessidade instruir seus alunos sobre a devastação do nosso meio ambiente.

O segundo artigo é “Analysis of a television episode on the intelligence of pets”, de George M Jacobs & Aji Seno Suwondo. Indiretamente refutando a arrogância humana segundo a qual os humanos seriam os únicos seres dotados de inteligência, Jacobs e Aji analisam um episódio de 30 minutos de um documentário para televisão para a Netflix, no qual duas espécies de cachorros, três de aves, um coelho e um réptil demonstraram algum nível de inteligência, o que lhes garante o direito de viver por servirem como animais de estimação.

O terceiro ensaio é “Eco-sintropia: uma análise da Agricultura Sintrópica de Ernst Götsch a partir da complexidade”, de Marcelo Moreira Santos. O artigo procura “compreender a dinamicidade ecossistêmica” da metodologia da “agricultura sintrópica de Ernst Götsch” valendo-se “de conceitos de teóricos de sistemas” complexos e da Semiótica de Peirce

Em quarto lugar vem “O ser ecológico e a ecolinguística”, de Elizangela da Rocha Fernandes & Cícero da Silva. Como se vê já no resumo, “O objetivo deste artigo é apresentar a Ecolinguística na perspectiva holística adotada por Francisco Gomes de Matos”, que, de longa data, é também um praticante da Linguística da Paz, da Dignidade, da Pedagogia da Positividade, da Linguística do Não-Matar (Nonkilling Linguistics) e da Comunicação para o Bem. Isso é feito sobretudo pela análise de pôsteres produzidos por Gomes de Matos, disponíveis no site da ABA Global Education, de que é um dos fundadores. Acrescente-se que ele tem um artigo no primeiro número de *ECO-REBEL*, de 2015. Em um número posterior há também uma entrevista que ele concedeu à revista.

ECO-REBEL

A seguir, vêm as três palestras proferidas no V Encontro Brasileiro de Ecolinguística (V EBE), realizado pela modalidade remota (*online*), de 20 a 22 de outubro de 2022, visualizável no *site*

<https://encontroecolinguis.wixsite.com/vebe>

e cujo caderno de resumos se encontra em

<http://www.ecoling.unb.br/images/Caderno-de-resumos---V-EBE.pdf>

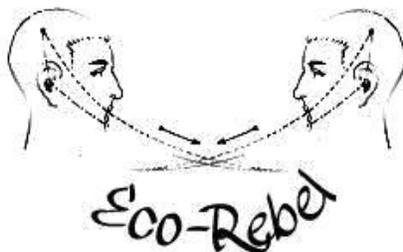
A primeira palestra é de Teresa Moure (Universidade de Santiago de Compostela, Galiza), intitulada “Húmus: Eco-linguagens na época do colapso”. Teresa é autora de dois livros de Ecolinguística e é também uma conhecida escritora de ficção. Ela tem contribuído bastante com a Ecolinguística brasileira. A autora nos lembra que viemos do pó (*húmus*), o que está presente na própria palavra “humano”. O artigo avança diversos conceitos inovadores, além do de húmus, entre os quais temos *montanhicídio*, *maricídio*, *floresticídio*, além do conceito de *vegetalismo* ao lado de *animalismo*, pois tendemos a esquecer que as plantas também são seres vivos, sencientes e devem ser respeitados.

A segunda é “Os sentidos da natureza: Implicando os saberes decoloniais nos estudos discursivos ecolinguísticos”, de Lorena Araújo de Oliveira Borges (Universidade Federal de Alagoas), que procura, entre outras coisas, mostrar como a Ecolinguística pode “se beneficiar do diálogo profundo com os Saberes Decoloniais” visando a entender os sentidos da natureza, que não deve ser vista “como uma *posse* ou *domínio a ser conquistado, domesticado, moldado* etc”. No artigo Lorena não menciona o fato, mas ela é coautora (com Hildo H. do Couto e Elza K. K. N. do Couto) do primeiro livro de Análise do Discurso Ecolinguística, então chamada Análise do Discurso Ecológica, mas que já tinha ADE como sigla. O artigo de Lorena Borges e o de Teresa Moure têm muita coisa em comum, tanto ecológica quanto politicamente.

A terceira palestra, “Tentar já é triunfar: o meu percurso na ecolinguística”, de Adelaide Chichorro Ferreira (Universidade de Coimbra), é, como o título já sugere, uma exposição das atividades da autora na área da Ecolinguística. É mais um depoimento de suas atividades no âmbito da Ecolinguística do que um artigo formal, o que é perfeitamente normal pelo fato de ser produto de uma palestra proferida em um evento. Adelaide é certamente a primeira ecolinguista em Portugal, muito ligada ao grupo de Alwin Fill e Hermine Penz, de Graz, Áustria.

Por fim, temos uma miniresenha do livro *Language and Ecology in Southern and Eastern Arabia*, da série Bloomsbury Advances in Ecolinguistics, feita por Hildo Honório do Couto.

Boa leitura a todas e a todos!



PRESERVICE TEACHERS' ECOLOGICAL LITERACY DISPOSITIONS: IDEOLOGY AND PRACTICE

Esat Kuzu (Dokuz Eylül University, Turkey)

Feryal Çubukçu (Dokuz Eylül University, Turkey)

Abstract: Ecological concerns in the 21st century have increased as we get more information about the world's current situation thanks to technological developments. It has been evident that there is a direct relationship between human actions and the deterioration of nature. Hence, there is a need to inform societies about environmental problems and educate them to adopt lifestyles that promote a sustainable environment. Ecological literacy can be an answer to these problems because ecologically literate people tend to shape their lives to live in peace with nature. Language teachers can integrate ecological issues into their practice since any topic about world issues can be a material for language teaching. However, language teachers should have the ecological literacy skills to incorporate ecological problems into their practice and enhance public awareness. This study aimed to explore the ecological knowledge, behaviour, and attitudes of preservice English language teachers (ELT) at a public university in Turkey. A questionnaire collected the data from 50 first grade and 40 third grade ELT students. The analysis was carried out through SPSS 25.0. The results showed that the preservice teachers generally held positive attitudes and behaviours. Their awareness levels of waste, recycling, and sustainable environment were high. The students' answers about sustainable environment indicated that they were informed about how a sustainable environment could be achieved. However, the students' behaviours and attitudes toward using plastic bags, using disposable batteries, and reading from hardcopies were more

ECO-REBEL

frequent than expected. Finally, the result displayed that the students believed that governmental and non-governmental organizations should work harder to conserve the environment.

Keywords: Ecological literacy; Nature; Environment; Preservice teachers; English language teaching.

Resumo: As preocupações ecológicas no século 21 aumentaram à medida que obtemos mais informações sobre a situação atual do mundo graças ao desenvolvimento tecnológico. Ficou evidente que existe uma relação direta entre as ações humanas e a deterioração da natureza. Daí a necessidade de informar as sociedades sobre os problemas ambientais e educá-las para adotar estilos de vida que promovam um meio ambiente sustentável. A alfabetização ecológica pode ser uma resposta a esses problemas porque as pessoas ecologicamente alfabetizadas tendem a moldar suas vidas para viver em paz com a natureza. Professores de línguas podem integrar questões ecológicas em sua prática, pois qualquer tópico sobre questões mundiais pode ser um material para o ensino de línguas. No entanto, os professores de línguas devem ter as habilidades de alfabetização ecológica para incorporar os problemas ecológicos em sua prática e aumentar a conscientização do público. Este estudo teve como objetivo explorar o conhecimento ecológico, comportamento e atitudes de professores de inglês em formação em uma universidade pública na Turquia. Um questionário coletou os dados de 50 alunos da primeira série e 40 da terceira série do ensino de língua inglesa. A análise foi realizada através do SPSS 25.0. Os resultados mostraram que os professores em formação geralmente tinham atitudes e comportamentos positivos. Seus níveis de conscientização sobre resíduos, reciclagem e meio ambiente sustentável foram altos. As respostas dos alunos sobre meio ambiente sustentável indicaram que eles foram informados sobre como um meio ambiente sustentável poderia ser alcançado. No entanto, os comportamentos e atitudes dos alunos em relação ao uso de sacolas plásticas, uso de pilhas descartáveis e leitura de cópias impressas foram mais frequentes do que o esperado. Por fim, o resultado mostrou que os alunos acreditavam que as organizações governamentais e não governamentais deveriam trabalhar mais para conservar o meio ambiente.

Palavras-chave: Alfabetização ecológica; Natureza; Meio ambiente; Professores em formação; Ensino de língua inglesa.

1. Introduction

In recent years, there have been global concerns about the environment. With the knowledge that we have about the current situation of nature, it is too optimistic to say that nature will support the presence of life if we continue to live the way we do. The deterioration of nature has been getting deeper as a result of human actions. We have a lot of evidence that the balance of the earth is changing, which has created worrisome concerns about ecological problems (JONES, 2010). We know that there is an undeniable relationship between our lifestyles and the situation of nature (KAISER et al., 1999). This means that if humans learn to live without exploiting nature and take steps to conserve the environment, nature can survive, and so can humanity. Therefore, there is a need to create an awareness in public about environmental issues and adapt ourselves to living in peace with nature. Immediate attention to increasing people's awareness of the environment is required since the darkness and disorders caused by human actions might lead to an end, which is not far from us (ORR, 1992). Out of these concerns, many attempts were made to encourage environmental education at the international level, and the importance of creating an ecologically literate public has been recognized.

Ecological literacy is “the ability to use ecological understanding, thinking and habits of mind for living in, enjoying, and/or studying the environment” (BERKOWITZ et al., 2005, p. 228). Ecological literacy intends to “create a frame of mind that recognizes relations and interdependency with the natural world and supports the development of new capacities to create sustainable ways of living” (BOEHNERT, 2015, p. 1). It is expected that through ecological literacy, citizens will be able to understand the relationship between humans and nature as well as the relationship among various living systems in nature. During the second half of the twentieth century, significant steps were taken to incorporate environmental topics into education to enhance environmental awareness. The inclusion of environmental education throughout the various disciplines of formal education at all levels was seen as obligatory (WCED, 1987). Moreover, ecological literacy was determined as the primary goal of environmental education at the conference of UNESCO- UNEP in 1989 (CUTTER-MACKENZIE; SMITH, 2003). Therefore, attempts to promote environmental education in formal education and ecological literacy in public became more apparent. In the Turkish context, the developments to protect nature and create environmental awareness were in line with the rest of the world (ERDOGAN et al., 2009). In 1961,

ECO-REBEL

the environment was acknowledged for the first time by the Turkish Republic constitution. In 1991, the Ministry of Environment was established and cooperated with the Ministry of National Education (MoNE) to improve materials focusing on environmental-related issues and draw students' attention to environmental issues (TUNCER; EROL, 1992). Therefore, environment-related topics took their place in school curriculums. However, the intended results have not been achieved yet in spite of these attempts (GÜRSOY, 2010).

There is still an obvious need to spend more effort to enhance ecological literacy of the society. However, this can only be accomplished through education, and education is mediated by teachers. Teachers have an essential role in encouraging environmental awareness in public. They are at the very core of shaping the future. They can interact with students, parents, and other members of a society, which means that they have the chance to inform them about ecological problems (SWANEPOEL et al., 2002). Environmental issues have generally been dealt with only in science lessons. Nevertheless, we need to realize that environmental education is interdisciplinary. That is, ecological literacy skills can be promoted through various courses. Teachers of any subject can enhance their students' awareness without losing the focus of their subject. Further, teachers are not qualified enough to be able to incorporate environmental issues into their practice and enhance their students' ecological literacy, which creates a severe problem. According to Knapp (2000), lack of qualification is one of the main reasons why teachers cannot integrate environmental issues into their teachings. At this point, the significance of teacher training programs becomes a topic of discussion. In other words, teacher training programs need to equip preservice teachers with the necessary environmental knowledge so that these teachers of the future can contribute to establishing an ecologically literate society through their teaching.

English teachers have many opportunities to incorporate environmental education into their practice because anything about the world and ecology can be a topic of an English class. Moreover, teaching English has not been perceived as the only job of English teachers anymore. Cates (1997) underlines that "we can't call our English teaching successful if our students, however fluent, are ignorant of world problems, have no social conscience or use their communication skills for international crime, exploitation, oppression or environmental destruction" (para. 6). Therefore, English teachers are expected to have environmental literacy skills to integrate environmental topics into their teaching. What teachers teach and the way teaching happens are influenced by their knowledge (GROSSMAN, 1995). When English teachers have ecological

ECO-REBEL

literacy skills, they are more likely to focus on environmental topics while improving students' proficiency levels. As a result, they can contribute to establishing an environmentally literate society.

Various studies have been carried out with the aim of having insights into teachers' and students' understandings of environmental problems in recent years. Padmanabhan & Rao (2008) investigated environmental awareness and attitudes of secondary school teachers in Maldives. The study revealed that there was no significant difference between male and female teachers in terms of environmental education awareness and attitudes. Tuncer et al. (2009) evaluated teacher educators' environmental literacy at one of Turkey's most prominent public universities. According to the findings of the canonical analysis, as preservice teachers' interest in environmental issues grows, so does their environmental knowledge and concern. Intending to assess students' environmental knowledge and their thoughts about a course on environmental education, Tal (2010) conducted a scale. The participants were 75 preservice teachers at a university in Israel. The findings indicated that the participants' environmental awareness increased during the course. The study also highlighted that environmental topics should be included in the teacher training curriculum. Surmeli and Saka (2013) explored preservice teachers' opinions about environmental ethics. A scale was utilized to collect data from students from various departments. The results showed that the participants held biocentric and ecocentric thoughts irrespective of gender. Sargin et al. (2016) studied preservice teachers' environmental knowledge, conduct, and attitudes and found they were sensitive to education. Sultan et al. (2016) investigated preservice teachers' perceptions of ecological problems in Pakistan. A pretest-posttest design was utilized. First, the pre-test was implemented. Then, the students were given an exposition about environmental problems. Finally, the post-test was implemented to see if the students' perceptions had changed. The results indicated that the participants' awareness became more positive compared to pre-test results. Karyanto et al. (2018) carried out a study to explore the ecological literacy of preservice teachers at Sebales Maret University. They aimed to investigate the components of ecological knowledge, ecological attitude, and ecological concern. The participants were 98 students who took some courses that focused on ecology at some point. The findings revealed that ecological literacy was low for the value of each component, which might have resulted from the provision of inadequate ecology concepts. In another study, Ergin (2019) carried out a study to reveal teacher candidates' awareness of environmental issues. The results showed that although the participants'

ECO-REBEL

level of environmental awareness was high, the degree of awareness changed in terms of some factors and marital status. Chen (2020) intended to reveal if environmental education efforts in China were fruitful or not. Chen investigated university students' awareness and knowledge of environmental problems through a questionnaire. The results showed that China's effort had been effective over the years. Most of the participants were already aware of and knowledgeable about environmental issues. However, they still had some hesitations about enrolling in any environmental organization. Finally, Hastürk (2021) carried out a study to determine students' environmental awareness based on whether or not they had received environmental education, gender, class level, parental education level, residence, and age. In terms of gender variable, she discovered a significant difference in favour of female students regarding environmental consciousness. Moreover, there was no significant difference in environmental awareness among children based on their grade levels.

As teachers of the future, preservice teachers need to have ecological literacy skills so that they can integrate activities to create awareness in their students. The leading organization to encourage environmental education is the formal education system. In this study, we investigated the preservice ELT teachers' awareness of ecological issues and their attitudes and behaviours toward environmental problems. In other words, whether teacher candidates have eco-friendly behaviors and live-styles was the main focus of the study. Regarding the aim of the study, the following research questions were formulated:

1. What are the preservice ELT teachers' levels of ecological literacy?
2. Do the preservice ELT teachers show eco-friendly attitudes and behaviors?
3. Is there a significant difference in the preservice ELT teachers' awareness, attitudes, and behaviours in terms of gender and grade?

2. Methodology

2.1. Participants

The participants of this study were 90 (49 females, 41 males) preservice ELT teachers at a public university in Turkey. A total of 50 students from first grade and 40 students from third grade took part in the study.

2.2. Instrumentation

A questionnaire of 25 items modified from Eren and Yaqub (2015) was used to explore the students' attitudes and ideas from three dimensions. The first dimension investigated the students' awareness level of consumption and sustainable development. The second dimension examined how the students approach waste and recycling topics. Finally, the third dimension focused on the students' beliefs and ideas about sustainable development. The questionnaire was designed as a five-point Likert scale. Numbers from 1 to 5 (never, rarely, sometimes, often, every time) were assigned to the answer options of the items in the first and the second dimensions. In the third dimension, although it was also a five-point scale, the answer options were different (strongly disagree, disagree, neutral, agree, strongly agree).

2.3. Procedure

First, necessary modifications were made to the questionnaire. Later, the questionnaire was given to first and third grades students. Before implementing the questionnaire, the participants were informed about the aim of the study and the procedure. It was also highlighted that the participation is based on voluntariness and that the information they provide would be confidential. Therefore, a consent form was given to the students. The students who wanted to participate in the study filled in the questionnaire, and the data collection was completed.

2.4. Analysis

The data was processed through SPSS 25.0. First, the descriptive statistics were calculated. Then, an independent sample t-test for grade and gender variables was applied. The significance level in the analysis was determined as $p < .05$. The Cronbach's Alpha value of the questionnaire was found to be .790.

3. Results

The students' statistics for conscious consumption and sustainable development are presented in Table 1. The results indicated that the students were careful about checking a document before printing it to avoid wasting any paper (4.60). They generally preferred to print on both sides of a paper (4.04). Additionally, the analysis showed that the students generally held positive attitudes toward using the paper of lecture notes repeatedly (3.43). Finally, the students used electronic devices instead of hard copies to send messages (3.39) and study (3.32).

ECO-REBEL

Table 1.

Descriptive Statistics of the Items for Conscious Consumption and Sustainable Environment

Items	N	Mean	Std. Deviation
I check the preview of a document on computer before printing.	90	4.60	.74
I take print on both sides of a paper.	90	4.04	1.00
I re-use the paper of lecture notes.	90	3.43	1.07
I often send e-mail instead of hard copy output.	90	3.39	1.23
I prefer to read the document on computer instead of taking its print on paper.	90	3.32	1.13
Average Mean		3.75	

The findings of the students' behaviors and attitudes toward waste and recycling are presented in Table 2. The item about collecting their garbage before leaving a place had the highest mean (4.67). Moreover, the findings indicated that the students showed quite positive attitudes toward water consumption (4.38). The students seemed to avoid using paper towels as much as possible (3.73). The students' preferences regarding the long-lasting products were also optimistic (3.70). Similarly, the students showed positive attitudes toward throwing items of different materials into separate recycling boxes (3.48). It was revealed that the students were careful with throwing used batteries in waste collection boxes (3.46). They showed mildly positive attitudes and behaviors toward using rechargeable batteries instead of disposable batteries (3.22). However, the mean of the item for easily-soluble bags was found to be low (3.07). Finally, the participants seemed generally uninformed about the dangers of using plastic bags because the mean of the related item was the lowest for this part (2.96).

Table 2.

Descriptive Statistics of the Items for Waste and Recycling

Items	N	Mean	Std. Deviation
I throw the garbage into dustbins before leaving that place and do not leave any trash	90	4.67	.63
I pay attention to water consumption when using the sink and toilet	90	4.38	.85
I try to protect the environment by using the least number of paper towels	90	3.73	1.10

ECO-REBEL

I prefer to use long-lasting products (rechargeable batteries, cloth bags) for a sustainable environment instead of disposable products	90	3.70	1.05
I throw the plastic, metal, and paper into separate recycling boxes	90	3.48	1.12
I throw the used batteries in waste collection boxes.	90	3.46	1.26
I use rechargeable batteries instead of disposable batteries	90	3.22	1.20
I prefer to use easily-soluble bags rather than plastic bags	90	3.07	1.14
I would avoid using plastic bags.	90	2.96	1.11
Average Mean		3.63	

The students' ideas about sustainable development are presented in Table 3. A high degree of agreement was also observed regarding the role of recycling in the protection of the environment and natural resources (4.70). The students stated that energy-saving was significant for a sustainable environment (4.67). They also agreed that young people's environmental awareness level was crucial for sustainable development (4.57).

The students seemed to be aware of renewable energy sources for a sustainable environment (4.52). The students thought that using separate dustbins for items of different materials is another crucial thing to establish a sustainable development (4.47). A great number of students agreed that getting bills electronically (4.39) and using public transport (4.31) were important to promote sustainable development. Moreover, the participants stated that they did their best to prevent environmental pollution (4.21). Similarly, informing students about environmental issues in higher education was perceived as essential by the students (4.08). However, the students believed that governmental and non-governmental organizations did not work enough to conserve the environment (2.61). Finally, they stressed that the number of separate collection dustbins was insufficient in their neighborhoods and university (2.41).

Table 3.

Descriptive Statistics of the Items for Sustainable Environment

Items	N	Mean	Std. Deviation
Recycling waste is important for the protection of the environment and natural resources	90	4.70	.62
I think that energy saving is important for a sustainable environment	90	4.67	.70
I think that young people should have a good environmental awareness for a sustainable environment	90	4.57	.82

ECO-REBEL

I think that promotions of renewable energy resources are necessary for a sustainable environment	90	4.52	.89
I think that the collection of waste in separate dustbins (plastic, metal, etc.) is important for a sustainable environment	90	4.47	.88
I think it is necessary for a sustainable environment to get your bills electronically	90	4.39	.83
I think the choice of public transport is important for a sustainable environment	90	4.31	.89
I always show my best efforts to prevent pollution of the environment and show awareness	90	4.21	.80
It is necessary for all university students to take a class related to environmental awareness	90	4.08	1.16
I think that working of governmental and non-governmental organizations in our country is sufficient with respect to the environment	90	2.61	1.26
I think that there are enough separate collection dustbins (plastic, metal, etc.) in the buildings of our university	90	2.41	1.23
Average Mean		4.08	

In Table 4, it is indicated that the participants' environmental awareness, attitudes, and behaviors were not significantly different in terms of gender. However, females had a higher mean than men.

Table 4.

Independent Sample T-Test Results by Gender

Gender	N	Mean	Std. Deviation	Sig. (2-tailed)
Female	49	98.28	7.39	.06
Male	41	94.09	12.65	

In Table 5, it is shown that although females had a higher mean, the participants' environmental awareness, attitudes, and behaviours were not significantly different in terms of grade level.

Table 5.

Independent Sample T-Test Results by Grade

Grade	N	Mean	Std. Deviation	Sig. (2-tailed)
Grade 1	50	95.34	9.43	.28
Grade 3	40	97.67	11.24	

4. Discussion

The purpose of this quantitative study was to investigate preservice ELT teachers' ecological literacy as well as their attitudes and behaviors toward environmental issues. To accomplish this aim, a questionnaire was implemented to the first and third grade ELT students at a public university. The analysis of the questionnaire yielded some interesting results and implications.

First of all, the participants' attitudes toward consumption and sustainable development were investigated. The study revealed that the students tended to show ecocentric behaviors, similar to Surmeli & Saka's (2013) study. Based on the means of the items related to this dimension of the study, the results indicated that the participants were careful with using papers and hardcopies effectively. They generally tried to make sure the document was finalized before printing it (4.60). They also preferred to use both sides of a paper (4.04) and re-use lecture notes (3.43). On the other hand, the means of the items related to sending e-mails instead of hard copy (3.39) and reading a document on a computer (3.22) could be seen as mildly positive.

Moreover, the students showed quite positive statements regarding cleaning up a place after using it (4.67), water consumption in the kitchen and bathroom (4.38), using the least number of paper towels (3.73), and using products that can be used over a long period of time (3.70). In this respect, the results disclosed that the participants held positive attitudes toward environmental protection, which can be compared to the study conducted by Sultan et al. (2016). Nevertheless, a number of participants showed little attention to avowing the plastic bags (2.96). Therefore, a low number of them preferred to use easily-soluble bags (3.07). Additionally, the participants' awareness of using rechargeable batteries was found to be moderate (3.22). Regarding these two aspects, jumping to a conclusion might be misleading. Shops and supermarkets readily sell plastic bags, and consumers can reach them right after they have shopped. In this case, it is unavoidable to use plastic bags to carry the products. Moreover, it might be challenging for them to carry a long-lasting bag or find an easily-soluble bag at markets. Chen (2020) underlined that although students in his study held high ecological awareness, they were unable to show their ecological knowledge in their behaviors. This study also showed that the student's awareness level was acceptable. Further, the participants were sometimes unable to show their awareness through their behaviors. This was especially true when the use of plastic bags and disposable batteries was a matter of discussion. Their awareness was believed to be high because they preferred to throw the garbage of different materials into different dustbins (3.48), which indicated that they were conscious of the importance of recycling

ECO-REBEL

plastic, metal, and paper. The participants' behaviors and attitudes toward sustainable development were positive to a great extent. Still, some of the behaviors, such as reading on computers instead of hard copies (3.32), using rechargeable batteries (3.22), and avoiding the use of plastic bags (2.96), were not as frequent as expected.

The participants also put forward their ideas about sustainable development. First, the participants believed that recycling (4.70) and energy-saving (4.67) had a crucial role in the protection of the environment and natural sources. The results yielded that the participants agreed that young generations should possess high environmental awareness to establish a sustainable environment (4.57). Moreover, the students believed that renewable energy use (4.52), collecting waste in separate dustbins (4.47), getting bills electronically (4.39), and public transportation (4.31) were significant factors for a sustainable environment. They stated that they showed their best efforts to prevent pollution and show awareness (4.21). Based on the results, it can be revealed that the participants held positive opinions about conserving the environment, a comparable result to the study conducted by Sultan et al. (2016). Moreover, they underscored that universities should provide environmental-related courses (4.08), which also implied that there should be room for ecological concepts in curriculums. This finding was also parallel to the study conducted by Tal (2010), who concluded that ecological issues should be included in school curriculums. The participants mostly agreed that attempts made by governmental and non-governmental organizations to conserve the environment were insufficient (2.61). Chen (2020) investigated applications to preserve the environment in China and found that the government's attempts had been proved to be effective. The participants of this study, on the other hand, seemed to believe there was a need for more governmental attempts. Similarly, they stated that the number of separate collection dustbins around them was inadequate (2.41), which implies that the students were aware that institutions and government did not attach the necessary importance to recycling.

The means of items that measured their ideas (4.08) were higher than the items that measured their behaviors and attitudes (3.75, 3.63). This implied that similar to Chen's (2020) study, although the participants held positive thoughts about the sustainable environment, they were unable to show their thoughts regarding some aspects. In Chen's study, it was about enrolling in an environmental organization. In this study, the participants' hesitations were about plastic bags, rechargeable batteries, and reading online.

ECO-REBEL

The study also investigated whether the students' ecological awareness changed in terms of grade and gender. Regarding the grade, the students from the third grade had a higher mean than the students' from the first grade. However, the difference was not significant. This result can be compared to Hastürk's (2021) study, which concluded that there was no significant difference among students based on their grade levels. As for the gender variable, the female students had a higher mean than the male students. Nevertheless, this did not imply a significant difference. Similarly, Padmanabhan and Rao (2008) and Hastürk (2021) found that participants' environmental awareness did not differ in terms of gender.

5. Conclusion

This study investigated preservice ELT teachers' ecological literacy levels through a questionnaire. Therefore, the study aimed to explore the preservice teachers' attitudes and behaviours toward environmental issues and their perceptions of these ecological problems. The questionnaire collected data regarding three dimensions. In the first dimension, the focus was on awareness of consumption and sustainable development. In the second dimension, the students' attitudes and behaviors toward waste and recycling were measured. In the third dimension, the students' ideas about sustainable development were investigated.

The results revealed that the students' awareness level was pretty high in many aspects. First of all, they showed favorable behaviors in terms of using long-lasting products, water consumption, cleaning their mess before leaving a place, and throwing garbage of different materials into different dustbins. However, the participants' held mildly positive attitudes toward avoiding the use of plastic bags, using rechargeable batteries and reading online instead of reading from the hardcopy. As for the participants' ideas regarding a sustainable environment, the results indicated that the participants held the idea that people, especially young ones, should possess ecological awareness. Therefore, they believed that students need to take environmentally-oriented courses at universities. Moreover, the participants displayed quite positive ideas regarding the importance of renewable energy sources, energy-saving, getting bills electronically, recycling waste, and collecting garbage in separate dustbins. They emphasized that all these implementations were needed if we wanted to have a sustainable environment. Nonetheless, they touched upon the problem of not having an adequate number of separate dustbins to collect garbage of different materials. Finally, the participants were dissatisfied with the workings of governmental and non-

ECO-REBEL

governmental organizations because they thought those organizations did not work enough to protect the environment and establish a sustainable environment.

All in all, education in the 21st century has the duty to inform society about environmental problems and enhance ecological awareness of people. Teachers are the mediators of education; hence, they need to possess ecological literacy skills to incorporate environmental topics into their practice. Language teachers have a unique chance to do that since anything about the world can be a topic of language teaching. The investigation of preservice ELT teachers' perceptions of ecological problems and attitudes and behaviors toward these problems showed that the preservice teachers held positive belief and attitudes toward environmental issues. Moreover, they had certain ideas about how to establish a sustainable environment and what is necessary to achieve it. This study can draw attention to the importance of ecological literacy skills and the need for teachers to have them. Still, more studies on ecological literacy in preservice teacher education programs should be carried out.

References

BERKOWITZ, A. R., et al. A Framework for Integrating Ecological Literacy, Civics Literacy and Environmental Citizenship in Environmental Education. In: Edward Johnson and Michael Mappin (eds.). *Environmental Education and Advocacy: Changing Perspectives of Ecology and Education*. Cambridge University Press, 2005, p. 227–66.

BOEHNERT, J.. Ecological Literacy in Design Education: A Theoretical Introduction. *FormAkademisk*, v. 8, n. 1, 2015, p. 1–11.

CATES, K. A. New Trends in Global Issues and English Teaching. *The Language Teacher*, 1997, https://jalt-publications.org/old_tlt/files/97/may/cates.html (access: 06/05/2022).

CHEN, J. Environmental Education, Knowledge and Awareness in China: A Case of Xiamen University Students. *ASIANetwork Exchange: A Journal for Asian Studies in the Liberal Arts*, vo. 27, n. 1, 2020, p. 54–72.

CUTTER-MACKENZIE, A., & SMITH, R.. Ecological Literacy: The ‘Missing Paradigm’ in Environmental Education (Part One). *Environmental Education Research*, v. 9, n. 4, 2003, p. 497–524.

ERDOGAN, M., et al. Content Analysis of Selected Features of K-8 Environmental Education Research Studies in Turkey, 1997–2007. *Environmental Education Research*, v. 15, n. 5, 2009, p. 525–48.

EREN, B., & YAQUB, M.. Environmental Consciousness Survey of University Students. *3rd*

ECO-REBEL

International Symposium Inovative Technologies in Engineering and Science ISITES2015, 3rd international symposium Inovative technologies in engineering and science ISITES2015, 2015.

ERGİN, D. Y.. Environmental Awareness of Teacher Candidates. *World Journal of Education*, v. 9, n. 1, 2019, p. 152-161.

GROSSMAN, P. L. Teachers' Knowledge. In: L W Anderson (ed.). *International Encyclopedia of Teaching and Teacher Education*, Elsevier Science & Technology Books, 1995, p. 20–24.

GÜRSOY, E.. Implementing Environmental Education to Foreign Language Teaching to Young Learners. *Educational Research*, v. 1, n. 8, 2010, p. 232–38.

HASTÜRK, H. G.. Examining Teacher Candidates' Environmental Awareness in Terms of Different Variables. *International Journal of Active Learning (IJAL)*, v. 1, n. 1, 2021, p. 52–68.

JONES, P.. Responding to the Ecological Crisis: Transformative Pathways for Social Work Education. *Journal of Social Work Education*, v. 46, n. 1, 2010, p. 67–84.

KAISER, F. G., et al. Environmental Attitude and Ecological Behavior. *Journal of Environmental Psychology*, v. 19, n. 1, 1999, p. 1–19.

KARYANTO, P., et al. The Ecological Literacy of Prospective Teacher at Sebelas Maret University. *Article in Journal of Education and Learning*, v. 12, n. 2, 2018, p. 287–96.

KNAPP, D.. The Thessaloniki Declaration: A Wake-up Call for Environmental Education? *The Journal of Environmental Education*, v. 31, n. 3, 2000, p. 32–39.

ORR, D. W.. *Ecological Literacy: Education and the Transition to a Postmodern World*. SUNNY Press, 1992.

PADMANABHAN, J., and RAO, M. P.. Environmental Awareness and Environmental Attitude of Secondary School Teachers of Maldives: A Study. *Journal Recheard Gate*, v. 6, n. 1, 2008, p. 1-12.

SARGIN, S. A., et al. Exploring of Prospective Teachers' Level in Information, Behaviours, and Attitudes toward the Environment. *Education Sciences (NWSA)*, v. 11, n. 1, 2016, p. 1–22.

SULTAN, S., et al. Environmental Awareness among Trainee Teachers at Tertiary Level in Pakistan: Need, Scope, Challenges and Opportunities. *Bulletin of Education and Research*, v. 38, n. 2, 2016, p. 123–34.

SURMELI, H., and SAKA, M.. Preservice Teachers' Anthropocentric, Biocentric, and Ecocentric Environmental Ethics Approaches. *International Journal of Academic Research*, n. 5, 2013, p. 159–63.

SWANEPOEL, C. H., et al. Measuring the Environmental Literacy of Teachers. *South African Journal of Education*, v. 22, n. 4, 2002, pp. 282–85.

ECO-REBEL

TAL, T.. Pre-Service Teachers' Reflections on Awareness and Knowledge Following Active Learning in Environmental Education. *International Research in Geographical and Environmental Education*, v. 19, n. 4, 2010, p. 263–76.

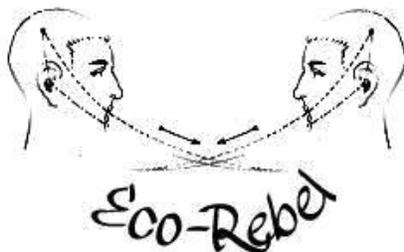
TUNCER, G., et al. Assessing Pre-Service Teachers' Environmental Literacy in Turkey as a Mean to Develop Teacher Education Programs. *International Journal of Educational Development*, v. 29, n. 4, 2009, p. 426–36.

TUNCER, M., and EROL, D.. The Environmental Education in Turkey; Some Views and Proposals of Biopolitics. *5th BIO International Conference*, 1992, <https://biopolitics.gr/biowp/wp-content/uploads/2013/04/VOL-IV-fe-Tuncer.pdf> access: 03/05/2022)

WCED. *Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future*. 1987, <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf> (access: 23/04/2022).

Aceito em 07/11/2022.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 1, 2023.



ANALYSIS OF A TELEVISION EPISODE ON THE INTELLIGENCE OF PETS

George M Jacobs (Universiti Malaya)

Aji Seno Suwondo (Universiti Negeri Yogyakarta)

Abstract: This article uses ecolinguistics to analyze a 30-minute episode of a television documentary produced for 2022 presentation on Netflix, part of a four-episode series titled *The Hidden Lives of Pets*. The eight-segment episode displayed and explained various nonhuman animals' emotional, social, and cognitive intelligence. The animals included two species of dogs, three species of birds, one rabbit, and one reptile. The research questions were: (a) what types of intelligence would be highlighted; (b) how would their intelligence be validated; (c) would non-speciesist language be used when referring to the nonhuman animals; and (d) would any reference be made to the intelligence of nonhuman animals generally and to the implications of their intelligence for the ways human animals should treat them. The episode highlighted the importance of a conducive environment for the animals to develop their intelligence. The intelligence of these nonhuman animals was discussed in light of the growing recognition among humans of the intelligence of other animals and what this might mean for human behavior. Related to this, it was found that most humans in the episode used pronouns, such as *she* and *he*, that recognized other animals as sentient. As to Stibbe's (2021) system for ecolinguistic analysis, three categories were found to be of particular relevance: (1) erasure, as farmed animals and other non-pets were not included, nor was the fact that the environment in which farmed animals are forced to live is very uncondusive for developing or displaying intelligence; (2) conviction, as the documentary's producers used video tools, as well as testimony from laypeople and scientists to buttress their claims of the pets' intelligence; and (3) ideologies, as viewers might interpret the documentary's story to mean that because the nonhuman animals viewed in the eight segments have demonstrated intelligence, they can ably provide humans with companionship and entertainment – the key purposes of pets - therefore, they have the right to exist.

Keywords: Intelligence of nonhuman animals; Documentaries; Ecolinguistics; Erasure; Ideology; Pronouns; Farmed animals.

Resumo: Este artigo utiliza a ecolinguística para analisar um episódio de 30 minutos de um documentário televisivo produzido para apresentação em 2022 na Netflix, parte de uma série de quatro episódios intitulada *The Hidden Lives of Pets*. O episódio de oito segmentos exibiu e explicou a inteligência emocional, social e cognitiva de vários animais não humanos. Os animais incluíam duas espécies de cães, três espécies de pássaros, um coelho e um réptil. As questões de pesquisa foram: (a) que tipos de inteligência seriam destacados; (b) como sua inteligência seria validada; (c) a linguagem não especista seria usada ao se referir aos animais não humanos; e (d) qualquer referência seria feita à inteligência de animais não humanos em geral e às implicações de sua inteligência para as maneiras como os animais humanos deveriam tratá-los. O episódio destacou a importância de um ambiente propício para que os animais desenvolvam sua inteligência. A inteligência desses animais não humanos foi discutida à luz do crescente reconhecimento da inteligência de outros animais entre os humanos e o que isso pode significar para o comportamento humano. Relacionado a isso, descobriu-se que a maioria dos humanos no episódio usava pronomes, como *ela* e *ele*, que reconheciam outros animais como sencientes. No que tange ao sistema de Stibbe (2021) para análise ecolinguística, três categorias foram consideradas de particular relevância: (1) apagamento, uma vez que animais de criação e outros não animais de estimação não foram incluídos, nem o fato de que o ambiente em que os animais de criação são forçados a viver é muito prejudicial para o desenvolvimento ou exibição de inteligência; (2) condenação, pois os produtores do documentário usaram ferramentas de vídeo, bem como depoimentos de leigos e cientistas para reforçar suas alegações sobre a inteligência dos animais de estimação; e (3) ideologias, como os telespectadores podem interpretar a história do documentário como significando que, como os animais não humanos vistos nos oito segmentos demonstraram inteligência, eles podem muito bem fornecer companhia e entretenimento aos humanos – os principais propósitos dos animais de estimação – portanto, eles têm o direito de existir.

Palavras-chave: Inteligência de animais não humanos; Documentários; Ecolinguística; Apagamento; Pronomes; Animais de estimação.

1. Introduction

Humans have long shared the Earth with other animals, but the place of humans among the other animals has greatly changed, such that some scientists have labeled the current geological era the Anthropocene, due to humans' (anthro) dominance. Today, hundreds of millions of nonhuman animals live as pets of humans. This article examines a 30-minute episode of a 2022 television documentary about pets. The focus of the episode in question is these nonhuman animals' intelligence. The article begins by reviewing the coverage of nonhuman animals in various forms of media, along with a discussion of types of intelligence. Next, one system for analyzing texts that deal with ecological issues is presented. Then, the eight segments of the documentary's intelligence episode, which features various nonhuman animals and their human companions, are summarized. This summary provides the background for analysis of the episode as to the range of nonhuman animals featured, the uses of pronouns when referring to the nonhumans, and relevant categories of ecolinguistic analysis (Stibbe, 2021). These categories are erasure, i.e., why are only pets, not farmed animals or others shown as being intelligent; conviction, i.e., how the documentary seeks to convince viewers that the pets are indeed intelligent; and ideology, i.e., whether believing in the intelligence of pets means believing that all nonhuman animals have the right to live or only those who meet humans' needs.

2. Literature Review

2.1 Pets

Pets, also known as companion animals, can be defined as nonhuman animals whom humans keep principally for companionship and entertainment, not for work, food, or research. Dogs and cats appear to be the two most common pets. According to one estimate (BEDFORD, 2020), as of 2018, humans had 470 million pet dogs and 370 million pet cats. Other animals used as pets include rabbits, hamsters, mice, parrots, turtles, and goldfishes.

Pets have appeared on many television shows, including shows in which humans care for sick or injured pets, e.g., *Animal Hospital* on BBC One or the Australian version on the Nine Network. Similar shows featuring practitioners of veterinary medicine include *Dr Oakley Yukon Vet*, on NatGeoWild and Disney Plus; *The Incredible Dr Pol*, on NatGeoWild and Disney Plus; *The Vet Life*, on Animal Planet and Amazon Prime; and *Hanging with the Hendersons* on Animal Planet and Amazon Prime. On these shows, the humans are the heroes, applying their skills, technology, and compassion to save pets and other animals, e.g., in one episode of *Hanging with the Hendersons*, a veterinarian, Dr Ross Henderson, sings to a golden retriever before performing surgery on the dog.

Jackson-Schebetta (2009) analyzed one of the most popular television pet shows, *The Dog Whisperer* with Cesar Millan, first aired in 2004 on the National Geographic Channel. On the show, Millan helped people deal with problematic dogs, training the dogs to do what other humans wanted them to do. According to Jackson-Schebetta, the show promotes a “dominance paradigm through which the non-human animals are presented as commodities that conform to the human animal’s desires” (p. 107). According to this paradigm, the dogs on that show existed to serve their human masters and were happier once they played that service role.

2.2 Pets and Other Nonhuman Animals in the Media

The use of nonhuman animals in the media provides a wide range of areas for study, with implications both for humans’ relationships with these various other animals, as well as for humans’ understanding of themselves (LERNER; KALOF, 1999), e.g., comparing how nonhuman animals are portrayed with the portrayal of less powerful segments of human society, including females and minorities. Types of media which present nonhuman animals include advertising, feature films, fictional books, documentaries, television comedies, social media, cartoons, and newspapers. The present article examines the portrayal of nonhuman domesticated animals in a television documentary.

Given the media presence of nonhuman animals, Mills (2017) argued that any media analysis must include the portrayal of nonhuman animals. His 2017 book examines how television depicts such areas of nonhuman-human interaction as zoos, pets, and meat consumption. Mills (2010) asked whether nonhuman animals used in wildlife documentaries were accorded the right to privacy, especially as improvements in human technology was making it ever easier to see wherever humans wanted irrespective of other animals’ wishes. Curtin (2016) observed that documentaries on wild animals played a role in promoting tourism to the areas where the animals live.

Humans' fellow animals frequently appear in animated form, often in productions designed for children, going back to the days of Mickey Mouse, Donald Duck, and their numerous fictional friends (MEEUSEN, 2019). Indeed, animals have long been prominent in children's literature, and the roles played by these animals have long been a matter of scholarly interest (NIKOLAJEVA, 2016), with animals often seen to be representing humans in one form or another, although such anthropomorphism is not animals' sole media role.

Different animal species receive different portrayals in the media, e.g., Korimboccus (2021) noted that while legislation was tabled in the parliament of the United Kingdom to ban the sale of dog meat, no such legislation was brought forth for the protection of chickens or cows. Bastian and Loughnan (2017) termed this the Meat Paradox. Consistent with this paradox, media portrayals of cute dogs are far more common than are such depictions of cute chickens or cows. However, characterizations by species are inconsistent, e.g., while rodents are often villainized, other times, positive attributes are assigned to them. For instance, the Hindu god Ganesh is sometimes depicted riding a rat, and in the Chinese zodiac, people born in the year of the rat are thought to be curious, imaginative, and resourceful.

2.3 The Intelligence of Nonhuman Animals

Discussions of the depictions of nonhuman animals must include questions about the accuracy of those depictions, especially for documentaries, as they lay claim to being factual. Central in the case of the documentary being analyzed in the present article are questions about the sentience (NG, 2022) of these animals. Do they possess intelligence and emotions? Can they feel pain? According to Parker (2010), the 17th century philosopher Descartes saw nonhuman animals as similar to machines, totally lacking in intelligence and unable to feel pain or anxiety. Of course, a great deal of research has taken place since then. For example, research with a range of nonhuman animals has supported claims of the sentience of cows (MARINO; ALLEN, 2018), sheep (MARINO; MERKIN, 2019), birds (AKERMAN, 2017), fishes (BALCOMBE, 2016), and even flies (BALCOMBE, 2021). Based on such studies by others and his own research on primates, de Waal (2016) asked, in the title of a book: "Are we smart enough to know how smart animals are?"

Not only can beings be classified according to whether or not they are seen as possessing intelligence, but greater understand can be added by classifying intelligence into different categories. For instance, Gardner (2006), referring specifically to humans, posited eight intelligences: bodily-kinesthetic, musical-rhythmic, naturalist, visual-spatial, verbal-linguistic, logical-mathematical, intrapersonal, and interpersonal. Boyatzis et al. (2012) discussed emotional, social, and cognitive intelligence, and Marino (2017) applied these categories to chickens.

The research cited above, as well as the advocacy of Goodall and others (e.g., GOODALL; BECKOFF, 2013) may have been one factor leading to a slight trend in some societies toward greater protection of animal welfare as seen in greater concern for abandoned pets (BRADLEY; RAJENDRAN, 2021), laws affording some protection for pets (TANG, 2021), protections for animals raised to provide food for humans ("Pig farrowing crates", 2022), and some human rights extended to great apes (ORTOLANI, 2018). Another trend that can benefit animals is the use of technology to replace nonhuman animals in research (AERTS et al., 2022) and in the food chain (Good Food Institute, 2022).

ECO-REBEL

Dunayer (2001) accused humans of speciesism (discrimination based on one's species) in the words we use, at least in the case of English. Goodall, a primatologist and a long-time advocate for nonhuman animals, began her research career with chimpanzees in 1960 in Tanzania (GOODALL, 1990). When submitting her first research report to be considered for publication, she took two unorthodox steps: she gave her participants names, whereas standard practice was to use numbers; and she used the relative pronoun *who* to refer to the chimps, whereas standard practice was to use *which* or *that*. In other words about 300 years after Descartes, some attitudes still were little changed in the academic hierarchy. Indeed, now approximately 60 years after Goodall butted heads with journal editors, some style guides, such as the Publication Manual of the American Psychological Association (APA, 2020), advise that the use of *who* be restricted to human animals (CHAU; JACOBS, 2021). Another language issue is whether to use *she*, *he*, or *it* with nonhuman animals when their sex is known (DUNAYER, 2001; MERSKIN, 2022).

2.4 Ecolinguistics

Ecolinguistics analyses visual and word texts by humans to understand how those texts influence and are influenced by humans' interactions with other species and the physical environment, with the goal of enhancing those interactions (International Ecolinguistics Association, n.d.). An increasingly popular tool in ecolinguistics is the book *Ecolinguistics: Ecology, Language and the Stories We Live By* (Stibbe, 2021). Stibbe provided eight categories for use in ecolinguistic investigations. Table 1 presents each category as well as a brief definition and example of the category.

Table 1 – Nine categories for ecolinguistic analysis

Stibbe's Categories	Definition of the Category	Example of Category
Ideologies	Stories about how the world was, is, will, or should be, which are shared by members of particular groups in society.	Humans have the right to dominate the Earth's other species.
Framings	Using stories from one area of life as frames to understand other areas of life.	Instead of treating the climate crisis as an environmental issue, to be dealt with by environment and energy departments alone, we need to reframe it as the overwhelming threat to national and global security which it is (Caroline Lucas, UK Green Party).
Metaphors	Stories that describe something as if it were something else.	Defusing the Global Warming time bomb.
Evaluations	Stories in people's minds about whether an area of life or a group	What is more important: getting food to the hundreds of millions of people

ECO-REBEL

	of people or other species are good or bad, valuable or of little value	suffering malnutrition or maintaining market mechanisms.
Identities	Stories in people’s minds about what it means to be a particular kind of person, including appearance, character, behavior, and values.	Real men eat large quantities of meat, drive big cars, vacation in far-away destinations, and focus on their upward mobility.
Convictions	Stories in people’s minds about whether a particular description is true, certain, uncertain or false.	The notion of anthropogenic climate change is a fraud - the idea that the planet is getting warmer and that human activity is somehow responsible is a pseudo-scientific fraud, it's a big lie, it's a monstrosity (Webster Tarpley in the film <i>The Obama Deception</i>).
Saliency	Stories in people’s minds that areas of life are important or worthy of attention.	Putting something or someone on the front page of a newspaper, in a story with a big headline.
Erasure	Stories in people’s minds that something/someone is unimportant or unworthy of consideration	When talking about recipes for dishes made with chicken flesh, not mentioning the 40 billion chickens slaughtered every year or that most of them live about six weeks before being slaughtered.
Narratives	Stories that trace the origins	A story about the origins of the solar system or of life on Earth.

3 Methodology

The present study analyzes one episode of a television documentary series, *The Hidden Lives of Pets*, first shown on Netflix in 2022, and executive produced by Lucinda Axelsson for Oxford Scientific Films. The series, as its title implies, intends to present humans with previously unknown information about pets. The one episode analyzed here focused on pets’ intelligence. The three other episodes highlighted examples of particular pets’ outstanding abilities in communication and athletics, as well as some pets’ “super senses.” Each of the four episodes lasts approximately 30 minutes. One of the researchers watches Netflix, and the title of the episode about companion animals’ intelligence caught his attention, because he volunteers with organizations that campaign for humans to move away from using other animals for food, and one of the arguments for moving away from slaughtered foods towards alternative foods is that the animals whom humans use for food are intelligent beings, with emotions and social ties. Similarly, in the academic space, this researcher has been part of research teams investigating how language might both reflect as well as reinforce patterns in humans’ interaction with other animals. For instance, one area of language

ECO-REBEL

investigated was the use of the relative pronoun *who* rather than *that* or *which* when referring to nonhuman animals (GILKIN; JACOBS, 2006; DILLON et al., in review). For the current study, the researchers reached out to Axelsson and a colleague to tell them about the proposed research's purpose and to ask for a transcript of the episode, but at the time of the writing of this report, no reply has been received.

Thus, the researchers used only one data collection procedure: repeatedly watching that one episode, searching for salient points, organizing the points, and checking for accuracy, as suggested in the Constant Comparison method of research (GLASER, 1965). The research questions investigated were: (a) what types of intelligence would be highlighted in the show; (b) how would the pets' intelligence be validated; (c) would any reference be made to the intelligence of nonhuman animals generally and to the implications of their intelligence for the ways human animals should treat them; and (d) would non-speciesist language be used when referring to the nonhuman animals?

4 Results

This section first recaps the points the researchers found of interest in the episode on intelligence in the documentary series *The Hidden Lives of Pets*. The episode consists of eight segments. Then, the researchers analyze the data for answers to the research questions listed in the Methodology section.

4.1 Segment 1

The first segment deals with a border collie, Kazuza, who accompanies his human, Bruno, when Bruno does base jumping: using a parachute to jump from a high structure, either a natural structure, such as a cliff (in this case, a 2000-foot cliff), or a built structure, such as a tall building. According to the narrator, initially when they walked in the Swiss mountains, Kazuza would accompany Bruno as an observer when the human base jumped alone, but when Bruno built a special harness so that Kazuza could join Bruno on the jumps, Kazuza displayed no fear before or during the jumps. Kazuza's "emotional intelligence" (4:24) overcomes his innate sense of self-preservation, which otherwise would have stopped him from being a willing participant in base jumping. Salovey and Mayer (1990) defined emotional intelligence as understanding and knowledge of the emotions of oneself and others. According to the documentary, Kazuza trusts Bruno based on his being a very smart dog who can read his human's body language (6:07). Bruno even claims, perhaps jokingly, to believe that Kazuza is a person who was reincarnated as a dog (6:20).

4.2

Segment

2

The episode's second segment tells about Snowball, a male rescue sulphur-crested cockatoo living at a parrot sanctuary. Sanctuaries exist to protect abused and abandoned animals including humans, e.g., some sanctuaries protect farmed animals, such as chickens, cows, and pigs, who would otherwise be killed for their flesh (ABRELL, 2017). Snowball was filmed by people at the sanctuary and became famous, with approximately seven million people viewing him dancing on YouTube. His YouTube dancing brought Snowball to the attention of neuroscience researchers at the University of California. In the documentary, the neuroscientists explain that Snowball is not

ECO-REBEL

copying his dance moves; his dancing is creative (8:30), developing over time in response to music, not by watching humans dance. The neuroscientists also refer to a social element to cockatoos' intelligence, stating that these birds are more likely to dance when a partner joins them.

4.3 Segment 3

The documentary's narrator observed, "The more we enrich our pets' world, the happier they become" (10:03). Furthermore, "our pets' cognitive levels can be boosted to extraordinary levels with the right environment" (10:20). The third segment provides more examples. Two rats, Sophia (wisdom in ancient Greek) and Alethia (truth in ancient Greek), were selected from among six rats based on unspecified tests to be trained to drive specially designed mini-cars. All six rats had been living in what is described as a "Rat Disneyland" (12:50) where they were able to enjoy a great deal of engagement, i.e., not only engagement with a variety of objects, but also social engagement. The main human in this segment, Kelly Lambert, is a professor at the University of Richmond (USA) who has studied rats for 35 years (e.g., LAMBERT, 2011). "Brains need engagement," (12:35), she notes. Lambert observed that physical activity benefited the rats' brains. Although the two rats have names, nonetheless they are referred to as *it*, e.g., Lambert recalls wondering, in the early stages of the research, "How would you get *it* to activate the car?" (12:01). However, the fact that the rats are discussed as a pair, Sophia and Alethia, or as a larger group makes it easy to use *they*.

4.4 Segment 4

Segment four centers on Bini a Holland Lop Rabbit. His human's name is Shai. When Shai initially brought Bini home, the rabbit was kept in a cage, but soon Shai decided to let Bini go anywhere in the apartment. Shortly afterward, Shai saw a "whole new side of his pet" (16:45). When other humans complain to Shai that their rabbits are not as smart as Bini, Shai attributes the difference not to innate intelligence but to differences in environment. One aspect of Bini's intelligence highlighted in this segment is his cognitive intelligence as reflected in his learning and ability to remember what he learned (18:17), e.g., he quickly learned how to use a paintbrush, and the narrator adds, "With patience, love and plenty of treats, Shai has shown how remarkable a relaxed rabbit can be" (18:43).

4.5 Segment 5

The stars of segment five, Nikki and Jack, are African grey parrots whom the documentary uses to demonstrate altruism as an example of social intelligence in pets. The close-knit sister and brother parrots were part of a study along with many other parrots, done at the Loro Parque Foundation, a zoo in Tenerife, Spain. In this study, the experimenters set up a situation involving two parrots, in which one member of the pair had tokens that could be given to humans to get food, but the other had no tokens. Teamwork and empathy, the narrator explains, are needed (22:43). Jack and Nikki readily shared tokens with each other, indicative of the researchers' finding that the closer the bond between two parrots, the more tokens were shared (22:15). Here, we see the close ties that exist in the animals' lives. The human researcher in this altruism segment states her view that Nikki and Jack's sharing demonstrates "how clever they are and that we [humans] should be very respectful toward parrots, but also other animals" (22:51).

4.6 Segment 6

Segment six features Bill, a dog of the lurcher breed. Lurchers are a cross of a hound and another breed, such as a terrier. Bill lives with two humans, Michele and Russell. After Bill's sister Ruby

ECO-REBEL

passed away suddenly, he became especially close to his humans. When Russell broke an ankle and for a while walked with a limp, whenever Bill accompanied Russell, Bill too would walk with a limp, even though when not with Russell, he would walk or run normally. The producers of the documentary interpret this as Bill pretending to suffer with a limp in order to make Russell, the human, feel loved and not abandoned (26:40).

4.7 Segments 7 and 8

The final five minutes of the episode, the seventh and eighth segments, are devoted to intelligence in two other species of nonhuman animals. Gambit, a bearded dragon, is highlighted for his social ability to copy the behavior of another dragon, i.e., to display social learning (29:04). A gate prevented Gambit from accessing food, but when the researchers made a video of another bearded dragon opening the gate and played it for Gambit, he was able to open the gate. The episode's final segment purports to show that in some cases intelligence matters more than appearances, as two male budgerigars, also known as common parakeets, Albert and Bubba, vie for the attention of Debbie, a female. At first, Debbie is with Bubba. Then, the researchers teach Albert a strategy for getting food. When Albert demonstrates the strategy in front of Debbie and Bubba, and Bubba is unable to replicate it, Debbie strays to Albert. The documentary producers label this as "brains over brawn" (29:07).

4.8 Research Questions (a), (b), and (c)

Research question (a) asked which intelligence the pets in the show would display. As noted earlier in the Results section of this paper, all three intelligences – emotional, social, and cognitive – were displayed. Research question (b) asked how the show would attempt to validate the producers' claims about the pets' intelligence. This was done most obviously by allowing viewers to witness behaviors that most humans would probably not expect the nonhumans animals to be able to carry out. Additionally, the producers showed viewers both animal researchers and the pets' humans explaining what the pets had done and providing some background.

The third research question had two parts. One, would the show go beyond highlighting the intelligence of a small number of carefully selected pets? Would the producers also include any implications for what the feats of intelligence witnessed on the show might have for other animals generally and for humans' treatment of other animals? While the other-than-human animals featured in the show were often praised as being exceptional, e.g., the rats who drove the cars were specially chosen as being most likely to succeed, nonetheless, viewers are frequently told that, with proper treatment from humans, nonhuman animals generally are very capable. The narrator stated, "our pets' cognitive levels can be boosted to extraordinary levels with the right environment" (10:20). To the researchers' knowledge, the only statement made about other-than-human animals generally was by the researcher who spoke during the segment on Nikki and Jackie, the grey parrots. Referring to the parrots, she said, "how clever they are and that we [humans] should be very respectful toward parrots, but also other animals."

4.9 Pronouns

Research question (d) asked about the use of speciesist pronouns when referring to the pets. Table 2 indicates whether *she*, *he*, or *it* was used by the humans in each of the eight segments of the intelligence episode of *The Hidden Lives of Pets*.

ECO-REBEL

Segment	Animal Species	Is <i>he</i> or <i>she</i> used or <i>it</i> ?
1	Dog	He
2	Cockatoo	He
3	Rats	It
4	Rabbit	He
5	Parrot	It
6	Dog	He
7	Bearded Dragon	He
8	Budgerigar	He and She

Table 2 – Use of *she*, *he*, or *it* to refer to the nonhuman animals in eight segments of the first episode of *The Hidden Lives of Pets*.

5. Discussion

5.1 A Variety of Species

A few points stood out for their presence or absence in the opening episode of *The Hidden Lives of Pets*, the episode on intelligence. One, as to presence, the episode featured a wide array of examples of the intelligence of various animal species, including not only mammals who are sometimes considered to be “higher animals,” but also three bird species and one reptile species. The types of intelligence displayed included emotional intelligence, cognitive intelligence, and social intelligence. These displays raised further questions as to whether mistreatment of nonhuman animals can be justified by claiming that nonhuman animals lack intelligence and, therefore, deserve to be treated in line with Descartes’ view, to be treated as objects, rather than sentient beings.

5.2 Pronoun Variation

Second, Table 2 provides data related to research question (d). As noted earlier in this article, the use of the pronouns *he* and *she*, similar to the use of the relative pronoun *who*, aligns with a view of our fellow animals as sentient beings, whereas the use of *it*, similar to the use of the relative pronouns *that* and *which*, aligns with a view of our fellow animals as objects. In six of the eight segments of the episode on companion animals’ intelligence, *she* and *he* were used. Given trends toward greater concern for other animals and greater understanding of their intelligence, it was not surprising that the majority of humans used pronouns in line with the documentary’s view of the nonhumans’ animal intelligence. What was surprising was that the only two humans using *it* were people whose professions involve studying the intelligence of nonhuman animals: the researchers in segment three (rats) and segment five (parrots).

5.3 Erasure

The third point that stood out in the results, in relation to research question (c) was the absence of attention to non-pets, in particular the animals whom humans raise for food, e.g., the more than 70 billion land animals slaughtered annually for use as food by humans and humans’ pets, not to mention the hundreds of billions, possibly trillions, of marine animals (HUSSSAIN, 2021). Stibbe (2021) referred to this absence as erasure, i.e., beings or things are not mentioned as they are seen as unimportant. Of course, language has a dual role, both reflecting language users’ views and

ECO-REBEL

promoting views among those who hear and read the language produced by others. Perhaps, the producers of the documentary and those who appear in the documentary, the featured companion animals' humans and the researchers do care about nonhuman animals other than pets, e.g., the researcher in the segment on empathy in parrots urged that humans should be "very respectful toward parrots, but also other animals" (22:51). Furthermore, the theme of the documentary in all four of its episodes is the incredible abilities of nonhuman animals.

Unfortunately, the lives of so many other of humans' fellow animals approach being the exact opposite of the lives of the animals featured in the documentary, but viewers see and hear nothing about these other animals. In the documentary, viewers witness affection, care, mental stimulation, social interaction with others including humans, opportunities for physical activity, more than adequate space, and sufficient food. As the narrator stated, "our pets' cognitive levels can be boosted to extraordinary levels with the right environment" (10:20). Tragically, due to economic imperatives played out in the use of animals for food, on Confined Animal Food Operations (CAFOs), known less euphemistically as "factory farms." On CAFOs, the sentient beings whom humans use for food are subjected to such practices as chickens having their beaks cut so they are less like to injure each other when, as standard operating procedure, thousands of chickens are confined together in windowless buildings, female cows being forcibly impregnated followed (after a pregnancy of about nine months) by removal of their children almost immediately after birth, and species being genetically manipulated in a manner similar to the ways equipment produced in a factory is manipulated to save costs and meet customer preferences. How can these animals develop and manifest their intelligence? How can humans enjoy interaction with these animals, the way that humans in the documentary enjoyed being with their animal companions?

5.4 Conviction and Ideologies

In addition to erasure, two other potentially relevant categories from Stibbe's eight categories for ecolinguistics are conviction and ideologies. Conviction relates to research question (b) how the producers sought to persuade viewers of the accuracy of the show's claims about the animals' capacities. Research on animal sentience has often been questioned, with sceptics wondering how humans can understand the thoughts, emotions, and actions of nonhumans, e.g., a famous area of controversy involves whether fishes feel pain (ROSE et al., 2014). The documentary supports its accuracy via video footage, the backstory supplied on both the nonhuman and human characters in its eight segments, and the use of scientists talking about and showing their research.

Ideologies in Stibbe's system refers to stories shared within groups in society about how the world was, is, will, or should be. Of particular relevance to this article are stories about the place of humans among the other animals. Harari recounted a time about 70,000 years ago when humans were "an animal of no significance" (HARARI, 2014, p. 3). Now, for many humans, other animals' right to exist depends on what they do for humans. For most of these other animals, the story told is that their contribution to humans justifies them being killed by humans who use them, as humans have done for millennia, but on a much smaller, much less industrialized scale, for food and clothing. However, in the case of pets, humans use them for companionship and entertainment. The documentary implies that because companion animals are higher in emotional, cognitive, and social intelligence, they are better companions and have more entertainment value. The implication is that other animals have no intrinsic right to exist.

ECO-REBEL

Are the animals celebrated in the documentary different from the less fortunate members of the animal kingdom, those doomed to live greatly shortened lives in CAFOs? The “meat paradox,” mentioned earlier, might partially explain why “people may emphasize their concern for animal welfare and yet eat meat, the production of which has caused suffering to nonhuman creatures” (AALTOLA, 2019, p. 1125). Other researchers have also investigated this issue, e.g., Joy (2020) posited that humans see their species as superior and view meat eating of some animal species as fulfilling four Ns: “natural,” “normal,” “necessary,” and (sometimes) “nice.” Fortunately, one increasingly feasible method by which humans can cut their reliance on food from animals: using new alternative protein foods (Good Food Institute, 2022) to feed their omnivorous and carnivorous pets (BERRY, 2020).

5.5 Limitations and Suggestions for Future Research

The current study had important limitations that could be addressed by future research. Most obviously, the impact of the show on viewers was not studied. For example, a pre-test/post-test survey of viewers’ opinions as to the intelligence of nonhuman animals, as well as viewers’ behaviors toward nonhuman animals could be done. Also, given this show’s overwhelmingly positive view of the intelligence of the nonhuman animals featured therein, it would be interesting to examine the views presented by other shows on pets or, more broadly, on other animals, e.g., many shows depict the lives of wild animals. These other animals have not been trained by humans to exhibit behaviors such as those featured in the show. However, depending on viewers’ perspectives, the natural behaviors of nonhuman animals might be seen as equally impressive. On the other hand, conceivably the show has an anthropocentric message, i.e., other animals can only excel with human support and guidance.

Another limitation of the study was that no effort was made to contrast the behavior of other-than-human animals in the show, animals who appeared to be given a high level of care, as well as training, with farmed animals whose lives appear to be at the other extreme of the spectrum. Such a contrast would provide insight into how important that treatment of the other-than-human animals on the show was to the behaviors they displayed. Relatedly, does the treatment that humans mete out to farmed animals retard the development of these animals’ intelligence (POLANCO et al., 2021), and can the damage be undone? Perhaps, animal sanctuaries could serve as a venue for such investigations. The researchers in the present study hoped unsuccessfully to speak with some of the humans who appeared in and produced the show. Future researchers might wish to try hard and more skillfully to achieve this. Additionally, studies could contrast media produced by people with different views toward nonhuman animals, e.g., Jacobs and Dillion (2019) contrasted advertisements made by makers of plant-based burgers with advertisements made by manufacturers of burgers made from animals raised on CAFOs.

6. Conclusion

The episode on intelligence in the documentary “The Hidden Lives of Pets” was analyzed using various ecolinguistic tools. The episode further popularizes the growing body of evidence, both from the lay public and from researchers, that humans are sharing the Earth with many other intelligent animals. After reviewing some of the literature on nonhuman animals in various forms of the media, the present article summarized the eight segments of the episode, each segment on one or more members of a different animal species. These animals demonstrated a wide range of

ECO-REBEL

emotional, social, and cognitive intelligences, although at the same time, it was noted that the environments in which these pets lived were highly conducive to the development and display of intelligences. While to be praised for showing the powerful examples of so many other-than-human animals seemingly being treated well and thriving, the documentary seems to have decided to support viewers' happiness, but also viewers' ignorance, by erasing from view the lives of the far larger numbers of animals who are negatively impacted by their interaction with humans.

The authors of the present article contrasted the highly favorable life circumstances of the nonhuman animals in the show with the almost unimaginably unfavorable circumstances of nonhuman animals being raised for food. Future research can examine the potential role of the media in convincing humans to treat more animals the way that the pets in the documentary are treated, for the benefit of both other animals and humans. Perhaps, alternative protein foods, mentioned above as a food source for pets, can also feed some humans, thereby making it easier for humans to show empathy toward a greater range of other animals, not only pets.

References

AALTOLA, E. The meat paradox, omnivore's akrasia, and animal ethics. *Animals*, 9(12), 1125, 2019. <https://doi.org/10.3390/ani9121125>

ABRELL, E. Introduction: Interrogating captive freedom: The possibilities and limits of animal sanctuaries. *Animal Studies Journal*, 6(2), 1-8, 2017. <https://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1318&context=asj>

ACKERMANN, J. *The genius of birds*. New York: Penguin, 2017.

AERTS, L.; MICOLI, B.; DELAHANTY, A.; WITTERS, H.; VERSTRAELEN, S.; DE STROOPER, B.; ... & VERSTREKEN, P. Do we still need animals? Surveying the role of animal-free models in Alzheimer's and Parkinson's disease research. *The EMBO Journal*, 41(6), e110002, 2022. doi.org/10.15252/emboj.2021110002

APA. *Publication manual of the American Psychological Association* (7th ed.). Washington, DC: Author, 2020.

BALCOMBE, J. *What a fish knows: The inner lives of our underwater cousins*. New York: Scientific American / Farrar, Straus and Giroux, 2016.

BASTIAN, B.; LOUGHNAN, S. (2017). Resolving the meat-paradox: A motivational account of morally troublesome behavior and its maintenance. *Personality and Social Psychology Review*, 21(3), 278-299. <https://doi.org/10.1177/1088868316647562>

BEDFORD, E. Global dog and cat pet populations 2018. *Statista*, 2020. <https://www.statista.com/statistics/1044386/dog-and-cat-pet-population-worldwide>

BERRY, D. *Exploring alternative proteins and their place in pet food*. Pet Food Processing, 2020. <https://www.petfoodprocessing.net/articles/14210-exploring-alternative-proteins-and-their-place-in-pet-food>

ECO-REBEL

BOYATZIS, R. E.; GOOD, D.; MASSA, R. (2012). Emotional, social, and cognitive intelligence and personality as predictors of sales leadership performance. *Journal of Leadership & Organizational Studies*, 19(2), 191-201, 2012. 10.1177/1548051811435793

BRADLEY, J.; RAJENDRAN, S. (2021). Increasing adoption rates at animal shelters: A two-phase approach to predict length of stay and optimal shelter allocation. *BMC Veterinary Research*, 17(1), 1-16, 2021. doi.org/10.1186/s12917-020-02728-2

CHAU, M. H.; JACOBS, G. M. (2021). Applied Linguistics, language guidelines, and inclusive practices: The case for the use of who with nonhuman animals. *International Journal of Applied Linguistics*, 31(2), 301–303, 2021.
<https://doi.org/10.1111/ijal.12357>

CURTIN, S. The effect of British natural history television programmes: Animal representations and wildlife tourism. In J. Lester & C. Scarles (Eds.), *Mediating the tourist experience: From brochures to virtual encounters* (pp. 75-90). Abingdon, UK: Routledge, 2016.

DILLON, D.; JACOBS, G. M.; CHAU, M. H. (in review). *Still wrestling with speciesism in English: A study of journal editors' views on using 'who' with nonhuman animals*.

de WAAL, F. (2016). *Are we smart enough to know how smart animals are?* W.W. Norton, 2016.

DUNAYER, J. (2001). *Animal equality: Language and liberation*. Derwood, MD: Ryce Publications.

DUNN, E. A. *Talking animals: A literature review of anthropomorphism in children's books*. [Unpublished master's paper]. University of North Carolina at Chapel Hill, 2011.

GARDNER, H. (2006). *Multiple intelligences: New horizons*. New York: Basic Books, 2006.

GILQUIN, G.; JACOBS, G. M. Elephants who marry mice are very unusual: The use of the relative pronoun who with nonhuman animals. *Society & Animals*, 14(1), 79-105, 2006.
<https://www.animalsandsociety.org/wp-content/uploads/2016/04/gilquin.pdf>

GLASER, B. G. The constant comparative method of qualitative analysis. *Social Problems*, 12(4), 436-445, 1965.

Good Food Institute (2022). *Reimagining protein*. <https://gfi.org>

GOODALL, J. *Through a window: My thirty years with the chimpanzees of Gombe*. New York: Houghton Mifflin, 1990.

_____; BECKOFF, M. *The ten trusts: What we must do to help the animal that we care for*. New York: Harper Collins, 2013.

ECO-REBEL

HARARI, Y. N. *Sapiens: A brief history of humankind*. New York: Random House, 2014.

HUSSAIN, G. (2021). *How many animals are killed for food every day?*, 2021
<https://sentientmedia.org/how-many-animals-are-killed-for-food-every-day/>

JACKSON-SCHEBETTA, L. (2009). Mythologies and commodifications of dominion in *The Dog Whisperer* with Cesar Millan. *Journal for Critical Animal Studies*, 7(1), 107-31, 2009.

JACOBS, G. M.; DILLON, D. (2019). Promoting critical literacy: The case of promotional materials for burgers. *ECO-REBEL*, 5, 16-27, 22019.
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/22804>

JOY, M. *Why we love dogs, eat pigs, and wear cows: An introduction to carnism*. Newburyport, MA: Red Wheel, 2020.

KING-SMITH, D. *Pigs might fly*. New York: Scholastic, 1984.

KORIMBOCCUS, L. (2021). Animal representation on UK children's television. *Networking Knowledge: Journal of the MeCCSA Postgraduate Network*, 14(2), 41-64, 2021.
<https://doi.org/10.31165/nk.2021.142.651>

LAMBERT, K. *The lab rat chronicles: A neuroscientist reveals life lessons from the planet's most successful mammals*. Lille, France: Perigee, 2011.

LERNER, J. E.; KALOF, L. The animal text: Message and meaning in television advertisements. *Sociological Quarterly*, 40(4), 565-586, 1999..
<https://doi.org/10.1111/j.1533-8525.1999.tb00568.x>

MARINO, L. Thinking chickens: A review of cognition, emotion, and behavior in the domestic chicken. *Animal Cognition*, 20(2), 127-147, 2017.

MARINO, L.; ALLEN, K. (2017). The psychology of cows. *Animal Behavior and Cognition*, 4(4), 474-498, 2017.
[dx.doi.org/10.26451/abc.04](https://doi.org/10.26451/abc.04)

MARINO, L.; MERSKIN, D. Intelligence, complexity, and individuality in sheep. *Animal Sentience*, 4(25), 2019. 10.51291/2377-7478.1374.
<https://www.wellbeingintlstudiesrepository.org/animsent/vol4/iss25/1>

MEEUSEN, M. Power, prejudice, predators, and pets: Representation in animated animal films. In C. Hermansson & J. Zepernick (Eds.), *The Palgrave handbook of children's film and television* p. 345-361, 2019. London: Palgrave Macmillan. 10.1007/978-3-030-17620-4_19

MERSKIN, D. (2022). *She, he, not it*: Language, personal pronouns, and animal advocacy. *Journal of World Languages*, 8(2), 2022. [10.1515/jwl-2022-0018](https://doi.org/10.1515/jwl-2022-0018)

ECO-REBEL

MILLS, B. (2010). Television wildlife documentaries and animals' right to privacy. *Continuum*, 24(2), 193-202. 2010.
<https://doi.org/10.1080/10304310903362726>

_____. *Animals on television: The cultural making of the non-human*. London: Palgrave Macmillan, 2017.

NG, Y. K. (2022). No need for certainty in animal sentience. *Animal Sentience*, 32(6), 2022. 10.51291/2377-7478.1716

NIKOLAJEVA, M. (2016). Recent trends in children's literature research: Return to the body. *International Research in Children's Literature*, 9(2), 132-145, 2016.
<https://doi.org/10.3366/ircl.2016.0198>

ORTOLANI, G. *Citizen ape: The fight for personhood for humans' closest relatives*. Mongabay, 2018. <https://news.mongabay.com/2018/10/citizen-ape-the-fight-for-personhood-for-humans-closest-relatives>

PARKER, J. V. (2010). *Animal minds, animal souls, animal rights*. Milburn, NJ: University Press of America, 2010.

Pig farrowing crates: Govt seeks feedback on banning or limiting use. (2022, April 29). *NZ Herald*.
<https://www.nzherald.co.nz/the-country/news/pig-farrowing-crates-govt-seeks-feedback-on-banning-or-limiting-use/6GKQRFSTO3VJ6ZEPTSILSU5RM>

POLANCO, A.; MEAGHER, R.; MASON, G. (2021). Boredom-like exploratory responses in farmed mink reflect states that are rapidly reduced by environmental enrichment, but unrelated to stereotypic behaviour or 'lying awake'. *Applied Animal Behaviour Science*, 238, 2021, 105323. 10.1016/j.applanim.2021.105323

ROSE, J. D.; ARLINGHAUS, R.; COOKE, S. J.; DIGGLES, B. K.; SAWYNOK, W.; STEVENS, E. D.; WYNNE, C. D. Can fish really feel pain? *Fish and Fisheries*, 15(1), 97-133, 2014.
doi.org/10.1111/faf.12010

SALOVEY, P.; MAYER, J. D. Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9(3), 185-211, 1990.

STIBBE, A. *Ecolinguistics: Ecology, language and the stories we live by* (2nd ed.). Abingdon, UK: Routledge, 2021.

TANG, L. NParks reviewing penalties for animal cruelty and abuse as calls by MP and welfare groups get louder. *TODAY Online*, (2021, October 31).
<https://www.todayonline.com/singapore/nparks-reviewing-penalties-animal-cruelty-and-abuse-calls-mp-and-welfare-groups-get-louder>

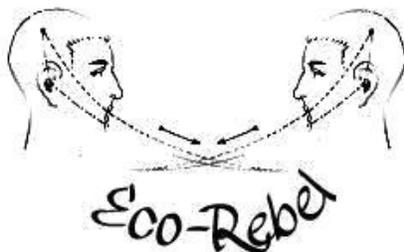
ECO-REBEL

WANG, F.; BASSO, F. (2019). “Animals are friends, not food”: Anthropomorphism leads to less favorable attitudes toward meat consumption by inducing feelings of anticipatory guilt. *Appetite*, 138, 2019, 153-173.

10.1016/j.appet.2019.03.019.

Aceito em 20/12/2022.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 1, 2023.



ECO-SINTROPIA: UMA ANÁLISE DA AGRICULTURA SINTRÓPICA DE ERNST GÖTSCH A PARTIR DA COMPLEXIDADE

Marcelo Moreira Santos (Faculdade Estácio de Sá)

Resumo: O intuito deste artigo é compreender a dinamicidade ecossistêmica encontrada na agricultura sintrópica de Ernst Götsch. O que se pretende, ao longo do texto, é analisar as noções empírico-práticas desenvolvidas por Götsch a partir de conceitos de teóricos dos sistemas (como Edgar Morin, Mario Bunge, Ilya Prigogine e Jorge Albuquerque Vieira) em conjunto com a Semiótica de Charles S. Peirce. É a partir desta dialogia, de noções e conceitos, que o artigo se desdobra colocando tal arcabouço teórico a serviço da metodologia da agricultura sintrópica. Portanto, o que se almeja, ao longo deste trabalho, é o fortalecimento conceitual desta metodologia a partir do escopo da Complexidade.

Palavras-Chaves: Agricultura Sintrópica; Agro-Ecosistema, Agroecologia; Eco-Comunicação; Complexidade.

Abstract: The purpose of this article is to understand the ecosystem dynamics found in Ernst Götsch's syntropic agriculture. The objective, throughout the text, is to analyze the empirical-practical notions developed by Götsch from concepts of systems theorists (such as Edgar Morin, Mario Bunge, Ilya Prigogine and Jorge Albuquerque Vieira) together with Charles S. Peirce's Semiotics. It is from this dialog, of notions and concepts, that the article unfolds, placing this theoretical framework at the service of the methodology of syntropic agriculture. Therefore, what

ECO-REBEL

is intended, throughout this work, is the conceptual strengthening of this methodology from the perspective of Complexity.

Keywords: Syntropic Agriculture; Agro-Ecosystem; Agroecology; Eco-Communication; Complexity.

Introdução

A metodologia adotada pelo agricultor Ernst Götsch se articula pelo caminho de um diálogo aberto ou eco-comunicação (MORIN, 2005, p. 55), isto é, o que se desenvolve na agricultura sintrópica (REBELLO; SAKAMOTO, 2021) é a construção de elos/vínculos sistêmicos e sinérgicos em prol da comunicação em várias camadas de interação: a) entre o sol e as plantas; b) entre o agricultor e o ecossistema; c) entre o ecossistema e os indivíduos nela inseridos; d) entre as raízes das árvores, suas copas e estratos distintos; e) entre as diferentes temporalidades e sequencialidades de desenvolvimento, florescimento e maturação das espécies consorciadas; f) entre as topologias e relevos encontrados nas áreas de cultivo e as espacialidades criadas pelos consórcios e integrações entre espécies e indivíduos; g) entre as histórias ou narrativas de cada agro-ecossistema promovido pelo agricultor (ou por um grupo de agricultores e suas famílias) dentro de um espaço-tempo distinto.

Para que a agricultura sintrópica se torne possível é preciso uma mudança interpretativa sobre a natureza e esta mudança ocorre quando percebemos que a natureza, em seu aspecto ecossistêmico, é um organismo vivo inteligível, criativo, longe do equilíbrio, e que busca, ao longo do tempo, autonomia, permanência e auto-generalidade (produção contínua).

Ao estudar a interação das espécies em um ecossistema, o biólogo Jakob von Uexküll observou que existia uma faixa de leitura de cada espécie, isto é, em meio a multiplicidade de signos e linguagens disponíveis em diversos níveis semióticos pululando de todas as partes em um meio ambiente, as espécies “leem” ou decodificam aquilo que estão aptas a computar, mediar.

O “Umwelt” de Uexküll, que traduzido significa “o mundo à volta” ou “o mundo em torno”, seria uma espécie de “bolha” (VIEIRA, 2007, p. 24) ou rede semiótico-perceptivo-computacional particular pela qual cada espécie (vegetal, animal, fungos, vírus etc.) traduziria as informações no ecossistema em que está inserida em conformidade com sua capacidade de interpretar.

Para muitas espécies muitos signos são totalmente ignorados ou desconhecidos, pois não transitam em sua faixa de percepção-cognição-mediação ou faixa inter-simbólica (VIEIRA, 2007, p. 58).

ECO-REBEL

Entretanto, isso não quer dizer que não haja informação a ser decodificada e/ou interpretada, apenas de que não estamos aptos a compreender o que foi transmitido naquele ambiente. Para muitos, a natureza é uma cacofonia sem fim em que 'ninguém' se entende, entretanto, um agro-ecossistema sadio nos ensina que esta mesma cacofonia é um sinal positivo, pois é por meio dessa eco-comunicação (trocas múltiplas e variáveis, concorrentes, antagônicas e complementares) que um sistema se torna autossustentável para todos nele integrados¹.

De fato, tais espécies tomam corpo e se desenvolvem pela complexidade com que dialogam entre si, pelos intercâmbios sîgnicos que são capazes de realizar e, principalmente, manter e entreproduzir, portanto, transformar (MORIN, 2008a, p. 148), transformando-se.

O que a metodologia de Ernst Götsch nos ensina é que é preciso promover a eco-comunicação no sistema para que todos sejam beneficiados e a produção sustentável surja, em abundância.

De fato, sintropia não pode ser vista como o inverso da entropia, e sim como seu irmão gêmeo. Ao contrário do que se supõe, o meio ambiente não trabalha por meio de processos dicotômicos como bem e mal, certo e errado, até porque algo que pode ser benéfico a uma espécie, pode ser nocivo a outra, e/ou vice-versa. A sintropia configura uma circularidade, recursiva e retroativa, de complementaridades sinérgicas interatuantes. Enquanto a entropia atua na degeneração do sistema e na dissipação de energia (PRIGOGINE, 2002, p. 21), a sintropia atua na transformação, do que se degenera e dissipa, em novas possibilidades de *reuso*, *reutilização*, *ressignificação*, *reintegração* e *reorganização*.

É uma *cultura* – de origem não-humana, mas da própria natureza físico-química (PRIGOGINE, 2011, p. 66-67) – aberta a esta circularidade do imperativo 're' (MORIN, 2008a, p. 373), ou seja, uma cultura que está se *reinventando/recrindo* (*poiésis*) a todo momento e que busca condições do meio para encontrar sua homeostase, ou (re)equilíbrio constante, ou *auto-eco-organização* (MORIN, 2008a, p. 83-87).

Dito isso, podemos afirmar que a entropia só se torna um problema intransponível se não fornecemos as condições necessárias para a sintropia atuar. De fato, se a sintropia tiver a chance de ser promovida, o próprio sistema se autorreorganiza e encontra um caminho para sua autossustentabilidade. Aliás, este é o legado da metodologia de Götsch e que perfaz todo seu

¹ Aliás, o silêncio, como apontado por Rachel Carson em 1962 em seu antológico livro *Primavera Silenciosa*, é um forte índice de que estamos diante da degenerescência do ecossistema.

ECO-REBEL

argumento empírico-prático diante de um planeta apto a se regenerar e reencontrar sua existência abundante.

Se por um lado esta cultura sintrópica é aberta a circularidade do imperativo 're', por outro lado, ela é fechada em um processo de troca ou comunicação constante e circular. Do solo às copas das árvores, dos estratos aos consórcios, das sucessões de espécies às podas rotineiras, da incidência de luz solar ao microclima da região, tudo perfaz uma troca intermitente de signos/energias em várias escalas de tempo, espaço e mediações. Uma cultura sadia é aquela que permite esta troca de informações de forma sinérgica, contínua e interdependente.

É por meio dessa troca (comércio dos signos) que se torna possível a solidariedade. E, solidariedade não exclui a concorrência e o antagonismo, ao contrário, é por meio das inibições, repressões e disputas egoístas (de cada espécie) que se instaura um equilíbrio ou homeostase. Assim sendo, os antagonismos e concorrências favorecem, de forma solidária, a convivência, a existência e permanência de todas as espécies e indivíduos consorciados dando-lhes proteção e defesa, contendo excessos e carências, conferindo auto-eco-organização e dominância territorial. Aliás, é esta sinergia de signos que molda a eco-semiose, ou melhor dizendo, a ação do signo/energia em um ecossistema. De fato, em um agro-ecossistema as carências de uma espécie podem ser supridas pela sua convivência/associação/consórcio com outras espécies 'amigas' em seu entorno bastando que esta 'informe' a sua 'comunidade' um determinado problema. É exatamente essa dialogia informativa (eco-semiose) entre diferentes espécies consorciadas que acaba fortalecendo todo o sistema. Assim sendo, as potencialidades e fraquezas são partilhadas (WOHLLEBEN, 2017, p.16) formando comunidades permeadas por um equilíbrio sinérgico ou auto-poético (MORIN, 2008a, p. 130).

A sintropia, então, ecod depende de uma variabilidade de trocas de informações/energias em camadas diversas e faz da entropia o canal para soluções criativas e sustentáveis (PRIGOGINE, 2011, p. 77). Neste regime de sentido, a entropia é vista como algo de grande importância para a produtividade constante do sistema, pois traz a possibilidade de rearranjos semióticos intermitentes ou uma constante co-evolução e, por que não dizer, aprendizagem. Assim, toda 'desordem' ou entropia é vista, não como um inimigo a ser eliminado, mas um parceiro a ser compreendido, criando a possibilidade de um conhecimento adquirido, partilhado por toda a eco-organização.

Portanto, a agricultura sintrópica coloca o *homo sapiens* como um operador de transformações semânticas ou dialogias sinérgicas. E, é por meio de suas intervenções no sistema (em seu manejo

ECO-REBEL

rotineiro) favorecendo a sintropia, que o agro-ecossistema floresce e abunda em comunicação e, conseqüentemente, em produção e sustentabilidade.

Assim sendo, é por meio da eco-comunicação que poderemos compreender e adquirir conhecimento sobre: a) quais as melhores *sintaxes/consórcios* entre espécies poderão ser mais produtivas para uma determinada região do planeta; b) qual o melhor *design informativo* (ou *Gestalt*) para uma fazenda ou sítio no que tange à operacionalidade da sinergia comunicativa e suas mediações – ressonâncias (PRIGOGINE, 2011, p. 43) – ecológicas; c) e qual a melhor *historicidade* (organização semântica) para o agro-ecossistema a ser desenvolvido pelo agricultor no que tange às espécies matrizes que vão 'puxar' (atratores) ou dar um sentido à cinética (PRIGOGINE, 2002, p. 56) (movimentação produtiva) da propriedade: se frutas cítricas, se o cacau, se madeira de lei, se o açaí, se a produção bovina etc., ou todas estas em conjunto.

1. Sobre caos, incertezas e sistemas longe do equilíbrio

Edgar Morin (2008a, p. 105) explica que os organismos vivos encontraram nas interações as formas de se auto-organizarem. Ao longo dos tempos, tal processo ocorreu por meio e devido às trocas constantes que, a seu turno, se transformaram em relações e inter-relações, com funcionalidades distintas, sejam especializadas e/ou polifuncionais, gerando integrações permeadas por interseções, ajustes e adaptações numa cadeia ecológica de ações plurais, criando conjuntos ou sintaxes e correlações que permitiram o desenvolvimento de diversos ambientes férteis (*Gestalt*) para o crescimento de sistemas, ecossistemas, micro-ecossistemas e macro-ecossistemas em diferentes escalas e espacialidades distintas.

É preciso compreender, portanto, que a vida em si é eco-dependente de uma pluralidade de sistemas que se autorregulam mutuamente por meio de homeostases ou equilíbrios sinérgicos complementares. Entretanto, para que essa riqueza ecossistêmica se tornasse viável, a natureza 'aprendeu' a difundir nos sistemas eco-reguladores um volume gigantesco de possibilidades: sementes, pólenes, espermas, espécies, indivíduos, sistemas etc., ou como Morin observa (2008a., p. 112): existe muita energia dilapidada e um tanto de hemorragia dispersiva na configuração de um sistema ativo, ou vivo.

Desta abundância de possibilidades potenciais é que surgiu a irreversibilidade (a seleção, ajustes, adaptação) e desta a provável: rede sinérgica homeostática correlativa e complementar, ou

ECO-REBEL

simplesmente, vida. Assim sendo, foi a instabilidade caótica (entrópica) das interações que obrigou, por meio de mediações, aprendizagens, e o aprimoramento de novos hábitos/leis, que os sistemas encontrassem suas homeostases correlativas. Como Prigogine (2002, p.29) esclarece: sem a entropia impulsionando a complexidade dos sistemas não haveria vida na Terra, e muito menos o *homo sapiens*.

A metodologia de Ernst Götsch trabalha exatamente por este viés pragmático da natureza: a) dispersão/difusão de possibilidades germinativas; b) seleção/correlação de indivíduos; c) mediação/aprendizagem/crescimento do sistema, de uma maneira sempre circular, temporal, recursiva e retroativa. De fato, Götsch administra esta 'lógica da natureza' colocando-a em constante atividade para o desenvolvimento de produções abundantes.

Existe muita instabilidade, riscos, variáveis e possibilidades na configuração e ativação de um processo tão complexo quanto o observado na agricultura sintrópica de Ernst Götsch. Este tipo de agricultura faz da instabilidade, da irreversibilidade e da probabilidade o seu combustível, a sua energia cinética (PRIGOGINE, 2002, p. 22).

A “muvuca”, por exemplo, é uma clara maneira de se constatar esta dinâmica imprevisível. Neste modelo de plantio planta-se, em conjunto, um volume considerável de sementes de espécies diferentes em um mesmo canteiro promovendo, já de início, uma abundância de possibilidades germinativas. Entretanto, neste pujante contexto primevo, é notório que algumas espécies comecem a despontar, enquanto outras não. E, mesmo as sementes que germinam e seguem seu curso de desenvolvimento, ainda assim, há casos de plantas que nem se tornam as 'melhores', em termos de produtividade e eficiência. Esta incerteza, na base do sistema, é a grande riqueza da metodologia da agricultura sintrópica.

Em uma sequência de canteiros trabalhados para o plantio, o agricultor faz o seu consórcio de espécies: planta árvores frutíferas, de madeira de lei, grãos diversos na muvuca etc., tudo ao mesmo tempo e/ou respeitando as distâncias de plantio, os ciclos de desenvolvimento de cada espécie, os estratos (baixo, médio, alto, emergente) etc., para depois plantar outras em sequência, formando uma diversidade agroflorestal. Em alguns casos, por exemplo, é necessário fazer plantios com dias de diferença, como plantar uma bananeira e depois de 15 (quinze dias) de crescimento, plantar uma abóbora em seu pé para não atrapalhar os primeiros dias da bananeira.

A partir desta variedade abundante inicial, o agricultor observa, mediação/interpretação, o crescimento das espécies e, dependendo da adaptabilidade das mesmas ao solo, à incidência de

ECO-REBEL

luz, aos consórcios etc., umas vão se desenvolvendo melhor que outras, permitindo que o agricultor vá aparando e intervindo em uma forma de seleção dos 'melhores' indivíduos para seu agro-ecossistema futuro.

Por certo, as espécies que vão ficando pelo caminho fornecem a biomassa necessária para a manutenção e/ou o enriquecimento da biocenose do solo, sendo estas podadas, cortadas/trituradas e colocadas aos pés e/ou no entorno das espécies selecionadas para permanecerem no sistema. Se transformando, portanto, em alimento e fortalecendo a micorriza² (a rede eco-comunicativa do solo) do agro-ecossistema.

Dessa forma, o agricultor parte das possibilidades de várias sementes e árvores plantadas em conjunto para depois passar por um processo de irreversibilidade (as mais adaptadas e/ou as escolhidas para a agrofloresta do futuro seguem no sistema enquanto que as que ficam pelo caminho, por meio do raleamento e podas, são reaproveitadas para melhorar o solo) para, em seguida, surgir um contexto de probabilidade real de cultivo agro-ecossistêmico com os indivíduos que vão formar (a *Gestalt*) da agrofloresta do futuro.

O nome deste processo dinâmico (possibilidade-irreversibilidade-probabilidade) é chamado por Ilya Prigogine (2002, p. 52) de sistema longe do equilíbrio e/ou sistemas ditos 'caóticos'. Assim, é por meio desta dinamicidade caótica, variável e instável que os sistemas auto-organizados e criativos surgem e estão aptos a permanecer ativos, ou vivos. Aliás, pode-se dizer que a única maneira de se compreender, de fato, a agricultura sintrópica é observando e aprendendo com suas incertezas, variabilidades e singularidades.

Vale ressaltar que um sistema vivo, como um agro-ecossistema, é algo dinâmico e mantê-lo constante e em círculo-evolução depende de administrar e manejar os diferentes fluxos temporais/informacionais interativos em rede formando sinergias complementares. Isto corresponde a dizer que certas espécies e suas correlações podem tanto cooperar para a estabilidade quanto para sua desordem.

É preciso não rejeitar esse caráter movediço das incertezas, dos desvios, das rupturas (*feedback* negativo), mas assimilá-lo, compreendê-lo, aprender e reverter as circunstâncias (*feedback* positivo), em benefício do próprio agro-ecossistema.

² Hoje já se sabe que a micorriza (associação entre fungos e raízes de plantas) é a rede de comunicação no contexto da biocenose dos solos (REBELLO; SAKAMOTO, 2021, p.28).

ECO-REBEL

Aliás, a estabilidade do sistema (homeostase) advém desse intermitente fluxo de intercâmbios interno e externo, e tal constância é adquirida devido à abertura (interpretação da natureza) e fechamento (o projeto da agrofloresta do futuro) do sistema.

Entretanto, a estabilidade não aplaca a desorganização e a desordem; ela a assimila e a explora por meio de *feedbacks* positivos (constância, circuito, recalque das perturbações) e negativos (dispersão, desvio, desregramento) em um jogo sistêmico de aprimoramento e amadurecimento da própria organização ativa (agro-ecossistema) e do próprio agricultor imerso no processo.

Morin explica que “Toda criação, toda geração, todo desenvolvimento e até toda informação devem ser pagos com entropia” (MORIN, 2008a, p. 98). Portanto, regularidade implica ter a sensibilidade (estética), a conduta (ética) e o conhecimento (lógico) (PEIRCE, 2000, p. 197-209) necessários para equilibrar os reveses, contratempos e problemas que surjam no percurso de realização de um agro-ecossistema.

Neste caso, a regulação não visa a burocracia, o maquinal, mas o *maquinante* (MORIN, 2008a, p. 282), isto é, a gênese constante: o transformar a turbulência, o ondulatório, aleatório, caótico, em turbilhão, em força motriz de transformações. Assim, a regularidade pragmática (ou a "inteligência prática" como Götsch a chama) visa manter o “calor”, a energia cinética, a movimentação, o fluxo, a organização e a criatividade em atividade.

2. Sobre atratores, sinergias e multi-processos

Ernst Götsch ressalta em seus cursos e palestras que cada agro-ecossistema sintrópico tem a sua própria história. Isto se deve, em grande medida, a vários fatores como: o bioma, a topologia da região, ao ecossistema, os indivíduos e as espécies consorciadas em um determinado local adotado, e, claro, os agricultores envolvidos. Não é uma técnico-ciência a ser empregada de forma generalizada, sem observações e/ou ajustes mútuos às características de cada meio ambiente. Há de se construir a sintropia em conformidade e respeitando o tempo, o espaço, a incidência de luz, o relevo e as características socioeconômicas e ecológicas do lugar.

Uma fazenda, por exemplo, não é algo indiferenciado, ao contrário. Certas porções encontradas em uma única propriedade podem ter características de solo, de incidência de luz, de fornecimento de água tão distintos que alçá-las a um mesmo patamar indiferenciado de ação sobre a mesma corresponderia a acelerar sua desordem, acarretando degeneração do sistema, e não a sua sintropia sinérgica complementar.

ECO-REBEL

Na agricultura sintrópica, cada porção/canteiro de terra atua como um microsistema que vai se aglutinando e se correlacionando com outros canteiros, formados ou em desenvolvimento, ao longo do tempo, construindo/tecendo um amplo macro-ecossistema (ou fazenda/sítio) interatuante e interdependente.

É esta peculiaridade distinta das porções/átomos/áreas de terras a serem cultivadas que merece ser observada com maior cuidado pelo agricultor.

Segundo Jorge Albuquerque Vieira (2008, p. 89), existem três parâmetros classificatórios fundamentais para observar-se um sistema: sua capacidade de permanência, seu meio ambiente e sua autonomia. Ainda dentro dessa perspectiva, para um sistema consolidar-se como tal, existem parâmetros chamados hierárquicos ou evolutivos, isto é, dependentes do fator tempo para estabelecerem-se, delineados da seguinte forma: composição, conectividade, estrutura, integralidade, funcionalidade e organização, todos permeados por um parâmetro que pode surgir desde o primeiro estágio: a complexidade. Assim, um sistema é caracterizado por seu processo temporal e sua capacidade de crescimento e desenvolvimento. A complexidade de tal movimento temporal se dá pela diversidade de conexões, integrações e intercâmbios (correlações) que são realizados em prol da sobrevivência do sistema.

Dentro de um agro-ecossistema (um sistema autossustentável de produção de alimentos permeado pela construção de uma biodiversidade abundante) cada espécie consorciada, em sua especificidade, é responsável por um fragmento semiótico, –generativo e fenomênico (MORIN, 2008a, p. 403) – que passa pelo crivo de sua germinação, desenvolvimento e produção.

Esse fragmento semiótico tem de a) conectar-se; b) traçar relações; c) estruturar-se, isto é, estabelecer e fortalecer as relações intersemióticas (de intercâmbio) ao longo do período articulação e desenvolvimento da historicidade do sistema ou a agrofloresta do futuro; d) integrar-se a outras espécies em um processo de complementaridade semântica e sistêmica; e) cumprir uma função, visando uma cooperação mútua, interdependente e ecológica; f) e corporificar-se em uma organização (ou organicidade) coesa o suficiente a fim de que consiga desenvolver uma regularidade pragmática (trocas sistêmicas de informação/energia) durante todo o processo de desenvolvimento agro-ecossistêmico.

Aliás, os parâmetros de coesão e coerência são também parâmetros de consolidação de um sistema. A coesão lida com a sintaxe entre espécies e indivíduos, e sua articulação e efetividade conjunta. A coerência lida com a semântica que se desenvolve em prol de uma dialogia intersemiótica (eco-

ECO-REBEL

semiose) entre essas espécies para a construção de sentido entre os mesmos, em um todo integrado, complexo e significativo.

É preciso compreender que a construção de sentido está atrelada à historicidade do sistema, isto é, por qual caminho o agricultor está projetando seu agro-ecossistema.

De fato, esta projeção (a agrofloresta do futuro) é que move os parâmetros de coesão e coerência no sistema, isto é, é esta ideia matricial que projeta todos os elementos constitutivos do agro-ecossistema: a preparação dos solos, a muvuca, os canteiros, as sequencialidades, os consórcios entre espécies, os estratos, o manejo e poda constante e inteligente, as topologias, os ajustes e realinhamentos diante dos problemas, dos sucessos e êxitos sistêmicos.

A nucleação do agro-ecossistema em uma ideia matricial permite que o agricultor compreenda os rumos de sua intervenção (manejo) no sistema, dá-lhe um sentido às suas ações ecológicas (MORIN, 2005, p. 100-103). Este projeto *in futuro* tem de ser capaz de favorecer o florescimento das ressonâncias/sintaxes entre as espécies, isto é, tem de ser capaz de promover a sinergia complementar dentro do ecossistema projetado.

Como notas musicais que juntas formam acordes rumo a uma melodia, as ressonâncias (PRIGOGINE, 2011, p. 43) são os momentos em que estes 'acordes' de espécies encontram e geram momentos de solidariedade e integração semânticas promovendo, ao mesmo tempo, as suas eco-atividades individuais (fotossíntese, absorção de água e de nutrientes do solo etc.) e suas eco-soluções conjuntas (formando comunidades, melhorando a eco-comunicação e tecendo solidariedades e partilhas entre espécies), coevoluindo rumo a uma melodia (*autopoiésis*) cujo autor é tanto o agricultor quanto todas as espécies consorciadas. Aliás, o valor qualitativo dos consórcios entre espécies está na perspectiva de construção destas ressonâncias: recursivas e retroativas.

Entretanto, um sistema ativo é algo vivo, ora uma espécie se torna protagonista enquanto outras são coadjuvantes, ora as coadjuvantes se tornam protagonistas. Assim sendo, todas as espécies inseridas no sistema têm o seu momento semiótico mais preponderante, isto é, seu momento de gerar 'frutos' e preparar o 'terreno' para as próximas protagonistas, em contínuo.

De fato, cada espécie passa por fases evolutivas de maneira diferenciada e em momentos específicos durante a produção do agro-ecossistema. Daí o termo círculo-evoluções, pois o fim de um processo é o começo de um outro, *ad infinitum*. Ou como Morin define é um: “(...) multiprocesso retroativo se fechando em si mesmo a partir de múltiplos e diversos circuitos (...)”

ECO-REBEL

(MORIN, 2005, p. 231). Por isso o chamamos de policircuito recursivo (retorno intermitente) retroativo (expansivo) em constante transformação, sintropia, semiose.

Esse *design* agroflorestal sintrópico, com suas temporalidades distintas ou flutuações (PRIGOGINE, 2011, p. 59), demanda uma atenção redobrada do agricultor. Pois, ora são as hortaliças que são as protagonistas do agro-ecossistema, ora são as frutíferas, ora são as madeiras de valor econômico mais rentável, ora, mais adiante, derrubamos algumas espécies, raleando-as, retomamos outras vezes, até estágios anteriores, para abrir espaço para outras frutíferas que desejamos em outros momentos dentro do sistema, numa constante recursividade e retroatividade, *ad infinitum*.

Esta circularidade eco-produtiva simboliza exatamente esta difusão e dispersão (PRIGOGINE, 2011, p. 45) (possibilidade) por diferentes eixos que vão se transformando, amadurecendo ao longo do tempo (irreversibilidade) permitindo que a sintropia atue ressignificando o sistema: entre as partes e o todo, entre o todo as partes.

Entretanto, se tais flutuações semânticas ocorrem, é porque existe algo que as tenciona para pontos focais cujos fluxos semióticos ressoam, convergem, se complementam entre si. Tais pontos focais, em sistemas longe do equilíbrio, são chamados de estruturas atratoras (VIEIRA, 2007, p.53) e estas estruturas definem os momentos pelos quais as espécies vão atingir sua idade de produzir alimentos e/ou contribuir para o sistema preparando o terreno para as outras espécies a serem integradas na agrofloresta, em constate evolução.

O tempo não pode ser visto como algo único e uniforme, aliás, este é o erro clássico que Mario Bunge critica em seu texto “A Flecha do Tempo” (BUNGE, 2007, p. 331). De fato, existem flechas do tempo distintas: a flecha do tempo da Via-Láctea, do Sistema Solar, da Terra, dos reinos, das espécies, da humanidade, das células, das moléculas, dos átomos etc., todas convivem, complementam-se em camadas. Ainda que alguns nem saibam ou percebam tais temporalidades entre si, as variações do tempo dos eventos e das mudanças existem e afetam-se mutuamente em diferentes escalas.

A dinâmica encontrada na flecha do tempo de um agro-ecossistema sintrópico é tecida por meio de um jogo sistêmico interativo de camadas ou fluxos semióticos cujas temporalidades e sequencialidades se complementam, divergem, flutuam e ressoam entre si. Entretanto, essas camadas, quando bem manejadas (no raleamento e nas podas inteligentes) pelo agricultor, convergem estes fluxos em prol do agro-ecossistema como um todo.

ECO-REBEL

Se a nossa produção é voltada para o cacau, por exemplo, então esta espécie se torna o nosso atrator macro. Assim, em nosso projeto da agrofloresta do futuro, temos que fazer com que as outras espécies consorciadas, ao longo do caminho, desde a placenta 1 (REBELLO; SAKAMOTO, 2021, p. 37-39, 2021), aprimorem e ressignifiquem o ambiente, a biocenose do solo e eco-comunicação do sistema para poder, em consequência, gerar o melhor ecossistema para que a espécie atratora macro escolhida se estabeleça, em abundância. Pois, será esta a responsável pela manutenção econômica do empreendimento.

Porém, mesmo que haja um atrator macro ditando os rumos do agro-ecossistema, o agricultor tem que compreender também as dinâmicas de atratores menores inseridos neste projeto futuro. Quando consorciamos espécies de estratos diferentes com funções distintas, temos que fornecer a cada espécie seu momento de contribuição ao sistema. Esta contribuição pode ser variável, ao longo do tempo, porém ela é imprescindível na dinâmica de um sistema ativo, vivo.

Assim, tais atratores funcionam como coordenadores legaliformes (VIEIRA, 2007, p. 63), isto é, coordenadores de sentido pelo qual todas as outras espécies irão confluir, cooperar, compartilhar. De fato, é devido às estruturas atradoras que todas as outras espécies são organizadas em termos de difusão de informação, *performance* e solidariedade.

Tal processo legaliforme seria, portanto, a geometrização (a organização topológica) dos diferentes fluxos informativos/sígnicos/temporais, e, de fato, sua função seria a de manter e regular a sinergia entre as espécies consorciadas, em suas diferentes sequencialidades: placenta 1, placenta 2, secundárias 1, secundárias 2, clímax (REBELLO; SAKAMOTO, 2021, p. 50), conferindo sempre um retorno (recursividade) à fonte, à ideia matricial, isto é, à agrofloresta do futuro.

À medida que as ressonâncias (sintaxes) evoluem dentro do ecossistema, uma espacialidade topológica (forma/*Gestalt*) surge pautada pela dinamicidade dos atratores nela inseridos. Conforme os atratores vão agindo por meio de um volume de circuitos e multiprocessos (o final de um estágio, é o início de outro, *ad infinitum*) uma sequência narrativa – ou historicidade (PRIGOGINE, 2002, p. 24) – vai se expandindo, ao longo do tempo, contribuindo para a formação de rincões auto-poéticos de bio-eco-diversidade.

Conclusão

A metodologia da agricultura sintrópica se desenvolve pelo caminho de uma cooperação entre espécies inseridas em um ecossistema, e este ecossistema, a seu turno, retroage recursivamente sobre cada indivíduo garantindo-lhes um ambiente mais saudável para o desenvolvimento de todos, de forma a promover integrações e convivências múltiplas, solidárias.

Porém, para que isso se torne eficiente é preciso avaliar cada contexto/realidade e a partir desta avaliação traçar um planejamento agro-ecossistêmico. Pois, não basta inserir um volume de consórcios em uma determinada propriedade se não existe como escoar a produção dos mesmos. Desta forma, as avaliações das realidades das propriedades em termos de solo, incidência de luz, relevo, regime de chuvas, etc., se inter-relacionam com os contextos econômicos, culturais e sociais de cada região e de cada agricultor. Então, a eco-dependência se estende também a este macro-ambiente no qual a propriedade rural se insere e se integra.

O que se observa na metodologia da agricultura sintrópica é que a propriedade rural acaba se tornando uma rede de micro-ecossistemas (singulares-emergentes-criativos) de sintropia. Formando espaço-temporalidades distintos ou bifurcações (PRIGOGINE, 2002, p. 23), a cada porção de terra, favorecendo e garantindo, ao longo do processo ou dos múltiplos processos, uma riqueza bio-eco-diversa a sua autoprodução e a sua auto-sustentabilidade.

Assim, ao polinizar no meio ambiente estes agro-ecossistemas sintrópicos, verdadeiros rincões autopoieticos (criativos e auto-organizados), o que se deflagra é um aumento exponencial de vida (singularidade) garantindo o rejuvenescimento e o fortalecimento dos biomas, das regiões, das economias, das culturas do campo, da produção de alimentos e da segurança alimentar (SHIVA, 2016).

Por fim, é preciso olhar esta perspectiva sintrópica como um retorno à coevolução, isto é, a um desenvolvimento (poiético) compartilhado entre espécies. Tendo os ecossistemas como moderadores – pragmáticos (PEIRCE, 1998, p. 343) – da eco-bio-organização em que a humanidade está inserida. Tal movimento só será viável se o *homo sapiens* puder se integrar semanticamente à natureza, não mais se isolando, como espécie, de seu *oikos* (MORIN, 2005, p.33) ou casa, mas cooperando, ativamente, na manutenção dos ecossistemas.

ECO-REBEL

Referências:

- BUNGE, Mário. *Física e Filosofia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- CARSON, Rachel. *Primavera Silenciosa*. Editora Gaia, 2010.
- IBRI, Ivo A. *Kósmos Noétós*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- LAGARCHA-MARTÍNEZ, Carlos. *Quantic Humanism*, 1st edition, 2011.
- MORIN, Edgar. *O Método 1 – a natureza da natureza*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008a.
- _____. *O Método 2 – a vida da vida*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.
- _____. *O Método 4 – as ideias – habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008c.
- PRIGOGINE, Ilya. *As Leis do Caos*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- _____. *O Fim das Certezas*. São Paulo, Editora da UNESP, 2011.
- PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- _____. *The Essential Peirce - Volume 1*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.
- _____. *The Essential Peirce - Volume 2*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.
- REBELLO, JOSÉ F. DOS SANTOS; SAKAMOTO, Daniela Ghiringhello. *Agricultura Sintrópica Segundo Ernst Götsch*. Editora Reviver, 2021.
- SANTAELLA, Lucia. *A Teoria Geral dos Signos*. São Paulo: Editora Pioneira, 2000.
- SHIVA, Vandana. *Who Really Feeds the World? The Failures of Agribusiness and the Promise of Agroecology*. North Atlantic Books, 2016.
- VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Ciência – Formas de Conhecimento: Arte e Ciência uma visão a partir da complexidade*. Fortaleza: Gráfica e Editora, 2007.

ECO-REBEL

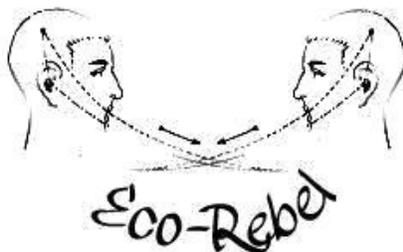
_____. Teoria do conhecimento e arte – Formas de Conhecimento: Arte e Ciência uma visão a partir da complexidade. 2º edição. Fortaleza: Gráfica e Editora, 2008.

WOHLLEBEN, Peter. *A Vida Secreta das Árvores: o que elas sentem e como se comunicam*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

ZAMBERLAM, Jurandir & FRONCHETI Alceu. *Agroecologia – Caminho de preservação do agricultor e do meio ambiente*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2012.

Aceito em 27/12/2022.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 1, 2023.



O SER ECOLÓGICO E A ECOLINGUÍSTICA

Elizangela da Rocha Fernandes (UFNT/SEDUC-MT)
Cícero da Silva (UFNT)

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar a Ecolinguística na perspectiva holística adotada por Francisco Gomes de Matos, um exímio divulgador desta disciplina e de outros temas, dentre os quais destacam a Linguística da Paz, a Dignidade, a Pedagogia da Positividade, a Linguística do Não-Matar e a Comunicação para o Bem. Analisamos neste trabalho pôsteres produzidos pelo cientista que têm como fito a promoção da Ecolinguística, avaliando suas ideias e demonstrando a importância da divulgação da Ecolinguística para a construção de cidadãos mais conscientes e responsáveis por seus papéis socioambientais enquanto seres ecológicos e ecolinguísticos (MATOS, 2002). Os pôsteres analisados e outros mais, produzidos pelo linguista, estão disponíveis no site da ABA Global Education, instituição da qual o referido autor é cofundador.

Palavras-chave: Ecolinguística; Dignidade; Biodiversidade; Linguagem; Meio Ambiente.

Abstract: The objective of this article is to present ecolinguistics in the holistic perspective adopted by Francisco Gomes de Matos, an excellent promoter of this theory and other themes, among which the Linguistics of Peace, Dignity, the Pedagogy of Positivity, the Linguistics of Nonkilling and Communication for the Good. In this work, we analyze posters produced by this linguist whose aim is to promote Ecolinguistics, validate its precepts and demonstrate the importance of disseminating and implementing ecolinguistics for the construction of more aware and responsible citizens concerning their socio-environmental roles as ecological and ecolinguistic beings (MATOS, 2002). The analyzed posters and others produced by the linguist are available on the ABA Global Education website, an institution of which the aforementioned author was a co-founder.

Keywords: Ecolinguistics; Dignity; Biodiversity; Language; Environment.

1. Introdução

Francisco Gomes de Matos¹ é um dos grandes nomes da Linguística Aplicada, reconhecido internacionalmente como o Linguista da Paz, principal expoente da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, promulgada em 1996 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Essa declaração foi reivindicada por ele pela primeira vez no Seminário Internacional sobre Direitos Humanos e Direitos Culturais, na Universidade Federal de Pernambuco, em 1987. Conclamou Francisco:

Enfatizando a necessidade de sensibilizar indivíduos, grupos e Estado face aos direitos linguísticos, de promover atitudes sociais positivas [...] RECOMENDA que sejam tomadas as medidas necessárias pelas Nações Unidas para adotar e implementar uma DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS LINGUÍSTICOS (MATOS, 1987, destaque do original).

Uma das principais reivindicações da Declaração de Recife é divulgar e propor a paz e os direitos dos humanos, dos animais e do ambiente, lamentavelmente não contemplados satisfatoriamente na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos. Em sua atuação profissional no Brasil e no exterior Gomes de Matos defendeu com afinco a Linguística da Paz, a Ecolinguística, a Pedagogia da Positividade e a Comunicação para o Bem. Por considerar as ideias do autor de sermos efetivamente seres ecológicos e ecolinguísticos, neste artigo discutimos e analisamos seu trabalho em ecolinguística.

Dado nosso objetivo, este trabalho está organizado em cinco seções. Esta Introdução; a segunda denominada “Urge a existência de eco-heróis”, em que mostramos que o planeta necessita urgentemente de cidadãos conscientes ecologicamente; a terceira, “O ser ecológico e ecolinguístico – à guisa de uma compreensão e comprometimento”, traz alguns pressupostos teóricos referentes à Ecolinguística; a quarta, “Pôsteres ecolinguísticos - Divulgação e fomento da conscientização ecológica global”, analisa cinco pôsteres produzidos por Francisco Gomes de Matos; por fim, na quinta, apresentamos as “Considerações Finais”.

1 Entre os anos - 1988 a 2021 - Francisco Gomes de Matos, em parceria com Eduardo Carvalho, esteve à frente da ABA Global Education, proporcionando uma educação linguística global, dignificante e humana. O legado da instituição se deve ao empenho destes dois profissionais e sua equipe multidisciplinar. Gomes de Matos durante este período também trabalhou em outras instituições nacionais e internacionais, dentre elas a Universidade Federal de Pernambuco, na qual é professor Emérito.

2. Urge a existência de eco-heróis

*Todos os homens podem ser criminosos, se tentados;
todos os homens podem ser heróis, se inspirados.*

G. K. Chesterton

O que é um mundo? Um local onde habitam pessoas, animais, vegetais e alguns artefatos inanimados. Não! Ele é global e local, *globocal*², subdividido em vários territórios, nos quais cada governante e governados se intitulam donos dos seus sítios, havendo ainda os que desrespeitam o espaço territorial vizinho difamando-o ou tomando-o para si pelos meios mais torpes possíveis. Dentre o mais cruel tem-se a usurpação da vida existencial de populações terrestres, aquáticas e aéreas. Concernente a estes males, poderíamos listar inúmeros antagonistas, no entanto, mencionaremos apenas dois fatos para os quais o leitor poderá identificar de pronto os vilões.

Grande parte da floresta amazônica no Brasil foi desmatada nos últimos anos. Conforme dados do Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE) de agosto de 2021 a julho de 2022, houve 8.590 km² de alertas de desmatamento na Amazônia. “Esse valor representa um aumento de 21,97% em relação a taxa de desmatamento apurada em 2020 pelo Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite” (BRASIL, 2022). O quantitativo enorme de desmatamento não adveio de motivos acidentais ou por pessoas em situação de grande vulnerabilidade, pois “o rápido desmatamento e queimada de grandes áreas necessita de grande investimento, custando em média R\$ 2 mil por hectare” (BATISTA, 2022). Ainda conforme Rômulo Batista, integrante do Greenpeace Brasil, o que chamou atenção foi a quantidade de grandes áreas desmatadas em terras públicas, propriedades privadas e *protegidas*: “trata-se de esquema organizado, patrocinado por grandes proprietários e grileiros de terra que se sentem protegidos pelo derretimento das políticas de proteção ambiental e combate ao desmatamento” (BATISTA, 2022).

Em fevereiro de 2022, iniciou-se um ataque à Ucrânia por parte do governo russo, o qual se estende até a presente data e parece não ter fim em curto prazo. Movida por motivos

²Utilizamos a palavra para ilustrar o planeta fracionado. As divisões territoriais, culturais e socioeconômicas não tornam o globo um lugar uno, no qual a paz, o respeito, a convivência pacífica e a preservação ambiental se façam presente.

ECO-REBEL

econômicos, a guerra traz inúmeras consequências: mortes de cidadãos, imigração, pobreza, enfermidades e, ainda, vários impactos ambientais, como a escassez de recursos hídricos, a afetação da biodiversidade, a contaminação do solo, da água e ar.

Quais os motivos para tantos males? Egocentrismo e ganância. Eis duas, dentre outras horrendas características de antagonistas. Imaginemos! O que seria da terra se os homens vivessem mais de 200 anos? Qual seria o tamanho do seu ego? Que fins tomariam o planeta e tudo o que nele há? Gaia³ suportaria? Verazmente, estão a roubar-lhe o coração, ainda não o roubou por completo, mas a cada segundo que passa usurpam-lhe um pedaço.

A possível morte de Gaia pode se ocorrer e, caso ocorra, quem garantirá um outro lugar para se habitar? Há pessoas que acreditam haver uma terra preparada para habitarem eternamente se seguirem determinadas “doutrinas” e preceitos; há ainda as que consideram a possibilidade de habitar e colonizar outros planetas. Infelizmente, alguns *homines sapiens* vão além de todas as possibilidades de extrapolação dos limites e usurpação de bens alheios. Com referência à escassez dos recursos proporcionados pelo planeta terra, Halliday (2001) afirma que a raça humana deixou de ser credora líquida para ser devedora líquida, tirando da terra mais do que poderia, está usando esses recursos muito rápido, um feito pouco divulgado. “Podemos suspeitar de que estamos a viver realmente uma sociedade de desinformação. É um mundo linguístico aplicado, no qual números pares e dados numéricos tornam-se significativo apenas no contexto das construções discursivas” (HALLIDAY, 2001, p. 191). Ou seja, os sentidos dos habitantes estão voltados para outros objetivos e grande parte fica inerte ao quantitativo de degradação do globo e à gravidade das situações.

Gaia sente-se ameaçada o tempo todo, mas, a qualquer hora ela pode “vingar-se”, como disse Lovelock (2006). Restituir-lhe o coração não é uma tarefa fácil, e isso não se reestabelecerá por intermédio de poucas mãos, pois sua vida jamais será garantida com a colocação de um marcapasso. Nossas incertezas sobre o futuro do nosso planeta e as consequências da poluição derivam em grande parte de nossa ignorância dos sistemas de controle planetário. Eis o homem a todo o momento a desconsiderar veementemente o “antropoceno”. A interferência do homem na natureza é incomensurável, “um único indivíduo pode reagir diretamente ao seu ambiente e trazer

³Na mitologia grega e romana, gaia é uma divindade mitológica que personifica o planeta terra. Segundo a hipótese científica Gaia (terra) é um sistema vivo indissociável e dinâmico que se constitui por todos os seres presentes no planeta, a inexistência de alguns pode ocasionar a extinção dos demais e, conseqüentemente, a morte de Gaia.

ECO-REBEL

o resto do grupo a compartilhar consciente ou inconscientemente da influência exercida nele” (SAPIR, 2001, p. 13).

As problemáticas socioambientais são comuns a todos os seres vivos, as mensurações e ocorrências fatídicas em quaisquer locais do planeta precisam ser consideradas, ações efetuadas e enunciações examinadas. Muitas construções discursivas reiteradamente repetidas podem ser um risco social e ambiental, a exemplo da frase: “Agro é tec, agro é pop, agro é tudo”, proferida nos intervalos das programações de TV brasileira. A agro pode até ser tec, mas não é pop, muito menos tudo. Com um discurso pseudocientífico a mídia busca convencer a população de que alimentos sobrecarregados de agrotóxicos são benéficos, e jamais acrescentariam no *slogan* o complemento “agro é tóxico”. Principalmente, por não ser pop, por não ser boa, por não ser tudo e por não propiciar o minimamente necessário, isto é, alimentos saudáveis para a população. Alguém criou a aludida frase, para incutir no subconsciente do telespectador que um feito comprovadamente ruim cientificamente é bom, “inclinação conhecida, em Nova Iorque, como fraude do colarinho verde” (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLHÄUSLER, 1998, p. 24). No que se refere às questões ecoambientais, Latour (2004) esclarece que na ciência sempre há um terceiro interessado, pelo qual se estabelece os discursos *pseudocientíficos* (destaque acrescentado).

Nas enunciações ambientalistas a voz da ciência é empregada “como a voz da autoridade, o uso de certas características retóricas do discurso científico em geral reaparecem como dispositivos familiares para angariar apoio retórico em reivindicações e debates ambientalistas” (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLHÄUSLER, 1998, p. 52). Muitos deles são verdadeiros, outros, no entanto, são carregados de desonestidade para beneficiar o capital monetário, como a produção em grande escala de produtos nomeadamente rotulados como biodegradáveis.

A linguagem possui duas vertentes: a negativa e a positiva. Ela se efetiva por interesses diversos, mas bom seria se prevalecesse a *comunicação construtiva*, para o bem, como reitera Matos (2002). O autor defende, com veemência a escrita e a leitura positiva, o que ele denomina de *Pedagogia da Positividade*. No entanto, ressalta a análise mais apurada de mensagens publicitárias que, de acordo com o linguista, “por capitalizarem pela posição lexical devem ser analisadas com bom senso crítico, verificar o provável grau de positividade – ou as vezes, da negatividade [...] – e quais as consequências na formação da opinião pública” (MATOS, 1996, p. 39).

ECO-REBEL

As ambições econômicas, sociais, ecológicas, territoriais, étnicas, educacionais e linguísticas para a ascensão ao poder e à riqueza monetária são gigantescas. Tanto que em toda a sociedade a produção do discurso é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p. 08-09). Quantas atrocidades foram cometidas na busca incessante por bens materiais? Inúmeras e imensuráveis, a cada minuto transcorrido mais números entram nas estatísticas maléficas. Segundo Matos (2011, p. 53),

A história da humanidade pode ser contada com foco no conceito de humilhação abominável, deplorável e vergonhosa. Assim, uma cronologia de humilhações universais poderia ser compilada pelos historiadores. Além disso, uma lista de humilhações organizadas em ordem alfabética poderia ser elaborada:

Houve humilhação por...

abuso de animais
bullying nas escolas
comunicação desrespeitosa
crucificação
negação dos direitos humanos
discriminação
opressão econômica
desabrigo
desemprego
ridículo auditório
extorsão
escravidão
terrorismo
tortura

Talvez possamos contar uma outra história em tempos vindouros, a ampliação da empatia e da conscientização social e ambiental pode proporcionar cidadãos dignificadores. Conforme Matos (2011, p. 54), essas humilhações podem ser impedidas, “pela presença permanente da dignidade nas ações cotidianas. Fazendo isso, seremos merecedores de sermos chamados de dignificadores”. Faz-se necessário canalizar certas emoções políticas na direção de novos objetos, novos objetivos, novas atitudes e novas identidades (LATOURETTE, 2020). A linguagem, nesse sentido, possui um grande papel, pois ela rege as ações humanas e constrói ideologias e ideais. As questões sociais, culturais, políticas e ambientais também são questões linguísticas, “o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um

ECO-REBEL

lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém” (FOUCAULT, 1996, p. 07).

Na ficção, vilões e heróis lutam constantemente contra si. A cada episódio os protagonistas ganham uma causa, diferentemente do que acontece na realidade, na qual observamos inúmeras mortes: da flora, de *hominis sapiens* e outras espécies de animais. Vidas de heróis também são ceifadas, muitos dos quais lutaram em defesa ambiental, dentre eles, Dorothy Stang, Chico Mendes, Bruno Pereira e Dom Phillips. Uma das causas de suas mortes está no quantitativo de antagonistas, pois há na terra poucos protagonistas. Portanto, observa-se o descaso de muitos habitantes em prol das causas sociais.

Na trama da vida os heróis são poucos, o individualismo exacerbado predomina até mesmo na luta de ideais coletivos. Como verossimilhança da realidade, a título de exemplo, o filme infanto-juvenil “Moana” focaliza-se em torno da protagonista. Quem se preocupa com a problemática da ilha? Apenas Moana. Quem está predestinada a solucioná-la? Apenas a cidadã Moana (possivelmente semideusa), com a ajuda de um semideus. Porém, como pode uma adolescente “sozinha” se aventurar nos mares para salvar a natureza? Eis que urge a mudança de roteiros na ficção e na vida real. O mundo jamais será salvo com o empenho de um ou dois cidadãos, essa luta depende da atuação coletiva e de inúmeras ações, uma das quais envolve a conscientização que emana da sensibilização pelas causas socioambientais. Como reitera o Capitão Planeta⁴: “O poder é de vocês”, ou seja, *nosso*. Todos os habitantes do globo, sem distinção, podem ser protagonistas do bem, *eco-heróis*. Uma das ações a serem realizadas são aspirações necessárias para a existência de vocês.

3. O ser ecológico e ecolinguístico – aspiração a compreensão e comprometimento

Somos seres ecológicos e ecolinguísticos.

Francisco Gomes de Matos

A materialidade do corpo humano é composta por elementos orgânicos e inorgânicos, e os orgânicos são os principais responsáveis pela existência de ambos os recursos, a exemplo das

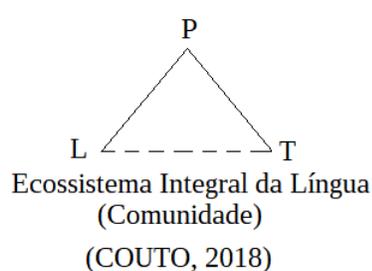
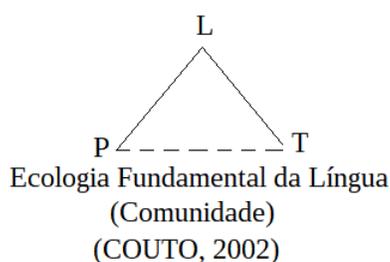
⁴ Principal personagem da série de animação que tinha por principal objetivo conscientizar a população a preservar o planeta terra.

ECO-REBEL

florestas, lar de múltiplos animais, pulmão do mundo, principal produtora e mantenedora do mineral mais importante do planeta: a água. A falta de quaisquer um dos elementos necessários ao funcionamento do corpo desestabiliza o sistema. Não podemos negar que fazemos parte da natureza, que “somos seres ecológicos e também ecolinguísticos” (MATOS, 2002, p. 65).

Diante de tudo isso, não podemos nos manter afastados do restante dos seres vivos. Segundo Halliday (2001), foi o sistema linguístico que nos separou de todo o resto, em um determinado momento da história essa percepção foi considerada positiva e construtiva, mas verificou-se que essa errônea visão foram “meios de autodestruição pela divisão entre nós mesmos e pela divisão entre nós e o resto da criação” (HALLIDAY, 2001, p. 198). É o sistema linguístico que também nos unirá, o poder da linguagem precisa ganhar novas roupagens e novas vertentes.

A Ecolinguística é definida como o estudo das interações entre língua e seu meio ambiente (HAUGEN, 1972; MATOS, 2002; COUTO, 2002; 2018). De acordo com Couto (2002), a linguística oficial não vê com bons olhos essas tentativas de aplicação de princípios da biologia à língua. Mas, mesmo assim, o movimento *ecolinguista* continua crescendo, embora frequentemente os estudiosos não conheçam os trabalhos uns dos outros. Para Couto (2002), há também o ambiente da língua, o que ele denomina de Ecologia Fundamental da Língua (EFL), o qual se efetiva pela união tripartite de L, P e T, sendo L língua ou linguagem; P, pessoas ou população; e T, território (COUTO, 2002, p. 08; COUTO, 2018).



ECO-REBEL

O modelo da esquerda (COUTO, 2002) é o original. Ele coloca a linguagem (L) entre nós (P) e o mundo (T), o que permite a manipulação, pois só vemos no mundo o que L nos mostra. O modelo da direita (COUTO, 2018) corrige essa distorção, fazendo de nós (P) os senhores da linguagem (L), não seu servo. A língua só se relaciona ao mundo (T) por nosso (P) intermédio.

Couto e Couto (2016) esclarecem que o objeto da Ecolinguística é bastante amplo, havendo inúmeros estudos e rótulos. Além de Ecolinguística, fala-se também em Linguística Ecológica, Ecologia Linguística, Ecologia da Língua e Ecologia das Línguas. Eles chegam à conclusão de que a Ecolinguística é um termo genérico para designar qualquer estudo da língua que tenha a ver com ecologia, ou seja, que relaciona língua e meio ambiente (MATOS, 2002; COUTO, 2002; 2018). Conforme Fill (1993), a ecologia da (s) língua (s) seria

a investigação das inter-relações existentes entre línguas, com ênfase na manutenção da *linguodiversidade*. Ecologia linguística seria o estudo das relações entre língua e questões *ecológicas* como diversidade, problemas ambientais” e as relações mútuas entre as diversas línguas no indivíduo e nas comunidades de indivíduos. (FILL, 1993, p. 31 *apud* COUTO, 2002, destaques do original).

Desde os primeiros estudos da Ecolinguística estiveram presentes vertentes interdisciplinares e transdisciplinares. No esboço de estudos da Ecolinguística está também a defesa das línguas minoritárias, considerando os princípios de natureza mais política e ideológica. Em Ecolinguística há, então, os estudos voltados à análise da língua, na consideração desta como um ecossistema; estudo da língua contextualmente, considerando os aspectos culturais e ideológicos; e o estudo da língua/gem e suas correlações com as questões ambientais. A vertente, denominada Análise do Discurso Ecológica (ADE), objetiva a análise ecológica do discurso em múltiplas nuances. Ela faz estudos de múltiplos fenômenos da linguagem e “defende a autorrealização de todos os seres, o biocentrismo e o ecocentrismo em contraposição ao antropocentrismo” (COUTO, 2018). Em relação às coletâneas já publicadas, Couto & Couto (2016) afirmam que a Ecolinguística apresenta no mínimo as seguintes subáreas e/ou linhas de investigação:

Ecolinguística Crítica, Análise do Discurso Ecocrítica, Linguística Ambiental, Ecolinguística Dialética, Linguística Ecológica, Análise do Discurso Ecológica, Ecologia das Línguas, Etnoecologia Linguística, Ecologia da Evolução Linguística, Ecologia da Aquisição de Língua, Biodiversidade e Linguodiversidade. (COUTO; COUTO, 2016, p. 394).

ECO-REBEL

Em resumo, a Ecolinguística possui uma visão ampla de reagregação e defesa da existência de línguas, de comunidades, de recursos orgânicos e inorgânicos, de vida vegetal e animal. A busca das existências implica a resistência de políticas e ideologias que segregam, corrompem, odeiam, matam e desconsideram “os perigos do monoculturalismo” (MÜHLHÄUSLER, 2001 p. 164), bem como as limitações dos recursos tanto naturais quanto humanos. Diversos atores sociais desprezam com veemência princípios ecológicos, dentre eles, os propostos por Fill (1996), como o reconhecimento e defesa da diversidade; o reconhecimento da interação mútua; a percepção da totalidade e da unidade em vez da fragmentação.

Na Ecolinguística está implícita também a *ecoformação*, ou seja, uma educação voltada para a “construção de uma consciência ética, a qual inspira solidariedade e cuidado com a natureza e com o outro”, tem como objetivo essencial no trabalho pedagógico, “a natureza como elo entre todas as áreas de construção do conhecimento humano” (SUANNO, 2014, p. 175). O enfoque de Matos (2002) na Pedagogia da Positividade é a de que os educadores ambientais tenham uma dupla responsabilidade: a primeira “diz respeito à capacidade que deveria ter o educando de saber referir-se ao meio ambiente de maneira construtiva, usando uma linguagem ecologicamente apropriada; a segunda concerne às ações que contribuam para preservar-se o ecossistema” (MATOS, 2002, p. 66).

Em vídeo documentário⁵ produzido com o fito de proporcionar a Divulgação Científica da Linguística Aplicada, Francisco Gomes de Matos reitera a necessidade de reconhecer a importância da diversidade cultural, biocultural, ecolinguística e retratar a natureza com dignidade. “Nós somos seres situados, residentes no universo chamado natureza. A relação entre meio ambiente e a linguagem é objeto de atenção. Será que a gente trata a natureza bem? Quando a gente diz a fúria do vento, estaremos sendo humanizadores no trato da natureza? Estaremos tratando a natureza com dignidade, quando dizemos, ora o oceano está violento? Quando a gente atribui a fenômenos da natureza aquelas falhas, aquelas imperfeições humanas” (MATOS, 2022). As ideias lembradas pelo cientista mostram que temos uma percepção injusta da natureza, “na verdade, trata-se de outra maneira de maltratar o meio ambiente, linguisticamente” (MATOS, 2022, p. 66).

5 Vídeo documentário produzido pelo projeto Conscientização Gramatical pela Educação Científica – ConGraEduC, projeto que tem como um de seus objetivos divulgar o trabalho científico realizado na Linguística Aplicada. Link para acesso: https://wagnerodriguesilva.com.br/labgram/dados_cientistas_notaveis?id=10

ECO-REBEL

Ainda conforme Matos (2022),⁶ a Linguística Aplicada contribui para a paz comunicativa, para o bem global, quando ela oferece subsídios não apenas descritivos, científicos, mas educacionais e também ecológicos, ecolinguísticos. Em suas obras, o autor convida os seres humanos a repensar as suas ações e atitudes, na busca da efetivação de um eu-nós conscientes e agentes em prol de uma vida mais digna não apenas para os seres humanos.

Como dignificamos a vida?
Como dignificamos a humanidade?
Como dignificamos os direitos humanos e as responsabilidades?
Como dignificamos a natureza?
Como dignificamos os animais?

Como dignificamos nossos pensamentos, nossas ideias, nossas criações, nossos sistemas de comunicação, nossos usos de línguas, nossas organizações, nossos sistemas educacionais?
Somos dignificadores ou apenas ampliadores ou mistificadores? Por quê?

Somos dignificadores? Por favor, aplique este autoteste o mais seriamente possível (MATOS, 2011, p.90).

Gomes de Matos reitera veementemente que se faz necessário a aplicação de alguns conceitos basilares da Linguística da Paz, que se estabelecem pelo intermédio de “positivadores”, palavras que se fazem presentes na comunicação humana com a finalidade de unificar, dignificar, proteger, unir, educar, elevar, respeitar. Comunicar-se pacificamente para o bem, para a promoção da paz e defesa da diversidade cultural, biocultural e ecolinguística implica a escolha de um vocabulário positivo, construtivo, humanizador. Como ele diz, é preciso “Aprender a falar/escrever positivamente, uma língua pode contribuir para humanizar as relações interpessoais, intergrupais e até internacionais (MATOS, 1996, p. 73).

Com referência a esses princípios, Matos (1996) propõe uma educação planetária, que se preocupe com as problemáticas globais (gloais) e resoluções de problemas socioambientais. Essa pedagogia positiva voltada para o bem comum, segundo ele, pode ser aplicada desde a alfabetização. Alfabetizar é contribuir para o desenvolvimento pessoal do cidadão, para que possa “representar suas ideias, suas percepções críticas do mundo e como agente ativo na cultura de sua comunidade. Em síntese, é apropriar-se de uma capacidade fundamental para viver e até mesmo

6 Entrevista realizada por pesquisadora do projeto ConGraEduC, a ação é uma das etapas para a produção audiovisual.

sobreviver em sociedade” (MATOS, 1996, p. 65-66). Semelhantemente a esses ideais Barton (2007, p. 32) reitera

existem tecnologias de comunicação que podem mudar o equilíbrio de línguas e culturas, muitas vezes de maneiras que não foram examinadas. No mundo natural existe tecnologia disponível que significa que florestas inteiras podem ser destruídas e a terra transformada em taxas notáveis, de forma irrevogável e com efeitos ecológicos impensáveis.

O mesmo vale para a linguagem e a alfabetização, comunicação em larga escala, como a internet, significa que mudanças repentinas e irreversíveis estão tomando lugar. A tecnologia além da escala humana está acelerando a mudança ecológica.

A ecologia parece ser uma maneira útil e apropriada de falar sobre alfabetização no momento, e de reunir suas diferentes vertentes.

O uso do termo muda todo o esforço de tentar entender a natureza da leitura e da escrita. Em vez de isolar as atividades de alfabetização de todo o resto para entendê-la, uma abordagem ecológica visa compreender como a alfabetização está inserida em outras atividades humanas, seu enraizamento na vida social e no pensamento, e sua posição na história, na língua e na aprendizagem.

O ensino e a aprendizagem de quaisquer disciplinas devem ter essa vertente perquiridora de conhecimento da realidade e “trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem sua concretização” (FREIRE, 2018). No tocante à educação linguística, essa deve ter um cunho holístico e uma dimensão abrangente, ou seja, ensinar o sistema léxico sintático e suas implicações na cultura, na economia, na ecologia, na vida individual e coletiva. A língua “não é como um sistema estático e desligado do resto do mundo, como se fosse uma ilha ou um asteróide vagando no espaço, porém como um sistema dinâmico em constante fazer-se e em constante inter-relação com diversos fenômenos do meio ambiente” (COUTO, 2002, p. 10).

4. Pôsteres ecolinguísticos: Divulgação e fomento da conscientização ecológica global

Por intermédio da linguagem as pessoas se fazem agentes nas suas atuações em múltiplos gêneros do discurso, sejam orais, escritos ou multimodais. Pelo domínio das palavras, Padre Antônio Vieira elaborou os seus alegóricos sermões. Jesus ensinou por meio de parábolas; os romancistas de outrora denunciaram as maleficências das pessoas e, especificamente, dos políticos, pela adoção de pseudônimos, como Joaquim Manoel de Macedo em “A carteira do meu tio” e em “Memórias do sobrinho de meu tio”; a Jovem Guarda se pronunciava contra a ditadura através de suas letras musicais. Castro Alves defendeu a liberdade e abolição da escravatura. “A

ECO-REBEL

língua se equipara aos padrões comportamentais de uma espécie que convive em determinado ecossistema. Ela é um conjunto de relações, é o modo pelo qual membros da população comunicam (interagem) entre si” (COUTO, 2002) e compartilham ideais. Faz jus vermos língua e linguagem como fenômenos importantes e engendrados nas práticas sociais humanas, que podem ser aprendidos e apreendidos na escola da vida e na vida na escola.

Nesta seção, analisaremos os pôsteres escritos por Francisco Gomes de Matos, publicados no site da ABA Global Educacion,⁷ subdivididos em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, sendo poucos os publicados nos dois idiomas. Por intermédio deles, Francisco ensina a cuidar do mundo, a cuidar do planeta, a cuidar do outro, a cuidar da(s) gente(s). O principal agente da promulgação dos Direitos Linguísticos e da Linguística da Paz no mundo escolheu o gênero pôster para transmitir seus preceitos linguísticos e ecolinguísticos. Em depoimento audiovisual⁸ destinado aos alunos de Letras da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), intitulado “Aplicando Linguística da Paz na Educação Linguística: Reflexões”, ele relata o motivo.

Por que pôsteres? Porque usamos o pôster na forma de reflexão rimada, que possa contribuir para uma alta percepção crítica e também uma percepção crítica, construtiva da realidade em que a gente vive. O pôster é muito mais do que um cartaz, quando ele é criado e usado para promover a paz, um pôster vai muito além do anunciar, anunciar produtos, pessoas, processos, quando a dignidade desse pôster nos faz apreciar, o pôster deveria desempenhar mais que uma arte função, quando criado e usado com humanizadora intenção, da educação local, o pôster consegue ir além, quando ajuda a educar globalmente para o bem.

Na certeza de que cidadãos e cidadãs podem fazer a diferença, Francisco Gomes de Matos optou por divulgar a Linguística da Paz, com a ajuda da Ecolinguística, pois ela tem acuidade linguística no que diz respeito à natureza. O devido cuidado com o planeta também é uma promoção de paz e a própria natureza é promotora deste bem, portanto, um patrimônio natural mundial importantíssimo. Os pôsteres retratam temáticas sociais diversas e escolhemos cinco deles para análise, nos quais podemos tratar especificamente da Ecolinguística. Na seguinte ordem, estão: Pôster 01 - Cidadãos globais podem fazer a diferença; Pôster 02 - Communicating ecolinguistically, a checklist (Comunicando ecolinguisticamente, uma lista de verificação); Pôster 03 - Biocultural diversity – a checklist (Diversidade biocultural - uma lista de verificação); Pôster

7 Link para acesso aos pôsteres: <https://www.estudenaaba.com/posters>

8 Vídeo disponibilizado pela ABA Global Education.

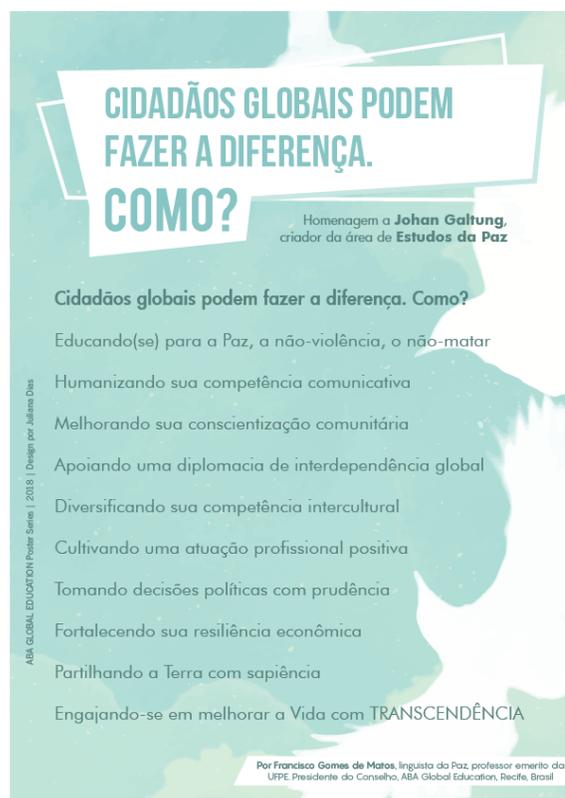
ECO-REBEL

04 - Cosmodignificadores – Uma reflexão futurista; e, Pôster 05 - Whats is love? (O que é o amor?).

No Pôster 01 - Cidadãos globais podem fazer a diferença, Francisco expõe como cidadãos globais podem fazer a diferença, propõe educação para a paz, humanização da comunicação, interculturalidade, partilha, engajamento e atuação profissional positiva. No que se refere à atuação profissional, pode-se englobar quaisquer profissões, sobretudo sendo necessário um desempenho profissional positivo dos publicitários, dos jornalistas, dos ambientalistas, dos cientistas e dos educadores.

No que se refere à comunicação pacífica, humanizadora, ela se efetiva pelas escolhas lexicais nas atuações comunicativas. Enunciar com um vocabulário positivo, construtivo, humanizador. “Desculpar-se, construir, dignificar, educar, elevar. Elevação do caráter das pessoas, tão necessária hoje em dia. Congregar, diversificar, reconhecer a importância da diversidade cultural, biocultural, ecolinguística” (MATOS, 2022). Melhorar a vida com transcendência pressupõe todos os tópicos mencionados, inclusive pela conscientização humanitária e decisões políticas prudentes.

Pôster 01



Fonte: ABA Global Education (2018).

ECO-REBEL

No Pôster 02, intitulado “Comunicando ecolinguisticamente - Uma lista de verificação”, podemos apenas dar um sim em todas as perguntas sugeridas por Matos, pois, na verdade, quando ecolinguisticamente comunicamos o caráter do outro ajudamos a elevar, articulamos nossa espiritualidade e dignidade, ajudamos a educar, cooperamos para os fins pacíficos, antecipamos criativamente mudanças que melhoram a vida, demonstramos conscientização dos direitos de todos os seres vivos e celebramos com alegria nossa interação com a natureza.

O autor sugere, ainda, adicionarmos itens à lista para discussão e compartilhamento, na sala de aula. A título de exemplo, essas ações também podem ser efetivadas em outros espaços coletivos como feiras científicas escolares, estações de ônibus, associação de moradores de bairros, bem como nos canais de comunicação como as redes sociais, a mídia impressa e a audiovisual.

Pôster 02

COMMUNICATING ECOLINGUISTICALLY

A Checklist

by Francisco Gomes de Matos,
a peace linguist, Recife, Brazil, President of the Board,
ABA Global Education

When ecolinguistically we communicate ...

- one another's character do we help to elevate? HOW?
- our spirituality do we help to articulate?
- for communicative dignity do we help to educate?
- for global peaceful purposes do we cooperate?
- environmental responsibilities do we substantiate?
- LIFE-enhancing changes do we creatively anticipate?
- awareness of the rights of all living beings do we demonstrate?
- our everyday interaction with Nature do we joyfully celebrate?

Please add to the list. Discuss your additions.
Sunnily share contributions (in class, for instance).

ABA GLOBAL EDUCATION Board - Since 1/2017 | Design: DAV Johnson B&B

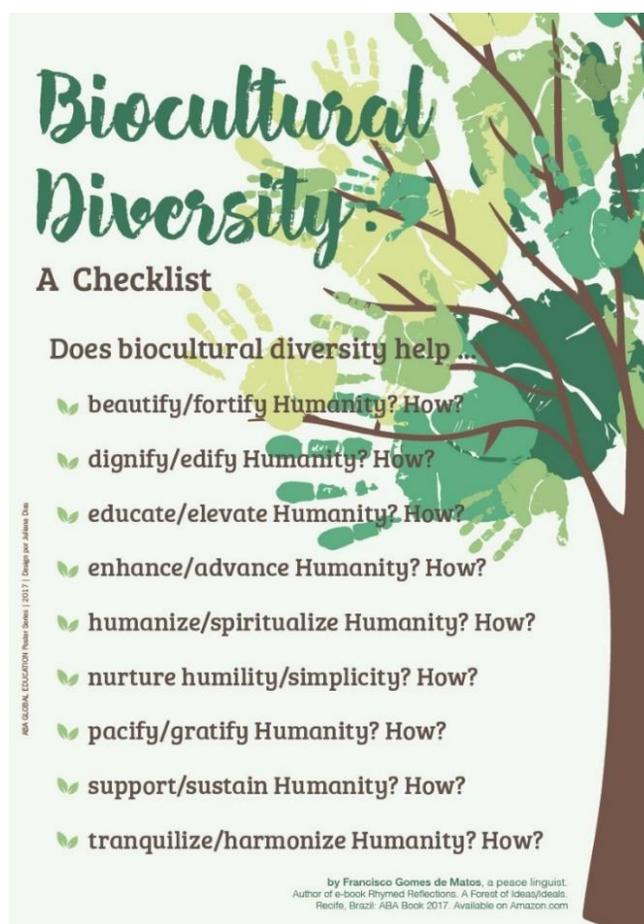
Fonte: ABA Global Education (2017).

ECO-REBEL

No Pôster 03 - Biocultural diversity - a checklist, Gomes de Matos apresenta a importância da diversidade biocultural, dá evidência a beleza, riqueza e outros atributos. A riqueza em pauta no pôster é a do poder da biodiversidade de propiciar *habitat*, alimento, medicamentos, lazer, clima saudável, oxigênio limpo e manutenção do ciclo da vida na terra em funcionamento. Logo, há uma interdependência vivencial entre todos os seres vivos e a vida de cada ser vivo é sincronizada com a terra. Por isso, a valorização da biodiversidade e da diversidade cultural, essa última precisa ser revista, a cultura do cuidado deve suplantar a cultura exacerbada da economia. A lição da natureza tem demonstrado que

a diversidade é melhor do que a unicidade. Não é preciso refletir muito para perceber que a diminuição das espécies animais e das espécies vegetais significa empobrecimento da vida na face da terra, como é o caso da introdução do eucalipto, que praticamente impede a sobrevivência de espécies nativas (COUTO, 2002, p. 10).

Pôster 03



Fonte: ABA Global Education (2017).

ECO-REBEL

Os pôsteres trazem também uma carga semântica muito significativa nas ilustrações, as quais demonstram as visões que o professor Francisco defende: a paz, o comunicar para o bem, a pedagogia da positividade, o poder da atuação humana na construção de um planeta mais sustentável e um mundo mais digno. As imagens também reforçam a mensagem transmitida. No Pôster 03, evidenciamos a proposição de respostas do leitor, as quais pressupõem também ações individuais e coletivas para fortificar, edificar, harmonizar e tranquilizar a humanidade. O texto verbal é reforçado pela imagem da árvore com folhas em formato de mãos. Tanto este como os demais pôsteres do professor Francisco Gomes de Matos disponíveis no site da ABA possuem uma carga semântica e semiótica de grande valor.

Pôster 04

COSMODIGNIFICADORES:
Uma Reflexão Futurista

Por Francisco Gomes de Matos, linguista da Paz,
Presidente do Conselho, ABA Global Education, Recife, Brasil

Eis uma conversa entre futuristas, A e B:

A) Você acha que haverá uma mudança total no mundo?
B) Acho, sim. Teremos uma enorme transformação global. Em toda parte, promover-se-ão a paz, a não-violência e o não matar.

A) Como ficará a interação humana?
B) Será uma comunicação construtiva, plurilingue, face a face, online ou telepática

A) No mundo inteiro, haverá conscientização a respeito de direitos humanos, direito de animais, etc?
B) Claro. E entre os direitos emergentes no final deste século, destacar-se-á o Direito à Comunicação interplanetária

A) O que será priorizado nas políticas governamentais locais?
B) Meios mais eficazes, sustentáveis de cooperação intercultural, intereducacional, econômica e política

A) No mundo inteiro como serão usadas e apreciadas as Artes?
B) Para o desenvolvimento de representação/antecipações criativas de novas formas de civilização artística

A) Que outro tipo de transformação mundial radical poderá ocorrer?
B) Em toda parte, a Humanidade aprenderá a intercambiar ações/serviços/produtos que contribuam para nossa missão como cidadá(o)s globais, cuidadores da Vida e da Saúde.

A) Que acontecerá globalmente às questões de crença e fé?
B) O respeito às diferenças religiosas/espirituais conduzirá a Humanidade a tipos mais profundos de espiritualidade

A) Entendo. Todo(a)s o(a)s cidadá(o)s globais tornar-se-ão COSMODignificadores
B) Exatamente. Todas as pessoas irão colaborar para o cultivo da COSMODignidade

A) Haverá novos profissionais em Futurização?
B) Sim. Atuarão como COSMOconsultores, principalmente nos setores do comércio e da indústria, objetivando uma harmonização interempresarial, para o bem das comunidades produtivas. O número de Cosmofuturistas dedicados à Educação Goblal continuará a crescer, local e regionalmente

A) Interessantíssimo. Que a maioria dessas antevisões sejam concretizadas!
B) Sim, é uma esperança extraordinária. A COSMOTimização será uma nova fronteira para o bem de todos que partilham a Terra

ABA GLOBAL EDUCATION | Poster Series | 2017 | Design: Marcos Aurelio

Fonte: ABA Global Education (2017).

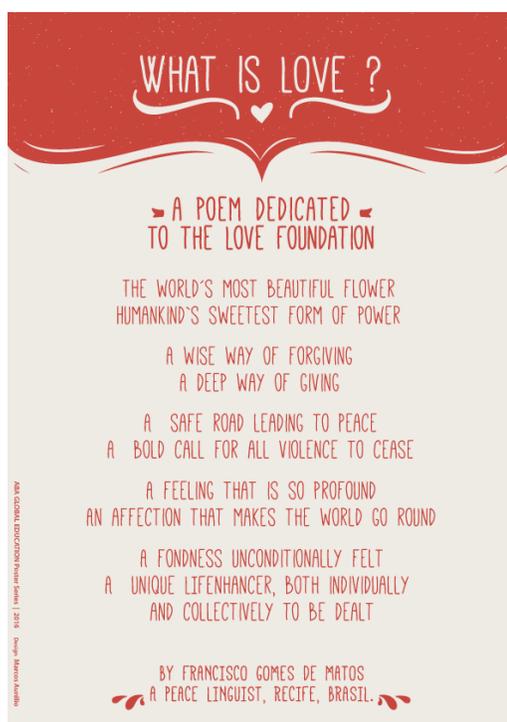
ECO-REBEL

O Pôster 04⁹ apresenta um caráter utópico de que ainda veremos um mundo melhor, de que no futuro teremos cidadãos conscientes do seu papel e agentes de mudanças, benéficas e favoráveis a todos e todas. O sonhar e as perspectivas de mudança integram os seres humanos, quaisquer sonhos são possíveis de serem concretizados e utopias são necessárias. “Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se” (FREIRE, 1997, p. 91).

Uma grande transformação social vislumbrada por Matos no Pôster 04 é a de que: *Em toda parte, a Humanidade aprenderá a intercambiar ações/serviços/produtos que contribuam para nossa missão como cidadã(o)s globais, cuidadores da Vida e da Saúde.*

O mundo, de fato, precisa urgentemente de futuristas *Cosmodignificadores* e essa concretização é “*uma esperança extraordinária. A COSMOtização será uma nova fronteira para o bem de todos que partilham a terra*”.

Pôster 05



Fonte: ABA Global Education (2016).

9 Como a fonte das letras deste pôster está menor, convidamos o leitor a acessar o link: <https://www.estudenaaba.com/cosmodignificadores-uma-reflexao-futurista/>

ECO-REBEL

No Pôster 05, denominado “O que é o amor?”, tem-se que ele *é a mais doce forma de poder da humanidade/uma estrada segura que conduz à paz/um apelo ousado para que toda a violência cesse/ uma afeição que faz o mundo girar*. Com efeito, o maior poder que os seres humanos possuem é o amor – por ele e com ele reverberam-se atitudes e ações exitosas. Não por acaso, Ted Turner criou o personagem Ma-Ti, um dos cinco personagens que convocam o Capitão Planeta. Possuidor do poder do coração e origem indígena, Ma-ti pode falar com os animais e tornar as pessoas mais bondosas.

Sem o amor à própria vida e a do próximo, jamais haverá por parte dos indivíduos o amor aos animais e ao planeta, e conseqüentemente a conscientização de sua preservação. A liquidez no amor (BAUMAN, 2004) é uma das principais causas dos grandes males globais. Sendo ele *uma fundação sentida, incondicionalmente um fator de vida único, tanto individual quanto coletivamente para ser tratado*, como mencionado no Pôster 5, é extremamente necessário espalhar o amor. A divulgação do referido pôster teve esse objetivo, sendo que nossa missão é encontrar outros caminhos capazes de tornar os seres humanos, verdadeiramente, humanos.

5. Considerações finais

Expusemos neste artigo a Ecolinguística e seu valor para o bem estar ambiental e social, apresentamo-la nos Pôsteres produzidos por Francisco Gomes de Matos. Eles mostram que a preservação da vida depende de uma mudança improtelável nas práxis humanas e um amanhã melhor para o qual a ecolinguística em todas as esferas de atuações pode colaborar. A existência de eco-heróis - pessoas conscientes, éticas, agentes, humanizadoras, ecológicas, ecolinguistas, cosmodignificadoras, amantes da justiça, da paz e do bem comum pode diminuir inúmeras mazelas sociais e ambientais.

Para nós foi um prazer imenso discutir e analisar o trabalho ecolinguístico desse cientista, realmente humano, preocupado com o próximo, os animais e o nosso *habitat* maior, a terra. Esperamos que seus trabalhos sobre a Ecolinguística, sobre a Linguística da Paz e sobre a Dignidade sejam constantemente divulgados, no Brasil e no exterior.

Os desafios para esse feito, propagar e fazer existir a paz e o bem comum, são gigantescos. No entanto, devido a sua extrema importância, local e globalmente, são necessárias ações efetivas por parte dos cidadãos e principalmente dos educadores, ambientalistas e pesquisadores. A

ECO-REBEL

Ecolinguística precisa ser amplamente debatida e divulgada, as discussões deste trabalho necessitam continuar nas instituições de pesquisa e transpor seus muros.

Referências:

BARTON, David. *Literacy: an introduction to the ecology of writing language*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2007

BATISTA, Rômulo. Alertas de desmatamento de julho na Amazônia fecham mais um ano de destruição. *Notícia*. São Paulo: Greenpeace Brasil, 2022.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BRASIL. Dados do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES). *Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI)*. Disponível em: <https://www.gov.br/inpe/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/divulgacao-de-dados-prodes.pdf> Acesso em: 10 set 2022.

COUTO, Hildo. *Ecolinguística*. IESPLAN - Faculdades Planalto, Brasília, 2002. Disponível em: http://www.ecoling.unb.br/images/3_Ecolingustica.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

COUTO, Hildo. Os estudos ecolinguísticos no Brasil. *Rile – Revista Interdisciplinar de Literatura e Ecocrítica*, BRA, v. 1, n. 1, p. 157-181, Nov-Dez. 2018.

COUTO, Elza; COUTO, Hildo. Ecolinguística, linguística Ecológica e Análise do Discurso Ecológico (ADE). *Signótica*, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 381-404, jul./dez. 2016.

FILL, Alwin. *Sprachökologie und Ökologiestik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.

FRANCISCO GOMES DE MATOS. Cientista Notável da Linguística Aplicada - *Vídeo documentário*. Direção: Wagner Rodrigues Silva. Produção: Elizangela da Rocha Fernandes. Laboratório Virtual de Pesquisa Escolar com Gramática (LABGRAM). 08 abr 2022. (10 min) Disponível em: <https://wagnerrodriguesilva.com.br/labgram/dados_cientistas_notaveis?id=10>. Acesso em: 15 out 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

ECO-REBEL

HALLIDAY, Michael. New Ways of Meaning. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (orgs.). *The Ecolinguistics Reader. Language, Ecology and Environment*. Londres: Continuum, 2001, p. 175-202.

HAUGEN, Einar. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.

HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜHLHÄUSLER, Peter. *Greenspeak. A Study of Environmental Discourse*. Southand Oaks: Sage, 1998.

LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza como fazer ciência na democracia*. Bauru: Edusc, 2004.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar?* Bazar do Tempo. Edição do Kindle. 2020

LOVELOCK, James. *A Vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

MATOS, Francisco Gomes de. Declaração de Recife. *Seminário Internacional sobre Direitos Humanos e Direitos Culturais*, UFPE, 1987.

MATOS, Francisco Gomes de. *Pedagogia da Positividade: Comunicação Construtiva em Português*. Recife: Editora Universitária, 1996.

MATOS, Francisco Gomes de. *Comunicar para o bem*. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 2002.

MATOS, Francisco Gomes de. *Dignity – A Multidimensional View*. Oswego: Dignity Press, 2011.

MÜHLHÄUSLER, Peter. Talking About Environmental Issues. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (Orgs.). *The Ecolinguistics Reader. Language, Ecology and Environment*. Londres: Continuum, 2001, p. 31-42.

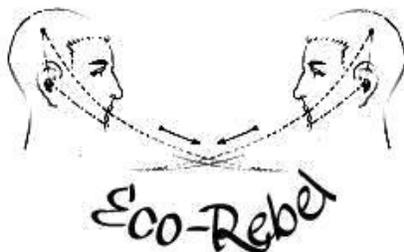
SAPIR, Edward. Language and Environment. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (Orgs.). *The Ecolinguistics Reader. Language, Ecology and Environment*. Londres: Continuum, 2001, p. 13-23.

SUANNO, Henrique. Ecoformação, transdisciplinaridade e criatividade: a escola e a formação do cidadão. In: SUANNO, Henrique, MORAES, Maria Cândida (Orgs.). *O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade*. Rio de Janeiro: Wak, 2014, p. 171-18.

UNESCO. Universal Declaration of Linguistic Rights. *World Conference on Linguistic Rights: Declaration of Barcelona*. Paris: Unesco, 1996.

Aceito em 08/01/2023.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 1, 2023.



HÚMUS: ECO-LINGUAGENS NA ÉPOCA DO COLAPSO

Teresa Moure (Universidade de Santiago de Compostela - Galiza)

Resumo: Na nossa época o colapso está a assomar as orelhas: quando a emergência climática tinha conseguido algum protagonismo entre os problemas mais urgentes da humanidade e o peak oil anunciava o fim da carbonização da economia, uma epidemia veio bater no nosso modo de vida. Entretanto, os discursos ecológicos continuavam a multiplicar as suas diferenças: da Ecologia Profunda à Dark Ecology, passando pelas derivas de orientação socialista, anarquista ou feminista, os debates multiplicaram-se nos últimos anos. Num tal contexto, a sessão que nos ocupa abre-se para uma análise ontológica comprometida com a alteridade e a diversidade. Tentaremos, em primeiro lugar, comparar as distintas aproximações filosóficas vigentes sobre a natureza no relativo aos seus discursos. Em segundo lugar, defenderemos que todas elas remetem para um pequeno problema de natureza linguística, apenas um assunto de tradução. Descartes escreveu “Cogito ergo sum”, e a sua famosa frase foi traduzida como como “Penso logo existo”. Não há qualquer problema nisso, mas cogito também é a raiz latina de cuidado. A nossa sociedade seria diferente se o cogito cartesiano tivesse sido interpretado neste segundo sentido. Cuido logo existo poderia ser a palavra de ordem apropriada para um mundo novo, visto que enuncia a atividade que nos dá maiores satisfações e que mais nos humaniza; também a única realmente (eco)lógica perante a catastrófica situação atual. Finalmente, enunciaremos o modelo que chamo de Húmus. A partir de uma comparação das gramáticas ocidentais com outras cosmovisões ainda presentes no planeta, talvez seja possível rebaixar a arrogância do penso e formular o cuidado.

Palavras-chave: Ecologia. Húmus. Cuidado.

1. Introdução

Durante anos, trabalhar em Ecolinguística era uma excentricidade. Frequentemente, colegas instalados em campos mais tradicionais ironizavam: estávamos a sucumbir perante uma moda. A perspetiva talvez tenha mudado porque hoje a Ecologia suscita maior interesse. Dizem que foi uma

rapariga chamada Greta Thunberg quem modificou a agenda. Em 2018, com quinze anos, provocava uma incipiente organização da juventude para chamar a atenção dos governos sobre os efeitos da mudança climática. Obviamente, o movimento verde estava presente antes, mas discorria fora de foco, em paralelo, com um ar transgressor que o afastava da normalidade. Na nossa época o colapso começa a assomar as orelhas: quando a emergência climática parecia um dos problemas mais urgentes da humanidade e o *peak oil* anunciava o fim da carbonização da economia, uma epidemia veio bater no nosso modo de vida. Entretanto, os pensamentos ecológicos não só têm problemas para chegar ao público, mas também acusaram as suas diferenças. Neste ponto faz sentido propor uma análise ontológica comprometida com a alteridade e a diversidade. Tentaremos aproximar-nos das diferentes óticas do pensamento ecológico e dos seus discursos a enunciar o conceito de *Húmus*. A partir de uma análise comparativa entre diversas cosmovisões linguísticas no planeta, talvez seja possível rebaixarmos a nossa arrogância antropocêntrica, a que causou o desastre ecológico em que nos mergulhamos.

2. As bases para a crítica ecológica

A Ecologia implica respeitar todos os seres vivos e mesmo entidades não vivas – a limpeza das águas e do ar, o caminho marcado pelo curso dos rios ou as peculiaridades do território e da paisagem. Esse respeito exige tomar conta do discurso com perspectiva crítica. Sabemos isso. Sabemos que os movimentos sociais – antirracistas, feministas ou na defesa dos direitos do coletivo LGBT – só se iniciaram quando determinadas palavras foram colocadas em quarentena. Como parte desta sensibilidade eu, que moro num país rural, tenho criticado a expressão *recursos naturais*: por muito que pareça inócua, coloca na nossa boca a natureza como se fosse uma pura matéria com que satisfazer interesses económicos, sendo estes por definição exclusivos dos seres humanos –ou, melhor dito, de alguns deles. A análise dos discursos mostra, no entanto, como o ativismo ecológico convive habitualmente com uma versão suavizada que visa conseguir maior popularidade. Para defender a selva amazónica, por exemplo, costuma argumentar-se que a perda da floresta determinaria o desaparecimento de princípios medicinais eventualmente úteis para curar algumas doenças. Tal pensamento, assim formulado, prediz que não nos interessa, na realidade, destruir a Amazônia. Então, se nos interessasse, seria lícito destruí-la? Podemos dispor da natureza ao nosso bel-prazer?

Hoje somos cientes de que a fiabilidade de qualquer enunciado depende de fatores tão suspeitos como a autoridade de quem o emita ou o contexto; daí que acharmos tal irregularidade na argumentação ética nos desconcerte. E os enunciados com conteúdos ecológicos multiplicam a nossa desorientação: as tecnologias médicas – em particular a hipótese de intervirmos no material genético para induzir mudanças em seres ainda não nascidos – desafiam-nos porque deixámos de saber o que é natural e que não é. Pior ainda, qualificar qualquer coisa de *natural* é perigoso. Com frequência foram louvadas naturalidades que eram pura ideologia: a superioridade da raça ariana ou do género masculino foram consideradas naturais. O termo *natureza* deveria ir sempre entre aspas: é uma produção tecnológica da linguagem para separar-nos de todos os seres vivos e inertes que compõem a paisagem; uma metáfora do nosso distanciamento.

Todas as versões verdadeiramente ecologistas demandam uma perspectiva ecocentrada. O conceito lembra-nos que num punhado de terra existem mais organismos vivos do que seres humanos no planeta. Esses bichos diminutos são imprescindíveis para a floresta existir. A Ecologia projeta o

ECO-REBEL

seu olhar para o invisível. Exige aceitar a nossa dependência de uma miríada de forças diferentes: esses organismos que atuam como plâncton da terra, a água, o ar ou a energia solar. Obriga-nos a adotar um posicionamento humilde, uma palavra que remete em latim para *húmus*, ‘terra’. A humildade é contrária ao orgulho que as culturas humanas invocaram e claramente revolucionária, visto que Adão se apoderava da criação divina e a Filosofia ocidental se gabava da razão ou da linguagem que nos separavam do resto das criaturas. Só a palavra *húmus* nos lembra quem somos e de onde é que vimos.

A Ecologia entranha humildade e com esse tom pronuncia a palavra *natural*; nunca no sentido coercitivo de “o que deve ser feito”. Afinal, alguns segredos da família ecológica permanecem bem escondidos, como a sedução que exerceu no século XX entre nazistas e outros setores de pensamento ultraconservador. É de rigor recordar que Himmler construiu uma granja orgânica no campo de concentração de Dachau e que tanto ele como Hitler eram vegetarianos. Para contornar estes precedentes, a ecologia costuma identificar-se como um pensamento político de esquerda nascido por volta de 1970 e não um século atrás, quando o termo era usado pela primeira vez.

Durante anos, apesar do florescimento acadêmico e ativista, a sua importância política foi escassa. Para finais da década de 80, os governos dos países industrializados tiveram que entoar um *mea culpa*: uma série de encontros científicos vaticinavam as dificuldades que já estamos a experimentar. Conto isto porque vamos encontrar novos problemas discursivos. Em 1987 o famoso Relatório Brundtland instaura o *desenvolvimento sustentável*, um eufemismo para compatibilizar o crescimento económico com a urgência de pôr limites à barbárie capitalista. Dez anos depois, o Protocolo de Quioto instava a controlar os seis gases implicados no aquecimento do planeta. Era ridículo conformar-se com reduzir em 5% as emissões registadas na altura. Nem assim foi cumprido. Lá é que surgiu o ambientalismo, uma proposta administrativa e pouco sistémica para remediar os problemas do nosso relacionamento com o mundo natural. Não encorajava para uma mudança profunda na organização social; apelava-nos para sermos moderadamente razoáveis sufocando vozes dissidentes. Perante qualquer problema ecológico, tipicamente a mudança climática, as/os ecologistas representavam uma espécie de pedra no sapato que o poder queria calar com paliativos, as tais medidas de desenvolvimento sustentável.

Num sentido diferente fragua-se o ecologismo político. Procurava projetos transformadores que cresceram entreverando-se com outras forças sociais – marxismo, feminismo, pacifismo, anarquismo –. Adotava um perfil rebelde, contrário às políticas acomodadas e, ao longo dos anos, aliou-se com as alternativas mais desafiantes contra a ordem estabelecida: a contracultura, as reivindicações nacionais ou indígenas ou o movimento antiglobalização. Movia-se nas margens, embora em muitos casos erigisse organizações convencionais ou colaborasse com elas. Um dos traços filosoficamente mais interessantes de todas estas propostas é a tentativa explícita de fazer com que o ser humano abandone a sua posição central, a mesma deslocação que encontramos noutras tendências pós-modernas, abertas à alteridade e a pluralidade. É lógico que a Ecologia questione a ciência mecanicista e as suas consequências porque não aceita que o mundo esteja feito em exclusivo para os seres humanos e, em consequência, sustem que a opulência material nem é desejável nem pode manter-se. Toda esta análise era ignorada pelas medidas ambientalistas que se contentavam com uma visão tecnocrática: uma economia próspera, sustentada por uma tecnologia eficiente e produtora de uma opulência mais limpa.

Não seria difícil rastrear as diversas opiniões alternativas que alguns pensadores, de Porfírio a Rousseau, ou de Spinoza a Adorno, tiveram sobre a natureza. Com a erudição suficiente, sempre

ECO-REBEL

podem encontrar-se delicados fragmentos onde a filosofia ocidental questiona o nosso relacionamento com o entorno. Porém esta tradição, segurada à religião, estabeleceu um abismo entre a espécie que pensa e todas as demais, colocadas sob o seu poder.

Foi o biólogo e naturalista alemão Ernst Haeckel (1834-1919) quem acunhou o neologismo *Oekologie* para descrever uma nova disciplina que estudaria os organismos e os seus ambientes. Influído pelo darwinismo, pretendia superar o clássico inventário das características de cada um dos seres vivos, para incluir os relacionamentos que mantêm. Não conseguiu ser referencial e o termo iria experimentando muitas variações – quer tratar as condições de saúde e bem-estar para a vida humana, quer incluir a História natural, quer tornar-se numa rama da Filosofia. Nesse contexto filosófico encontramos três grandes aproximações:

- a) A Ecologia profunda, elaborada pelo norueguês Arne Naess, sob a influência de diversas tradições orientais, propõe que os seres humanos não intervenham em absoluto sobre a natureza, substituindo o princípio biológico da luta pela vida pelo *vive e deixa viver*. Na linha de Thoreau ou de Tolstói, procura um bom viver onde os seres vivos e a paisagem estão entrelaçados num futuro comum harmônico: se alterarmos as condições, Gaia, a Terra, tentará eliminar-nos com mecanismos como a elevação da temperatura. Apesar de ser o primeiro corpus ecologista deliberadamente constituído, não usa o conceito político de classe nem a diferença norte-sul, resultando pouco operativo.
- b) Ecosocialismo e Ecologia social: A tradição socialista produz uma crítica contundente do capitalismo cujos textos são hoje legíveis em chave ecológica. Persegue a justiça social como objetivo primordial contornando o espiritualismo de Naess. Apesar de que o produtivismo acompanhou o socialismo real, as análises de Marx em favor de uma silvicultura responsável, alheia às pressas capitalistas são um precedente desta via. Também a cúpula bolchevique assumiu que a destruição da natureza provocaria uma catástrofe social. Só décadas mais tarde, em finais do século XX, temos uma explosão bibliográfica que relaciona a tecnologia capitalista e a degradação ambiental e fala do consumismo como uma ideologia. Em 2001, o *Manifesto Ecosocialista* de Michael Löwy e Joel Kovel, participantes na Quarta Internacional, une-se à revitalização dos partidos verdes na Europa. A Constituição do Equador recolherá os direitos da natureza (a *pachamama*) e em 2009 Bolívia declara-se oficialmente ecosocialista. Em paralelo, o anarquista Murray Bookchin influi em diversos projetos locais de ecoaldeias ou em organizações animalistas.
- c) Ecofeminismo: Partindo de que uma mesma lógica de domínio que oprime as mulheres e a natureza, surge uma tradição feminista, representada por autoras como Vandana Shiva, muito atenta à situação das comunidades rurais do hemisfério Sul, ao maltrato animal e aos processos de colonização. Noutros casos incide-se na relação entre as noções subalternas de classe, raça e género, revisando os privilégios de espécie e formulando uma crítica contra o feminismo branco pela sua tendência a invisibilizar outras formas de estar no mundo e a reduzir a agenda, a direitos sexuais ou reprodutivos sem olhar para questões implicadas na pobreza e discriminação de muitas mulheres no mundo, como a gestão da água.
- d) Ecologia escura: o filósofo Timothy Morton inverteu as prioridades. Com um estilo irreverente, mesmo cínico às vezes, insiste em que o fim do mundo já tem acontecido. Como humanos não temos capacidade para mudar nada: a natureza é um *hiperobjeto*, uma entidade tão imensa que mal podemos chegar a conhecer nalguma das suas dimensões. Mesmo assim, não podemos deixar de ser biosfera e o assunto centra-se em como nos sentimos ao contemplarmos a destruição real do planeta.

Estas diferentes vias não estão completamente afastadas, visto que partilham objetivos, mas põem o foco em pontos diversos até serem irreconciliáveis. Só ao analisarmos os seus discursos podemos observar esse ódio entre escolas. Quem optar pelo ecosocialismo qualificará Naess de “fundamentalista da natureza”, quem optar por vias mais espirituais chama os ecosocialistas de “melancias”: verdes por fora, mas furiosamente vermelhas por dentro. As ecofeministas são tildadas de essencialistas: as mulheres deixam de ser o *anjo do lar* para se tornarem no *anjo do ecossistema*. E assim por diante. Entretanto, os mais funestos presságios já estão a verificar-se por causa da nossa descontrolada incontinência.

3. Ecolinguagens para o cuidado

Neste contexto a ótica *eco-* em Linguística é tão sedutora quanto imprescindível para revigorar os discursos ecológicos. As línguas à nossa volta falam de *homicídio* para um delito que consiste em matar uma pessoa –sem premeditação ou outra causa agravante. A existência da palavra abre a porta ao reconhecimento de um problema social. A partir daí, foram aparecendo outras, como *suicídio*, *parricídio*, *magnicídio*, inclusive algumas muito recentes como *femicídio*, que convida a uma tomada de consciência contra a violência de género. Mas não temos palavras como *maricídio* para os desastres de barcos que, ao perderem petróleo na costa, acabam com todas as formas de vida no mar, nem *riicídio* para os casos em que uma fábrica contamina um rio, nem *montanhicídio* quando uma exploração mineira ou um sistema de transporte acabam com uma montanha ou *floresticídio* para os incêndios. Estas ausências léxicas têm uma leitura inequívoca: não pensamos em termos ecológicos. Ainda não. Não acabamos de ver a natureza inteira como protagonista do que está a acontecer e, de facto, o termo *ecocídio* mal se encontra nos discursos ativistas mais comprometidos.

O estudo das línguas proporciona extraordinários exemplos para repensar a natureza de maneiras alternativas. Costumo mencionar o exemplo do kalispel porque me fascina. Nesta língua ameríndia, falada ainda por uns poucos centos de pessoas nos estados de Idaho e Washington, não se pode dizer *lago* ou *montanha*. Não é possível conceber os elementos da natureza como objetos, segundo é habitual nas línguas indo-europeias; portanto, não os designam com substantivos, mas com verbos. Não saberia decidir se o animismo terá criado uma gramática semelhante ou se foi a gramática que produziu uma visão do mundo mais respeitosa com a natureza. Que em kalispel seja obrigatório expressar que a paisagem *lagueia* ou *montanhaia* não é uma anedota; o exemplo faz com que advirtamos que o Ocidente impôs a sua ótica gramatical fazendo-a passar por universal. Quem fale uma língua onde uma montanha for vista como um objeto poderá dinamitá-la e extrair os seus minerais; quem fale uma língua onde o rio for um objeto poderá pô-lo a trabalhar movendo uma turbina. Para quem a *montanha* ou o *lago* estiverem a acontecer perante olhos humanos, a paisagem adquirirá uma dimensão ontológica. A possibilidade de prender um objeto *montanha* ou um objeto *lago* ficará fora do nível de expectativas. Sem dúvida, existe uma vinculação forte entre a conceptualização da realidade das línguas indo-europeias e o industrialismo que, não por acaso, surgiu na Europa. Observe-se que, nas línguas desta parte do mundo, o contraste entre a conceptualização de objeto e a de fenómeno sim se aprecia em outros casos. Consigo ver a água que cai do céu como um objeto – *chuva* – ou como um acontecimento – *chover* –. Porém, a que corre pelo chão só pode ser vista na minha gramática como um objeto, *rio*; não existe o verbo

ECO-REBEL

*riear, que nos teria proporcionado uma perspectiva mais ecológica. A comparação interlinguística está a demonstrar que existem línguas mais ecológicas do que outras. E, aliás, não são as ocidentais.

Vejam os outros exemplos. O Ecofeminismo assinalou que as mulheres eram reduzidas aplicando o mesmo sistema de dominação que submetia à natureza: patriarcado e capitalismo atuavam em aliança. Seguramente esta via incorreu em excessos: idealizava o princípio feminino com um bocado de essencialismo. Contudo, a sua hipótese geral pode corroborar-se com dados de línguas. Igual que as mulheres são insultadas com nomes de animais – *raposas, víboras* –, a natureza descreve-se habitualmente mediante termos sexuais: as reservas naturais *conquistam-se* ou *domam-se*; a fera selvagem *controla-se, desbrava-se* ou *doma-se*, os seus segredos são *penetrados* e o seu seio está *ao serviço do homem*. As selvas *virgens* devastam-se para se tornarem em terras *férteis*, descartando as *estéreis*. Esta linguagem que feminiza a natureza reflete uma lógica de domínio que fortalece o poder, uma violência que se projeta na natureza por considerá-la inferior. Sobre esta ética e esta estética linguística é que descansam os alicerces invisíveis do discurso da ciência moderna.

Habitamos ferozmente as palavras porque a nossa existência decorre condicionada pelo que somos capazes de nomear. Como comentava ao começo, acho que devíamos controlar as nossas metáforas. A meu ver, todas as formulações ecologistas poderiam resumir-se num pequeno problema de tradução. Descartes escreveu “*Cogito ergo sum*”, e a sua famosa frase foi traduzida como *Penso, logo existo*. Está bem. Mas *cogito* também é a raiz de *cuidar*. A nossa sociedade fosse outra se o *cogito* cartesiano se tivesse interpretado neste segundo sentido. *Cuidar, logo existo* parece um fantástico lema de vida: resume a atividade que nos dá mais satisfações e que nos humaniza; também a mais ecológica. Atender ao discurso revela uma importância e uma urgência crescentes. Os laços de parentesco dos ayllus (em território inca), por exemplo, estendiam-se até aos rios ou as árvores, entendidas como seres. Talvez vocês tenham especiais vínculos com uma montanha ou com a árvore que plantaram quando nasceu a sua filha e sejam por isso *cogitantes*, quer dizer, *cuidador@s*. Sem estender-me demasiado nesta argumentação, vou indicar ainda um par de pontos.

Acho que, de maneira geral, os seres humanos, ao termos o poder de elaborar símbolos, estamos numa posição privilegiada que usamos para reforçar as nossas vantagens. Reconstruímos a realidade criando um corpo de conhecimento onde nos vemos como figuras centrais, enquanto todo o demais é periférico e merece ser explodido. O Ocidente praticou até a saciedade este domínio, produzindo estruturas e categorias que davam relevo à espécie humana. Os diferentes pensamentos ecológicos foram destacando que nem os povos do Sul, nem as mulheres, nem os animais, nem o resto do planeta tomaram parte no processo. Não podiam. Uma perspectiva ecocêntrica é imprescindível para acabar com o capitalismo, como sugere a Ecologia social, para adotar a perspectiva pacífica da Ecologia Profunda ou para mitigar a exploração do natural que procura o Ecofeminismo. Uma perspectiva ecocêntrica dinamiza a arrogância humana. Só por estas razões já é interessante. Mas só recentemente os seres humanos descobriram outros seres à margem do seu esmagador conceito de natureza. Ora, termos como *biocêntrico* ou *ecocêntrico*, mais abrangente e correto, têm também algo de exagero. Seria ridículo pensar que um vírus patogénico pudesse ter para mim o mesmo direito a existir que o paciente que o leva consigo. Talvez não possa deixar de ser quem sou, uma humana. O objetivo seria não ser tranquilamente humana e boa parte da minha mente dedica-se a reprimir os excessos da minha humanidade. Preparo a compostagem. Após ter cultivado uma horta, comi os frutos e devolvo à terra os restos. Com a ajuda dos minúsculos habitantes do solo, tornam-se em alimento para a terra que, novamente, num círculo

ECO-REBEL

eterno, irá dar-me o alimento. Não se trata de um equilíbrio perfeito, mas a política da compostagem pode ajudar.

A barreira entre o humano e o animal viu-se ameaçada no século XIX ao surgir a teoria da evolução e a ideia de uma origem física, não metafísica, da humanidade. Ficámos sem pautas relativamente ao nosso lugar na natureza. A partir daí, começou a produzir-se uma expansão em movimentos concêntricos do grupo de criaturas a que nos referimos quando dizemos *nós*. Afinal, só se trata de perfilar quem consideramos parceiro no caminho. Neste sentido vou imprimir um giro na minha argumentação. Com frequência temos escutado falar na literatura ecológica de animalismo: uma postura que defende os direitos dos animais. Às vezes argumenta contra a caça ou os jogos selvagens, às vezes proíbe a ingesta de carne, às vezes liberta esses animais de recintos onde estão a ser explorados. Aliás, se o animalismo convoca tanto interesse é porque, afinal, somos animais. Acho em falta o conceito de vegetalismo, uma etiqueta que improviso para agrupar todas as inquietudes em matéria ecológica que tenham a ver com os organismos vegetais.

Dito assim pode parecer uma piada, mas não é. As diversas sensibilidades animalistas estabelecem distinções subtis e a seguir detêm os argumentos antes de chegarem a termo. Se defendemos a dignidade de uma vida animal – quer porque os animais também sentem dor, quer porque não temos direito a promover a sua escravidão – deveria traçar-se um paralelo para o caso dos vegetais. E a vida digna de um vegetal iria consistir em quê? O vegetal é, por definição, o que não pede nada. Como sempre, as línguas corroboram a argumentação: falamos de *vegetar* para aludir a uma vida sem qualidade nem interesse. Falamos de *más ervas* como se elas pudessem ter qualidades morais. Somos, mais uma vez, arrogantes. A pergunta definitiva é se os organismos vegetais podem ser tratados como objetos.

Eu já pudei árvores cujos ramos ameaçavam com entrar pela janela e vi como lhes custa repor-se de uma poda dura. Até parece que chorem: podem observar-se gotas de humidade no talo, cicatrizes perigosas que, se não se puser remédio imediato, serão penetradas pelos fungos. Uma boa jardineira sabe minimizar esses efeitos, mas nunca poria em dúvida que existem. Também devastei ao completo uma árvore por diferentes razões: porque incomodava um vizinho ou porque as suas raízes afetavam a uma parede da casa. Digo isto para clarificar que, quando me interrogo sobre a dignidade da vida vegetal, não me sinto excluída de comportamentos hipoteticamente censuráveis. Mas julgo que um tema é precisar as plantas para comer ou, inclusive, controlar o seu crescimento desmesurado que nos ameaça e outra, muito diferente, decidir que uma floresta deva perecer para construir uma torre de apartamentos. As questões relativas à propriedade decantam a minha decisão num sentido ou noutro. Imagino que esta crença me situa mais próxima do Ecologismo Socialista que da essencialidade da Ecologia profunda ou de boa parte do Ecofeminismo.

Nem sempre somos cientes de que as árvores se comunicam entre si, um tema que, como linguistas, deveria interessar-nos. Wohlleben refere um par de exemplos significativos. Um dia, passeando por um bosque, encontrou-se uma pedra coberta de musgo. Ao levantar esse invólucro exterior observou que, na realidade, não se tratava de uma pedra: era madeira. Como no solo húmido deveria ter apodrecido, o achado era inquietante. Também não conseguia arrancá-la. Raspando um pouco advertiu uma camada verde que indicava a presença de clorofila, de maneira que essa madeira tinha de estar viva: correspondia a uma faia derrubada quinhentos anos atrás. A sua parte central tinha-se convertido em húmus. As células precisam respirar e alimentar-se, mas, ao não terem folhas, não poderiam ter feito a fotossíntese. Então, as demais faias próximas teriam passado

ECO-REBEL

os açúcares através das raízes a essa árvore necessitada. Uma floresta é uma comunidade de árvores que mantêm relacionamentos; se só se ocupassem de si próprias, muitas morreriam. Esta evidência vem lembrar-nos que uma ótica ecologista não deveria outorgar consideração especial aos animais, mas centrar-se em desenvolver o termo especismo em todas as direções. Outras aproximações filosóficas contemporâneas caminham, mesmo sem serem exclusivamente ecologistas, nesta direção. A *ontologia orientada a objetos* de Graham Harman, por exemplo, sustenta que os objetos existem independentemente do olhar humano, questionando assim os privilégios antropocêntricos, uma linha que abriu o caminho à *Ecologia Escura*.

Quando falo de vegetalismo não pretendo unicamente introduzir a minha sensibilidade de jardineira, mas também agrupar uma série de iniciativas resistentes que têm a ver com a natureza e que, no entanto, foram, acho, menos habituais no discurso ecologista. Nos anos setenta, Liz Christy elaborou as primeiras bombas de sementes: eram bolas com pepitas de tomate envolvidas em fertilizante e argila. Atirou-as para lugares abandonados de New York com a ideia de se reapropriar desses espaços. Assim nasceu um movimento associativo pioneiro nas hortas comunitárias que agora se encontram em muitas cidades: as *green guerrilhas*. Valorizam a obtenção de produtos frescos e de qualidade em meios urbanos, mas, sobretudo, o tempo partilhado e as dinâmicas de solidariedade e apoio mútuo que a horticultura cria. Aliás, nem todos os precedentes de ativismo vegetalista seriam tão pacíficos. Em muitos lugares do mundo, os povos organizam-se contra as leis dos estados tomando as florestas como refúgio e como símbolo: o grupo camponês de Guerrero no México, o povo cree do Canadá ou o penan do Bornéu, embora também existam movimentos europeus na Renânia ou em Notre-Dame des Landes. A ordenação do território foi um processo violento, que outorgava à engenharia funções militares: tinha de acabar com os obstáculos, da paisagem e humanos. Outros ativismos orientaram-se para a defesa das sementes: a via campesinha (no Brasil na primavera de 2006) fez ouvir a sua voz contra os transgénicos ou nas políticas da água, no Quênia as mulheres do Cinto Verde, com Wangari Maathai à cabeça, decidiram plantar árvores que evitassem a desertificação e assegurassem frutos e lenha nas redondezas. Temos muito a fazer como linguistas a analisar o discurso do nosso relacionamento com o mundo vegetal.

Finalmente, ao praticar a jardinagem, pode-se apreciar até ao final a noção de domínio. Quase todas as nossas práticas interferem com a vida vegetal, apropriam-se dela. Domesticamos sementes selvagens, deslocamo-las para outros enclaves, selecionamos as mais resistentes, pomos tutores, podamos, damos determinada forma a uma sebe. Mas, como os motivos económicos presentes na agricultura costumam desaparecer, a jardinagem oferece um efeito de *feedback*. Damos forma às plantas que, por sua vez, também nos conformam. A sedução mútua entre a jardineira e a planta pode ser vista como uma forma de simbiose: é possível que as plantas tenham que se submeter à tirania do nosso capricho, mas também, ao encarnarem os nossos ideais de beleza ou ao se adaptarem aos nossos gostos, conseguem o seu propósito: expandem-se, colonizam nichos que ficavam longe das suas capacidades e reproduzem-se. É difícil saber quem domestica quem. Para garantir a fecundação elas usam armadilhas como exibir os seus órgãos sexuais e envolvê-los em delicados aromas que subjugam os polinizadores. Igualmente, recorrem ao mimetismo ou imitam o cheiro das feromonas de alguns insetos. Não será tão estranho pensar que, quando atraem a nossa atenção, estão a tratar-nos como emissários da sua propagação. E nós, humanos, ficamos a fazer a mesma função que fazem insetos ou pássaros. A jardinagem, finalmente, oferece um espaço para a contemplação, para a meditação e para a sensualidade, afastado da produtividade ou da eficiência. Se deixarmos de cuidá-lo, o jardim crescerá selvagem em poucas semanas. Se as plantas

deixarem de cuidar quem as cultiva, também o ser humano crescerá selvagem. Pensar assim é pensar em chave vegetal(ista).

4. Ecolinguagens para o Eremoceno

Durante muito tempo, os seres humanos viveram em estreito contacto com o seu território. Conheciam o nome das plantas e dos animais à sua volta, diferenciavam-nos. Obtinham daí, além dos elementos materiais necessários para subsistir, um tipo de saber que perfilava a própria existência: animais potencialmente ferozes ou suscetíveis de serem domesticados, plantas comestíveis frente a outras tóxicas que, dosificadas, podiam curar os males; também espaços para cultivar ou para o lazer. Esse conhecimento com o tempo estaria contido nos dicionários. Às vezes, nas aulas universitárias, tenho perguntado à turma se conhece as plantas chamadas *língua de cervo* ou *língua de vaca*. Em absoluto. Mais grave ainda é que nem os próprios nomes são já significativos porque ignoram como são as línguas desses animais. Os dicionários contêm berros ancestrais que já não podem ouvir.

Não se trata de nostalgia, nem de idealizar um passado bucólico, mais apegado à paisagem, embora confesse eu ter essa sensibilidade. Simplesmente, ninguém protege o que não conhece, daí que a vertente *eco-* em Linguística ligue tão diretamente com a Ética de cuidados. As mudanças sociais das últimas épocas explicam que alguns saberes caíssem em desuso. A casa que se abastecia de substâncias curadoras de males menores já não existe. No capitalismo tardio a indústria farmacêutica cumpriu com o seu cometido de maneira ótima: varrendo a concorrência. Hoje não recorremos a uma infusão feita com tal erva que o sol maduraria nos caminhos; compramos cápsulas numa farmácia com a plena segurança de serem mais efetivas para remediar as dores. Um tipo de conhecimento da paisagem que estava ao nosso dispor umas poucas gerações atrás deixou de operar. Mal reconhecemos os vegetais sob o genérico *ervas* porque brotam espontaneamente e fora do nosso controlo. E voltamos ao começo: ninguém protege o que não conhece. Ninguém o ama. Nem o valoriza. E preferimos a grama de um campo de futebol – um monocultivo – à diversidade de um prado.

O conhecimento direto do mundo natural faz parte da história dos povos aborígenes, também dos aborígenes que fomos noutra época. Nesse contexto, a perspetiva eco-linguística é especialmente cultivada naquelas partes do mundo onde a modernidade chegou forçada por processos de colonização: as/os linguistas trabalham a toda a pressa inventariando línguas perdidas ou em via de extinção. Como se tivessem vocação missionária, tentam reavivar os vínculos dessas comunidades com o seu passado ancestral num labor entreverado de estratégias antropológicas e semânticas. Assim, muitos animais australianos com aparência de ratazana estão a receber nomes novos para serem salvos da extinção. Têm problemas de imagem ao terem sido denominados *ratos* quando em absoluto estão emparentados com os roedores chegados àquele continente nos barcos que saíam de portos ocidentais nos últimos centos de anos. O uso de nomes inapropriados determinou que a população local tentasse exterminar muitas variedades de marsupiais que nem competiam com o ser humano pelo alimento, nem lhe transmitiam doenças. Em resposta, uma Linguística com compromisso ecológico restaurou uma listagem de duas mil palavras aborígenes australianas com as que historicamente eram denominados. Ressuscitar essas palavras faria parte de uma estratégia do ativismo ecológico para conservar as espécies correspondentes.

Uma segunda orientação eco- em Linguística ocupa-se de reavivar as línguas do mundo, já que estamos a experimentar uma extinção em massa da diversidade cultural e idiomática precedente. Como os negacionistas da mudança climática, ainda muitas/os especialistas em línguas consideram que o problema não é assim tão grave: as línguas, insinuam, morreram sempre. E, às vezes, põem o exemplo do latim sem perceberem o erro monumental que aflora de imediato porque o latim se diversificou nas línguas românicas, mas a maior parte da nossa diversidade linguística atual está a perder-se irremissivelmente. Em 1992 Michael Krauss dava a voz de alarme quando assegurava que 95% das línguas faladas no final do século XX iriam perder-se ao longo do XXI. Só então a Linguística, imersa em polémicas de gabinete, tomou consciência da extinção reconhecendo que as línguas mais estendidas no mundo, como o inglês ou o espanhol, acabam por fagocitar outras. Mas a tipologia das línguas ameaçadas é normalmente mais variada da registada em Botânica ou Zoologia. O kalispel está ameaçado porque a sua pequena população é uma minoria étnica. Porém, as línguas menorzadas da Europa, como o galego na Galiza, apesar de teoricamente protegidas pela legislação, experimentam dificuldades para passar à seguinte geração pela forte pressão de línguas de melhor saúde. Finalmente, uma língua perfeitamente viva como o islandês é considerada ameaçada de morte *digital*: a sua presença no mundo cibernético das redes é escassa, porque só tem 350 mil falantes que usam com frequência o inglês na escrita. Ameaças diferentes complicam, em consequência, o panorama teórico. Um último ramo dos estudos eco-linguísticos estuda, como estamos a fazer hoje, a ecologia como assunto filosófico e a nossa capacidade de formular ideias diversas em um mundo a cada vez mais instalado no pensamento único.

O giro eco- implica exigir da/do linguista um compromisso ativo com o seu objeto de estudo. No caso da morte de línguas esta perspetiva híbrida parece a única possível para assegurar a sobrevivência de sistemas culturais que estão a desaparecer perante os nossos olhos com rapidez. Embora a veta iniciada por Darwin acabasse com a ideia de que Deus tivesse colocado o planeta ao nosso dispor, o antropocentrismo permaneceu. Vestida com as honras de ser o produto mais acabado da evolução, a espécie humana interveio na natureza, alterando os relacionamentos entre os ecossistemas e a qualidade da biosfera. Como em qualquer outro processo de dominação importa, e muito, como falemos dele. Essa é a base de uma investigação eco-linguística que não significa outra coisa que comprometida com a diversidade do legado que ainda temos. No Antropoceno, como muitos chamam a nossa época ou no Eremoceno, a nova denominação que significa “a era da solidão”, devemos reconhecer que estamos a ficar a sós no planeta. A sós com o nosso plástico e o nosso lixo.

5. A humusidade

O húmus é um símbolo de grande capacidade artística. Donna Haraway, a voz do ciberpunk, define-se como alguém que faz compostagem demonstrando que as práticas ecológicas impregnam todos os espaços do pensamento. Quem composta fixa-se no minúsculo, entende os ciclos, devolve à terra o que dela absorveu. Quem composta alimenta as plantas do jardim porque não as contempla como seres que simplesmente vegetam. Quem composta deixa madurar os detritos até se tornarem em terra nutritiva. Quem composta está lá, no húmus, a fazer o exercício de se descarregar da habitual soberba humana para agradecer o seu ofício às minhocas. “Habitamos humusidades, não humanidades. Filosófica e materialmente, sou uma compostista, não uma pós-humanista”, diz Haraway.

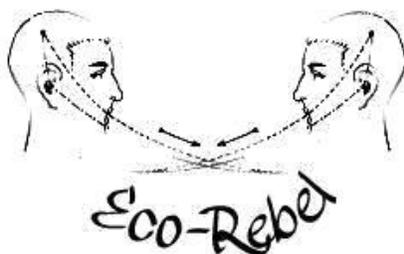
ECO-REBEL

Após ter gerado tanta massa crítica, a Ecologia aparece hoje miniaturizada. Cresceu em círculos científicos, políticos ou filosóficos que se dispuseram a manter intermináveis debates conceituais enquanto o tempo corria na nossa contra. Perdeu eficácia à medida que se tornava num corpo doutrinal, excessivamente normativo ou dulcificado pelas administrações. Mas ainda tem uma dimensão artística que se aprecia na sua capacidade de comover, na rebeldia criativa. Se cuidar do planeta é imprescindível, cabe lembrar-nos de que as legislações dos estados só permitem adotar crianças. Por acaso seria possível legalmente adotar uma montanha ou uma mina, para que alguns santuários não tivessem que sucumbir aos interesses industriais? Estas adoções seriam um exemplo de criatividade e uma política do húmus que nos colocaria, como espécie, fora de foco.

A simplicidade voluntária na existência, a frugalidade, o respeito ao território e aos seres que o habitam conformam a base comum a todas as ecologias. Todas são políticas. Todas implicam trabalharmos menos para termos menos materialmente e recuperar tantos prazeres e tantas liberdades perdidos. Todas podem reduzir-se a húmus. Seria uma forma de limar a ferocidade das suas diferenças. O húmus é aquilo de que a natureza se desprende e que, simultaneamente, a enriquece. Está feito de substâncias variadas, daí o seu poder nutritivo e vivificador. Na passagem pelo solo torna-se em fertilizante pelo trabalho cooperativo doutros seres minúsculos e aparentemente desimportantes. A humusidade é cooperação pela vida. Implica transformar-se, não se instalar em essências fundamentais, mas absorver os sucos, modificar a acidez e madurar. No caso humano exige aperceber-nos de que o nosso lugar não deve ser privilegiado. Assim queria enunciar hoje para vocês o que denomino uma *política do húmus*. Porque bebe de todas as tradições ecológicas, o húmus é um conceito heterogéneo e descrito e, de alguma maneira, a sua política é também uma poética. Surge da convicção de que o tema do nosso tempo demanda superar os sistemas de crenças demasiado ensimesmados e assumir a perspectiva plural de uma multidão híbrida, desafiante, que avança convencida de ser um sujeito biopolítico amplo e capaz, por tanto, de ter muitos olhares que se entrecruzam.

Aceito em 20/12/2022.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 1, 2023.



OS SENTIDOS DA NATUREZA: IMPLICANDO OS SABERES DECOLONIAIS NOS ESTUDOS DISCURSIVOS ECOLINGUÍSTICOS

Lorena Araújo de Oliveira Borges (*Universidade Federal de Alagoas*)

Resumo: O presente ensaio tem o objetivo de refletir sobre como os estudos discursivos propostos no seio da Ecolinguística podem se beneficiar do diálogo profundo com os Saberes Decoloniais. À luz das propostas filosófico-teóricas dos estudos ecolinguísticos do discurso (COUTO et al., 2015; STIBBE, 2015; BORGES, 2020; 2021; COUTO; FERNANDES, 2020) e dos estudos decoloniais (QUIJANO, 2000; 2007; BOFF, 2012; ACOSTA, 2016; SANTOS, 2008; 2010; dentre outros), buscamos aventar uma chave interpretativa que considere, na explanação social das questões analisadas, os sentidos da Natureza. O ensejo para tal parte da percepção de que a Natureza possui, por si própria, uma força agenciadora, fomentando diferentes sentidos e configurando identidades, ou seja, ela participa ativamente e de maneira não determinística na construção das múltiplas sensibilidades de mundo que a habitam. Entretanto, frequentemente, essa agência é apagada no contexto das sociedades ocidentalizadas, sendo a Natureza entendida como uma *posse* ou *domínio a ser conquistado, domesticado, moldado* etc.

Palavras-chave: Discursos; Natureza; Ecolinguística; Saberes Decoloniais

Abstract: This essay aims to reflect on how the discursive studies proposed within Ecolinguistics can benefit from a deep dialogue with Decolonial Knowledges. In the light of the theoretical philosophical proposals of ecolinguistic discourse studies (COUTO et al., 2015; STIBBE, 2015; BORGES, 2020; 2021; COUTO; FERNANDES, 2020) and decolonial studies (QUIJANO, 2000; 2007; BOFF, 2012; ACOSTA, 2016; SANTOS, 2008; 2010; among others), we seek to suggest an interpretative key that considers, in the social explanation of the analyzed issues, the meanings of Nature. The occasion for this comes from the perception that Nature has, by itself, an agency force, fostering different meanings and configuring identities, that is, it participates actively and in a non-deterministic way in the construction of the multiple sensibilities of the world that inhabit it. However, this agency is often erased in the context of Westernized societies, with Nature understood as a *possession* or *domain to be conquered, domesticated, molded*, etc.

Keywords: Discourses; Nature; Ecolinguistics; Decolonial Knowledges.

Introdução

O trabalho apresentado aqui é fruto de algumas reflexões iniciais sobre como seria possível, no âmbito dos estudos discursivos, tratar a Natureza não como um objeto discursivizado, mas como uma Sujeita produtora de sentidos. Com esse intuito, procuro colocar em diálogo os estudos discursivos desenvolvidos no âmbito da Ecolinguística (COUTO et al., 2015; STIBBE, 2015; BORGES, 2020; BORGES; COUTO, 2021; COUTO; FERNANDES, 2020) e as discussões onto-epistemológicas sobre a Natureza desenvolvidas no seio dos Estudos Decoloniais (QUIJANO, 1992; MALDONADO-TORRES, 2007; ACOSTA, 2016).

A escolha pela *decolonialidade* se deve ao fato de que ela se configura como uma ferramenta política, epistemológica e social que busca a superação das opressões e das estruturas que caracterizam a colonialidade (QUIJANO, 1992). Esta, por sua vez, refere-se “à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131); organiza-se, portanto, como uma matriz, estruturada a partir do controle de uma rede complexa de diferentes aspectos sociais, motivo pelo qual torna-se possível falar em *colonialidade do poder* (controle da economia, controle da autoridade, controle da natureza e dos recursos naturais), *colonialidade do saber* (controle do conhecimento, controle dos regimes de verdade) e *colonialidade do ser* (controle do gênero e da sexualidade, controle da subjetividade). Criada a partir de um contexto sócio-histórico que envolve a invasão de territórios africanos, asiáticos e americanos e o tráfico maciço de africanos escravizados pelos europeus, a colonialidade é, segundo Mignolo (2017), o lado obscuro da modernidade¹, sem o qual esta não poderia existir.

Contra-pondo-se à lógica da colonialidade/modernidade, os Saberes Decoloniais buscam fornecer um instrumental de análise crítica ao pretense sujeito universal, localizando complexos sistemas de opressão, dominação e exploração que se entrecruzam nas noções de raça, classe, gênero, sexualidade, espiritualidade, corporalidade, fomentando uma decolonização dos saberes e dos Seres para decolonizar os poderes. Para tanto, assumem posicionamentos reconhecidamente *subalternizados* e contrários à pretensão dos saberes hegemonzados, contribuindo para a

¹ Mignolo (2017, p. 2) aponta que a modernidade é “uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a colonialidade”.

ECO-REBEL

compreensão dos mecanismos de dominação situados que constituem as práticas sociais contemporâneas e para a construção de outras narrativas, pautadas no reconhecimento da existência de indivíduos e Seres que são historicamente invisibilizados.

Para desenvolvermos a proposta apresentada, divido o presente artigo em três partes. Na primeira seção, explico brevemente como os estudos discursivos vêm sendo abordados no âmbito da Ecolinguística. Na segunda seção, apresento as narrativas hegemônicas sobre a Natureza e como elas configuram os pontos de vista que temos sobre essa entidade e sobre as sensibilidades de mundo que a habitam. Para finalizar, na terceira seção, mostro como as discussões decoloniais, em especial a noção de *Bem Viver*, podem contribuir para a construção de uma chave interpretativa que considere, na explanação social das questões analisadas, os *sentidos da Natureza*.

Os discursos nos estudos Ecolinguísticos

Os estudos do Discurso, de modo geral, procuram investigar como os sentidos são materializados nos textos que circulam cotidianamente nas mais diferentes práticas sociais e que efeitos esses textos produzem nessas práticas. Quando falamos em textos, não estamos falando apenas em *textos linguísticos*, articulados por meio da modalidade oral ou escrita da língua. Texto, aqui, deve ser compreendido como um *todo de sentido*, “uma rede diferencial, um tecido de traços referindo-se interminavelmente a algo diferente de si mesmo, a outros traços diferenciais” (DERRIDA, 1979, p. 84), podendo ser verbal, visual, sonoro, dentre outras modalidades. Trata-se, portanto, de uma rede de sentidos que materializa determinados significados ao mesmo tempo em que é assombrada pelos significados outros que não são contemplados nela.

Essa rede de sentidos circula socialmente e narrativiza o mundo, construindo histórias sobre como devemos reconhecer a nós mesmas e apreender o mundo e validando determinados discursos enquanto deslegitima outros (FAIRCLOUGH, 2003). Dessa maneira, ao entrar em contato com textos, a analista do discurso deve sempre se questionar sobre as narrativas que eles validam ou desautorizam, que vidas eles valorizam ou desvalorizam, e – uma vez que estamos situadas no campo dos estudos discursivos – como eles fazem isso linguisticamente. Os diversos campos dos estudos discursivos fazem isso de diferentes maneiras, investigando questões como os aspectos sociais e ideológicos que impregnam as palavras (FERNANDES, 2015), os modos como o poder, a dominância e a iniquidades são ativados, iterados, legitimados ou contestados por meio dos

ECO-REBEL

textos (VAN DIJK, 2001), as relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados (BRAIT, 2006), etc.

A Ecolinguística, já tem algum tempo, tem se preocupado em estudar como o Discurso impacta os ecossistemas que integram a vida, determinando o que deve ou não ser valorizado, isto é, quais vidas são passíveis de luto e, por conta disso, têm sua existência garantida. No âmbito dos estudos ecolinguísticos, duas vertentes se destacam em relação aos estudos dos discursos: a Ecolinguística Crítica e a Análise de Discurso Ecológica.

Na *Ecolinguística Crítica*, o foco das investigações recai sobre como os sentidos produzidos por diferentes discursos contribuem para a destruição ou para a construção de uma inteligibilidade da vida (STIBBE, 2014; 2015). Para tanto, ela se utiliza das categorias de análise propostas pela Análise de Discurso Crítica e classifica os discursos de três maneiras distintas: i) *destrutivos*: aqueles que coadunam com ideologias que atuam em prol da destruição ecológica; ii) *ambivalentes*: aqueles que mesmo tendo o objetivo de elucidar problemas ecológicos, são influenciados por interesses que atuam no sentido contrário; iii) *benéficos*: aqueles que contemplam interações mais saudáveis entre humanos e Natureza.

A *Análise de Discurso Ecológica* (COUTO et al., 2015; COUTO; FERNANDES, 2020; COUTO; SILVA, 2020), por sua vez, baseia-se nos princípios da Ecologia Profunda (NAESS, 1973) com o intuito de dissolver as barreiras entre humano e Natureza, promovendo a exaltação da vida em primeiro lugar. Nesse sentido, busca, conforme explicam Couto e Fernandes (2020, p. 18), “descrever e analisar a construção de sentidos gerados por sujeitos que empregam linguagens dentro de contextos ecológicos interacionais de comunicação”. Propõe-se, assim, a realizar um estudo da interação comunicativa e dos discursos que se materializam nela, conectando seres humanos e Natureza, considerados partes pertencentes e formadoras de um mesmo ecossistema.

Para ambas perspectivas, existe um apagamento dos *sentidos* da Natureza e dos Meios Ambientes nos estudos discursivos de modo geral, sendo estes frequentemente apresentados como meros espaços apropriados e ocupados sobre o qual produzimos sentidos; nunca, portanto, fontes de sentidos. Essa é uma percepção que se fundamenta na lógica da colonialidade/ modernidade (MIGNOLO, 2017) que estrutura a maior parte das sociedades ocidentalizadas contemporâneas. É exatamente contra esse ponto de vista único, construído e reiterado também por meio dos

ECO-REBEL

discursos, que a Ecolinguística pretende atuar, garantindo que outras formas de se pensar e viver a Natureza e os Meios Ambientes possam ser contempladas nos estudos linguísticos.

Com o intuito de aventar uma chave interpretativa que possibilite a construção de outras narrativas sobre a Natureza, recorro, aqui, aos Saberes Decoloniais, conforme apontado no início deste ensaio. Antes, entretanto, gostaria de apresentar a maneira como os discursos hegemônicos sobre a Natureza e os Meios Ambientes vêm narrativizando, historicamente, essas entidades e como essas narrativas determinam as maneiras como nos relacionamos com elas, entendendo-as como coisas (objetos) em vez de Outros (Sujeitos).

A Natureza nos discursos hegemônicos

Já venho apontando, há algum tempo (BORGES; COUTO, 2021), que a maneira como a Natureza é pensada e integrada às vivências humanas varia de acordo com as diferentes sociedades. No seio das sociedades capitalistas ocidentalizadas, como é o caso da brasileira, tanto a Natureza quanto as sensibilidades de mundo que a habitam são, frequentemente, narrativizadas a partir da lógica da colonialidade/modernidade (MIGNOLO, 2017) que se estabeleceu a partir da expansão marítima, no século XVI, e se cristalizou com a Revolução Científica do século XVII. Para essa lógica, a Natureza é concebida como uma posse humana, um domínio a ser conquistado, uma propriedade a ser domesticada, ajustada, moldada, configurada, etc. Nesses termos, cabe aos humanos se apropriarem da Natureza e extraírem dela todos os *recursos* possíveis, impondo a ela seus desejos e suas vontades.

Aqui, ou os saberes da Natureza, os poderes que ela configura e os Seres que a habitam são apresentados como insignificantes e incapazes (*selvagens*) ou eles são *exóticos*, à disposição para serem exibidos aos *civilizados*, estes, sim, os detentores do desenvolvimento e do progresso. São essas as narrativas reiteradas em textos oficiais e midiáticos que representam as comunidades indígenas como *infantilizadas*, apresentando-as como incapazes de cuidar de suas próprias terras. Um exemplo disso é a seguinte fala do ex-presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, na Organização das Nações Unidas, em 2019:

O Brasil agora tem um presidente que se preocupa com aqueles que lá estavam antes da chegada dos portugueses. O índio não quer ser latifundiário pobre em cima de terras ricas. Especialmente das terras mais ricas do mundo. É o caso das reservas Ianomâmi e Raposa Serra do Sol. Nessas reservas, existe grande

ECO-REBEL

abundância de ouro, diamante, urânio, nióbio e terras raras, entre outros (BRASIL, 2019).

Ao *advogar* em nome dos povos indígenas, dizendo o que eles querem/devem fazer ou não em relação às suas terras, Bolsonaro materializa discursos recorrentes em nossas sociedades sobre os indígenas, *pobres latifundiários* que habitam *terras ricas em recursos* e, por falta de tecnologia, são incapazes de explorá-las. Trata-se de uma perspectiva capitalista e mercadológica, que assume a Natureza como um grande reservatório de recursos naturais, uma fonte pretensamente inesgotável de materiais valiosos – ouro, diamante, urânio, nióbio. Nessa lógica, o homem branco, europeizado, *salvador*, seria o responsável por levar o progresso, o desenvolvimento e a modernização a esses povos, ensinando-lhes a *controlar* e *usurpar* a Natureza.

Essa é apenas uma das maneiras como aquilo que venho chamando de *retórica da preservação* (BORGES; COUTO, 2021) se manifesta linguisticamente nos discursos hegemonizados sobre a Natureza. Entendo por *retórica da preservação* uma configuração discursiva que, ao apresentar o cuidado e a preservação da Natureza como uma necessidade imponderável para a sobrevivência daqueles que são considerados humanos – os homens brancos cis-heteronormativos, sem deficiências, jovens, dentre outros marcadores sociodiscursivos –, perpetua a opressão e a destruição da Natureza e das múltiplas sensibilidades de mundo (MIGNOLO, 2017) que a habitam.

Além da infantilização e da deslegitimação das vivências das comunidades que não comungam com a concepção capitalista e mercadológica que subjaz à lógica da colonialidade/modernidade, a *retórica da preservação* também possui outras características semióticas recorrentes, como a eufemização dos efeitos da destruição, o apagamento dos responsáveis pela destruição, a valorização e a visibilização de apenas pequenos recortes da Natureza e das sensibilidades de mundo que a habitam, dentre outros.

A *eufemização dos efeitos da destruição da Natureza* é recorrente nos discursos hegemonizados, como os políticos ou midiáticos, que apontam as consequências do desmatamento e do uso desenfreado da Natureza, indicando que estas serão enfrentadas apenas em um futuro distópico. Muitas vezes, esses supostos futuros aparecem representados até mesmo em imagens com baixa modalidade, ou seja, que não retratam o mundo de maneira fidedigna (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Entretanto, para milhares de Seres ao redor do mundo que tiveram seus modos de vida alterados ao longo das últimas décadas, esses efeitos já se fazem bastante presentes.

ECO-REBEL

Linguisticamente, a eufemização pode ocorrer, por exemplo, por meio da modalização, categoria da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) utilizada para expressar a assertividade dos falantes em relação aos enunciados que emitem. Ao selecionar verbos modais como *pode* (e.g. as consequências do aquecimento global *podem* ser desastrosas), o falante/escritor representa os efeitos da destruição em termos de probabilidade, ou seja, pode ser que eles ocorram, pode ser que eles não ocorram. Entretanto, as respostas mais recentes da Natureza à destruição à qual ela é submetida, como as inundações em regiões costeiras, o desaparecimento de ilhas, as ondas de frio e de calor intensos em diferentes regiões do mundo, as pandemias etc., deixam explícitos os efeitos dessa devastação.

O *apagamento dos responsáveis pela destruição* já foi mapeado de duas maneiras distintas nos discursos hegemônicos (BORGES; COUTO, 2021). A primeira delas envolve culpar um coletivo, como os *seres humanos*, pela destruição, sem apontar quem de fato são os verdadeiros responsáveis por cada um dos processos que devastam a Natureza. A supressão desses atores sociais nos textos contribui para a construção da ideia de que todos os humanos destroem a Natureza de maneira igual, o que não é verdade. A pegada ecológica de todo um povoado ribeirinho na Amazônia, por exemplo, é extremamente menor que a de um milionário e/ou bilionário que viaja de jatinhos e envia foguetes ao espaço, ou seja, aqueles têm pouquíssimo impacto na destruição da Natureza, ao contrário deste.

A segunda forma de apagamento mapeada foi o uso de *nominalizações*, um “fenômeno em que qualquer elemento ou grupo de elemento, frase ou oração pode funcionar como uma estrutura nominal” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 358). O próprio termo *destruição* é uma nominalização que encapsula um processo material transformacional (destruir), apagando um ator que comete a ação (aquele que destrói), uma meta (aquilo que é destruído) e as circunstâncias implicadas nesse processo. Assim, quando os textos oficiais apontam, por exemplo, que *o desmatamento provoca a desertificação*, eles invisibilizam os verdadeiros agentes do desmatamento e, portanto, da desertificação.

Quanto à *valorização e visibilização de pequenos recortes da Natureza e das sensibilidades de mundo que a habitam*, é possível perceber que, toda vez que um texto aborda a preservação da Natureza, estabelece quais são os pedaços desta que precisam ser protegidos: a Amazônia, o Cerrado, a Mata Atlântica, dentre outros. O que precisa ser preservado, nesse sentido, é aquilo que é exótico aos olhos humanos, que possui alguma característica considerada especial. Essa ideia de

ECO-REBEL

preservação alcança um limite lógico quando nos atentamos para o fato de que ela se volta apenas para algumas áreas – aquelas poucas que ganham destaque e visibilidade –, garantindo a possibilidade de devastação de todas outras. Assim, se o fazendeiro preserva uma determinada área da sua propriedade, conhecida como Área de Proteção Ambiental (APA), ele pode transformar todo o resto em pasto. O que justifica a escolha da área que será preservada e a escolha da área que não será preservada? A resposta, na lógica da colonialidade/modernidade capitalista é sempre econômica.

Atento a essa *retórica da preservação* e das narrativas que ela atualiza cotidianamente em centenas de textos que representam a Natureza, o giro ecológico propõe um grande desafio para os estudos discursivos: reconhecer e produzir outras narrativas sobre a Natureza, de modo a assumi-la não como um objeto ocupado pelos seres humanos, mas como uma Sujeita produtora de *sentido*. A meu ver, os Saberes Decoloniais, conforme veremos na próxima seção, podem trazer grandes contribuições para essa mudança de perspectiva.

A Natureza nos Saberes Decoloniais

Para reencantarmos a Natureza, entendendo-a como Sujeita produtora de sentido, precisamos, primeiramente, posicionar-nos em um *ontos* que nos possibilite aventar outras chaves interpretativas para explanar as questões investigadas no âmbito dos estudos discursivos. Na proposta apresentada aqui, recorreremos às perspectivas ecossocialistas do Sul fundamentadas em práticas comunitárias e em cosmovisões tradicionais conhecidas como *Bem Viver*. Trata-se de um modo de vida que busca integrar pessoas, Natureza, Seres, fomentando a criação de um modelo econômico que não tome o capitalismo como parâmetro. Conforme Acosta (2016, p. 21) explica,

o Bem Viver – ou melhor, os bons conviveres – é uma oportunidade para construir um mundo diferente, que não será alcançado apenas com discursos estridentes, incoerentes com a prática. Outro mundo será possível se for pensado e erguido democraticamente, com os pés fincados nos Direitos Humanos e nos Direitos da Natureza.

Para tanto, o Bem Viver propõe alguns desafios fundamentais às sociedades ocidentalizadas contemporâneas. Primeiro, ele aponta que é necessário superarmos a noção de *desenvolvimento*, uma nominalização que compartimentaliza e apaga os atores, as metas e as circunstâncias de um processo. Poderíamos nos questionar sobre o que é, de fato, *desenvolver*?

ECO-REBEL

Que atitudes devem ser tomadas para garantir o *desenvolvimento*? No contexto das sociedades capitalistas, *desenvolver* está sempre atrelado a ganhar mais dinheiro, obter mais lucro. Nesse sentido, o Bem Viver questiona o *desenvolvimento* a qualquer custo e propõe uma visão mais diversificada e complexa dos ecossistemas, que promova a integração entre Natureza e humanos.

Em segundo lugar, o Bem Viver propõe uma concepção plurinacional e intercultural que garanta espaço, dignidade e respeito aos diferentes grupos sociais que integram uma determinada comunidade. Enquanto a perspectiva do *desenvolvimento* individualiza as pessoas, atomiza elas, o Bem Viver procura resgatar as diversidades e o respeito aos Outros, dentre eles a Natureza, empreendendo e fortalecendo “a luta pela reivindicação dos povos e nacionalidades, em sintonia com as ações de resistência e construção de amplos segmentos de populações marginalizadas e periféricas” (ACOSTA, 2016, p. 82).

Em terceiro lugar, o Bem Viver propõe o combate às desigualdades. Não é possível alcançar a integração e a multiculturalidade sem combater o classismo, o patriarcado e o racismo. Essas estruturas coloniais-modernas que fundamentam a organização do modelo econômico capitalista – e sem os quais este não existiria – precisam ser questionadas e contestadas. Não dá para fechar os olhos e nos arrogarmos o direito de dizer que *somos todos iguais*, pois uma mulher negra e uma mulher indígena, no contexto brasileiro, sabem muito bem que são diferentes de uma mulher branca e de um homem branco. Elas ocupam espaços diferentes e são situadas e (des)valorizadas de formas diferentes.

Dessa forma, o Bem Viver procura construir uma proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade e complementaridade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, traçando uma oposição ao conceito de acumulação perpétua, buscando formular alternativas de vida em um contexto que, claramente, as nossas alternativas estão bem reduzidas pelas propostas coloniais-modernas capitalistas. Nessa outra lógica, torna-se necessário questionar as noções de bem-estar propagadas e de estilo de vida almejados socialmente – o *ter para ser* não pode ser mantido a longo prazo – na tentativa de se construir um projeto realmente democrático e emancipador, superando aquilo que nos é apresentado como *o único modelo econômico que deu certo*, o capitalismo.

Para tanto, o Bem Viver não deve, jamais, ser articulado aos princípios do capitalismo. Muito pelo contrário. “Seus argumentos prioritários são um convite a não cair na armadilha de um conceito de ‘desenvolvimento sustentável’ ou ‘capitalismo verde’ que não afete o processo de

ECO-REBEL

revalorização do capital – ou seja, o capitalismo” (ACOSTA, 2016, p, 86); são um convite a escutarmos e considerarmos os *sentidos na natureza*, entendendo que não é a Natureza que deve se submeter aos contornos da economia, mas o contrário.

A economia deve submeter-se à ecologia. Por uma razão muito simples: a Natureza estabelece os limites e alcances da sustentabilidade e a capacidade de renovação que possuem os sistemas para autorrenovar-se. Disso dependem as atividades produtivas. Ou seja: se se destrói a Natureza, destroem-se as bases da própria economia (ACOSTA, 2016, 121).

Ao falarmos em *sentidos da Natureza*, precisamos considerar dois tipos distintos de sentidos que emanam dela. Primeiro, a Natureza tem um sentido em termos de direção, para onde ela se encaminha. Com todo o aparato científico e tecnológico que as sociedades ocidentalizadas já desenvolveram, deveríamos ser capazes, há bastante tempo², de compreender esse sentido. Entretanto, ainda hoje, não aceitamos que a Natureza se direciona para a manutenção da vida; não a vida de um indivíduo, mas a vida dos ecossistemas, das coletividades.

Além do sentido enquanto direção, é importante entendermos que a Natureza também produz sentidos, significados. Esses significados são lidos a partir das relações que os diferentes Seres estabelecem com ela. Nós, humanos situados em sociedades ocidentalizadas, frequentemente urbanas, fomos acostumados a não *escutar/ler* os sentidos produzidos pela Natureza. Não conseguimos nem compreender que o tempo da Natureza é completamente diferente do nosso e que aquilo que vemos ou percebemos no pequeno intervalo de cem anos – quando muito – que temos de vida, não é capaz de nos dar toda a dimensão do que é ou deixa de ser a Natureza.

Assim, para compreendermos os *sentidos da Natureza*, precisamos, primeiramente, reconhecer que fazemos parte dela e que ela possui limites biofísicos que não se submetem ao tempo e à lógica dos humanos, não podendo, assim, ser reduzida à categoria de *recursos naturais* e/ou *commodities*. Nesse sentido, uma alternativa aventada em países cujas comunidades vivenciam cosmovisões tradicionais do Bem Viver, como o Equador, tem sido tornar a Natureza uma Sujeita de Direitos. Nessa lógica, a Natureza passa a ter o direito de ser respeitada e cuidada, o que lhe garante o direito intrínseco à vida.

A Natureza vale por si mesma, independentemente da utilidade ou dos usos que se lhe atribua. Isso representa uma visão biocêntrica. Estes direitos não defendem

2 Desde 1992, a Organização das Nações Unidas (ONU) vem reunindo líderes governamentais, cientistas e representantes de entidades não-governamentais para discutirem, em conjunto, como evitar os efeitos da destruição ambiental. Até hoje, nenhuma medida realmente significativa foi tomada nesse sentido.

ECO-REBEL

uma Natureza intocada, que nos leve, por exemplo a deixar de cultivar a terra, de pescar ou de criar animais. Estes direitos defendem a manutenção dos sistemas de vida – do conjunto da vida. Sua atenção se volta aos ecossistemas, às coletividades, não aos indivíduos (ACOSTA, 2016, p. 131).

É essa virada ecológica que nos permite assumir a concepção de que a Natureza possui, por si própria, uma força agenciadora, fomentando diferentes sentidos e configurando identidades, ou seja, ela participa ativamente e de maneira não determinística na construção das múltiplas sensibilidades de mundo que a habitam, o que nos possibilita, enquanto analistas do discurso, aventar uma gama de novas interpretações para os sentidos da Natureza.

Algumas considerações

As reflexões apresentadas neste ensaio se baseiam em grandes anseios que venho nutrindo em relação à maneira como os seres humanos das sociedades ocidentalizadas capitalistas, que se fundamentam na lógica da colonialidade/modernidade, interagem e vivenciam a Natureza. O capitalismo, para a maior parte dos indivíduos e para a Natureza, é um sistema econômico-social-político que nem de longe deu certo. Ele nunca deu certo para as mulheres de regiões europeias que foram usurpadas de suas terras comunais pela burguesia e tiveram que se prostituir para garantir o sustento da família (FEDERICI, 2017); ele nunca deu certo para milhares de indígenas dizimados para que suas terras fossem transformadas em *recursos naturais*; ele nunca deu certo para milhares de indivíduos negros africanos que foram traficados e escravizados; ele nunca deu certo para todas as áreas desmatadas e todas as espécies extintas em prol do *desenvolvimento* e do *progresso*. O capitalismo continua não dando certo para bilhões de pessoas que se encontram em vulnerabilidade social e econômica porque não se encaixam nas matrizes normativas estabelecidas por esse sistema (ARRUZZA et al., 2019).

O capitalismo só *deu certo* para o pequeno grupo de pessoas que lucra financeiramente e/ou socialmente com os contornos nefastos da lógica da colonialidade/modernidade. Para esse pequeno grupo, o que são milhares de pessoas em condições de trabalho análogas à escravidão quando os recursos financeiros deles crescem consideravelmente todos os dias? O que é uma multa de milhões para uma indústria que mata um rio quando ela ganha muito mais com essa destruição? O próprio capitalismo delinea punições brandas para aqueles que destroem a Natureza. Assim, é

ECO-REBEL

possível constatar que esse pequeno grupo de pessoas possui um outro projeto de mundo e de sociedade: um projeto que se apropria da Natureza e que a destrói para gerar lucros.

É possível verificar esse outro projeto de sociedade em funcionamento em países que tiveram seus aquíferos sequestrados para gerar dividendos a grandes empresas. Também é possível ver esse projeto em funcionamento quando a Amazônia é destruída para dar espaço ao pasto e à monocultura. Da mesma forma, é possível ver esse projeto em andamento quando a crise alimentar que afeta a vida de milhões de pessoas não abala a confiança dos mercados do sistema financeiro. Para aqueles que ganham com esse projeto, pouco importa a Natureza. É para esse pequeno grupo que a *retórica da preservação* se torna produtiva, pois ela escamoteia o projeto em andamento, maquia a destruição presentificada e coloca no futuro as consequências dos nossos atos. Elucidar essa retórica é, a meu ver, uma etapa importante do processo de integração ontológica entre os diferentes domínios que constituem a Natureza.

Entretanto, além de elucidarmos a lógica que subjaz ao projeto do capitalismo para a Natureza, precisamos também, entender que nada do que é fundamentado nas bases de uma sociedade capitalista vai de fato garantir os direitos fundamentais da Natureza e uma vida digna e de qualidade para todos os Seres. Desse modo, qualquer forma de cultura extensiva, seja ela de grãos ou de animais, que destrua áreas inteiras de Natureza precisa ser repensada. Qualquer forma de preservação que permita a destruição de outras áreas deve ser contestada. Qualquer forma de opressão às múltiplas alteridades que integram a Natureza deve ser combatida. Precisamos, urgentemente, escutar outras históricas, conhecer outras cosmovisões e, escrever outras narrativas, construindo outras possibilidades de mundo, nas quais possamos ter uma relação mais saudável com a Natureza e com as múltiplas e diversas sensibilidades de mundo que a habitam.

Referências

ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi.; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019.

BRASIL. Jair Bolsonaro (2019-2022). *Discurso na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU)*. Nova Iorque, 24 set. 2019. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembleia-geral-da-onu>.

BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. A natureza da pandemia: uma análise ecolinguística crítica das representações do meio ambiente em textos sobre o coronavírus. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, 6(3), 2020. p. 11–36.

BORGES, Lorena Araújo de Oliveira; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki. A retórica da preservação: de como os discursos podem ser mobilizados para destruir a natureza. *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*, 7(3), 05–22, 2021. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/41383>.

BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTO, Hildo Honório; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki; FERNANDES, Eliane Marquez Ferreira. Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática. Brasília, 2021. E-book. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/publicacoes/livros/e-books>. Acesso em: 10 maio 2021.

COUTO, Elza Kioko Nenoki Nakayama; SILVA, Anderson Nowogrodzki. Discurso político: Análise do Discurso Ecossistêmica e Argumentação. In: OLIVEIRA, Esther Gomes; CORDEIRO, Isabel Cristina; MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar Machado; SILVA, Suzete (Orgs.). *Discurso e argumentação: tecendo os efeitos de sentido*. 1ed. Campinas-SP: Pontes editores, 2020, v. 01, p. 67-86.

DERRIDA, Jacques. Living on: border lines. In: HARTMAN, Geoffrey (Ed.). *Deconstruction and criticism*. London, Henley: Routledge, 1979.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, Nova York: Routledge, 2003.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2017.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. *Halliday's introduction to functional grammar*. Fourth Edition. Abington/New York: Routledge, 2014.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: the grammar of visual design*. London/New York: Routledge, 2006.

MALDONALDO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMES, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. *El giro decolonial*.

ECO-REBEL

Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana: Instituto Pensar, 2007.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, junho/2017.

NAESS, Arne. The shallow and the deep, long-range ecology movement. A summary. *Inquiry*, 16:1, p. 95-100, 1973.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidade. *Perú Indígena*, 13(29), 1992, pp. 11-20.

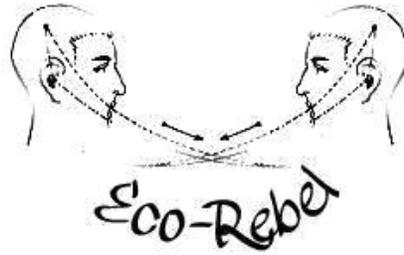
STIBBE, Arran. Ecolinguistics and erasure: restoring the natural world to consciousnesses. In: HART, Christopher; CAP, Piotr (Ed.). *Contemporary Critical Discourse Studies*. London/ New York: Bloomsbury Publishing Plc, 2014.

STIBBE, Arran. *Ecolinguistics: language, ecology and the stories we live by*. London: Routledge, 2015.

VAN DIJK, Teun. Critical Discourse Analysis. In.: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi (Orgs.). *Handbook of Discourse Analysis*. Oxford: Blackwell, 2001, p. 352-371.

Aceito em 16/01/2023.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 1, 2023.



TENTAR JÁ É TRIUNFAR: O MEU PERCURSO NA ECOLINGUÍSTICA¹

Adelaide Chichorro Ferreira (Universidade de Coimbra, Portugal)

Resumo: O presente texto corresponde a uma versão ligeiramente alterada da conferência apresentada aquando do V EBE, a 22 de outubro de 2022, e procura passar muito sumariamente em revista o meu percurso na ecolinguística, com algum enfoque naquilo que as máquinas raramente conseguem traduzir satisfatoriamente: a mais do que urgente poesia, repositório a não deixar morrer. Outra ênfase foi a questão do tempo, essencialmente no léxico (e muito menos na gramática), assunto que foi aliás tema de um outro congresso, em Graz, realizado em setembro de 2022, onde apresentei sensivelmente os mesmos conteúdos, mas em inglês.

Palavras-chave: Ecolinguística; O tempo; Meio ambiente; Percurso pessoal na Ecolinguística.

Abstract: This text corresponds to a slightly altered version of the conference presented at the V EBE, on October 22, 2022, and seeks to briefly review my journey in ecolinguistics, with some focus on what machines rarely manage to translate satisfactorily: the more than urgent poetry, repository not to let die. Another emphasis was the issue of time, essentially in the lexicon (and much less in the grammar), a subject that was dealt with at another congress, in Graz, held in September 2022, where I presented substantially the same contents, but in English.

Key-words: Ecolinguistics; Time; Environment; Personal journey in Ecolinguistics.

¹ Palestra proferida quando do V Encontro Brasileiro de Ecolinguística, em outubro de 2022

1. Árvores e tempo



Gostaria de iniciar a minha apresentação agradecendo o convite que me foi feito pelo colega Hildo Honório do Couto para participar nesta conferência, que se vem revelando tão esclarecedora e interessante. Hildo é presentemente um dos mais ativos cartógrafos da ecolinguística (Couto: 2007, por exemplo), e tem feito um trabalho excelente de interligação entre as várias vertentes desta multifacetada área de estudos, na qual eu própria sempre senti estar a dar um passo maior do que a perna, como resultará claro desta minha palestra.

Em primeiro lugar, apresento-vos uma imagem duma árvore que tenho no meu jardim. É um carvalho nativo espontâneo que se vem desenvolvendo bastante ao longo dos anos, tendo adquirido, entretanto, um belo porte, embora seja uma espécie de crescimento lento. Não o plantei: simplesmente aceitei que ele ali estivesse, o que se vem tornando relativamente raro (normalmente as pessoas plantam as suas árvores). Há mais de um quarto de século, aquando do primeiro congresso de ecolinguística a que fui (Fill:1996), a convite de Alwin Fill, este carvalho deveria ser uma árvore bem pequenina. Em Portugal há muitas árvores não nativas a crescer nas nossas paisagens, como é o caso dos eucaliptos e das acácias, espécies de crescimento extremamente rápido, hoje consideradas invasivas, e que são oriundas da Austrália. Esta diferença, por um lado, entre um crescimento muito rápido, encarado por ambientalistas como perigoso e destrutivo, devido à suscetibilidade destas espécies aos fogos florestais, e um crescimento lento, por outro, mas mais seguro e sustentável, é a primeira lição que provavelmente devo à ecolinguística, embora não exclusivamente a ela. É uma metáfora para o que for sendo apresentado nesta palestra.

O assunto que me move aqui, como sucedeu na conferência de ecolinguística realizada em Graz, na Áustria, em setembro de 2022, é o tempo, daí que a escolha deste exemplo, diretamente da natureza,

ECO-REBEL

corresponda a uma primeira abordagem a esta realidade interculturalmente tão diversa e frutífera. Tem de haver tempo para pensarmos sobre a língua, as línguas e as linguagens, e tem de haver línguas e linguagens para que possamos refletir no tempo e sobre o tempo. Por razões de espaço, darei neste trabalho maior destaque ao «tempo para a linguagem» do que à «linguagem para o tempo». Sabemos, por exemplo, quão importante é contar histórias, a crianças e a adultos, e isso não se faz sem tempo. Sabemos igualmente quão rica pode ser uma reflexão que não se fique pela rama, mas envolva toda a árvore ou mesmo o bosque. Ela requer uma perspetiva temporal mais ampla do que somente o momento presente. Devemos aprender com as árvores a respeitar os tempos da natureza, e para isso precisamos também de adquirir uma consciência mais clara acerca de como falamos sobre o tempo, nas nossas línguas. Desde logo, para que possamos perceber de que se fala ao certo quando sobre isso se fala. Porque o tempo dos físicos não é o das donas de casa, assim como o tempo numa pequena comunidade indígena, onde as pessoas nem costumam usar formas verbais do passado e do futuro, pouco ou nada tem a ver com o tempo dum engenheiro no centro da Europa ou nos EUA. Já lá iremos.

Pela estrutura da minha apresentação se depreende que a maior parte do tempo estarei a referir-me, de forma um tanto vaga porque é um percurso longo, à minha caminhada na ecolinguística, mas obviamente que isso não vai esgotar o assunto. Nem poderei referir-me longamente a tudo o que foi esta minha caminhada. Deixo-vos alguns momentos para consultarem o índice, pois a partir daí irão talvez perceber melhor o conteúdo desta palestra, à medida que o for explicitando. É que sou mulher de relacionar assuntos aparentemente díspares, o que pode por vezes dificultar a compreensão, mas devo isso ao *Zusammenhangwissen*, esse «saber de como as coisas estão imbricadas umas nas outras», de que falava Peter Finke, que muito me vem inspirando (FINKE, 2005, 2014, 2019).

Importa esclarecer que sou professora de linguística alemã e não de linguística inglesa ou portuguesa, e que leciono a alunos da licenciatura em Línguas Modernas, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, as disciplinas de Linguística Alemã 3 e de Tradução Alemão-Português. Doutorei-me, mas devido a uma série de fatores, entre eles o da falta de alunos com conhecimentos aprofundados de alemão, não dou presentemente aulas de mestrado ou de doutoramento na minha área, pelo que me vi obrigada a percorrer outros caminhos, o que também vai na linha de um *desideratum* da ecolinguística (de novo, em Peter Finke): o de sermos capazes de «olhar para além da borda do prato». Com efeito, venho lecionando a alunos estrangeiros uma cadeira chamada «Sociedade Portuguesa», sem me considerar propriamente socióloga. Como tenho apenas a meu cargo alunos de licenciatura, ou de cursos não conferentes de grau, não tenho supervisionado teses nem participado em cursos de pós-graduação, o que por vezes se vem revelando limitante, em termos de progressão na carreira. Quero com isto frisar, igualmente, que posso já não estar muito atualizada relativamente às últimas evoluções nesta nossa área de estudos, ou noutras afins. Em virtude deste conjunto de condicionalismos, por um lado é natural que me interesse por ecolinguística a

partir do ângulo da comparação ou contraste entre línguas. Por outro lado, sendo a ecolinguística ainda vista entre nós, um pouco, como assunto para excêntricos, é natural que me mova num equilíbrio precário entre o cultivo de interesses por vezes encarados como demasiado diferentes entre si. Em todo o caso, esta mistura é desafiante e confesso que me dá bastante gozo inspirar-me nas diferenças interculturais entre os meus alunos, de nacionalidades variadas, mas atualmente com largo predomínio da China. É nas minhas aulas, quando vem a propósito, que vou praticando um pouco a ecolinguística.

2. Léxico do tempo: uma questão cultural

Atentemos nestas palavras para «tempo»:

Alemão *Zeit* tem a mesma origem que o inglês *tide*. Inglês *tide*, maré, alemão *Gezeiten (Ebbe und Flut)*;
Inglês *deadline* = port. *prazo* = alemão *Frist* ou, também, noutro sentido, *Termin* (consulta, compromisso); veja-se o português *terminar* (na gramática, concluir ou terminar uma ação é vê-la como «perfeita»)
O termo português *prazo* rima com o português *atraso* «delay»! Pode a rima influenciar o pensamento?
Inglês: *three times, four times* – Alemão: *dreimal, viermal*, Português: *três vezes, quatro vezes...* (Nota: no inglês: *time* como marcador de ritmo...)
Ver ainda palavras como o português: *por vezes, algumas vezes, muitas vezes, frequentemente, devagar, lentamente, longamente*. Alemão: *manchmal, oft, langsam*.
Português: *tempo* - cronológico
Português: *tempo* - meteorológico (clima)
Alemão *Wetter* inglês *whether* (exprime incerteza) vs *weather* (tempo meteorológico)
Veja-se também: alemão *wittern* ou *wetten, dass...*: apostar; dimensão da incerteza; adivinhar o futuro!
Alemão *Tempus* (só para a categoria gramatical tempo), pl. *Tempora*
Português *têmpora* – alemão *Schläfe* (o lugar na cabeça onde podemos sentir se uma pessoa está viva, isto é, somente a dormir, ou morta; o mesmo procedimento serve para averiguar se alguém tem febre, colocando o dedo sobre a veia)
Alemão *Tempo* – a) ‘velocidade’, ‘ritmo’; b) marca de lenços de papel: nos alvores da industrialização, descartar era um sinal de progresso e de modernidade...
Alemão *Hochzeit* (literalmente: ‘tempo alto’ = ‘casamento’)
Alemão *Mahlzeit!* (literalmente: ‘refeição’ = diz-se muitas vezes com o sentido de ‘bom apetite’)
Alemão *Feierabend!* (lit. ‘anoitecer para celebrar’ = ‘momento em que se despega do trabalho’)
Português (recente): *boa continuação* (fórmula recente de despedida, interessantemente durativa...)

Toda esta série de palavras forma uma espécie de *cluster* ou nó aglutinador cujo tema é o tempo, nem que seja de forma marginal. Não estabeleci correspondências muito rígidas: apenas usei algumas vezes o critério etimológico e noutras recorri simplesmente à tradução, ou mesmo, num caso, à rima. Se em alemão dizemos *tide* para maré, não deixa de ser curioso que as marés tenham o nome de *Gezeiten* em alemão, estando o substantivo *Zeit* (‘tempo’) ainda relacionado etimologicamente com o termo inglês atrás referido. Isto porque a humanidade sempre dependeu da natureza, pelo menos em parte, para contar o tempo. Se *Wetter* (tempo, no sentido de clima) tiver um pouco a ver com *Wette* (‘aposta’), isto explica-se provavelmente com o facto de a nossa relação com as oscilações do clima envolverem a necessidade de previsão, já que o futuro é por norma desconhecido, e por vezes fazem-se apostas (*wetten, Wette*)

ECO-REBEL

relativamente a ele. Não admira, também, que o verbo aparentado *wittern* designe um cheiro, por exemplo a maresia, algo que ajuda a adivinhar ou intuir (*ahnen*), por exemplo, o tempo que irá fazer.²

É só para os tempos verbais que o alemão reserva o par *Tempus / Tempora*, herdado do latim, mas não deixa de ser engraçado que *têmpora*, em português, designe uma zona da cabeça onde se pode confirmar, colocando um dedo sobre a veia, se alguém está vivo, e apenas a dormir, ou se está com febre, porque esse é um lugar onde se sente o pulsar do sangue (como também acontece na zona do corpo humano a que, interessantemente, chamamos *pulso*). Ora um pulsar implica ritmo, frequência. Mais interessantes são ainda palavras alemãs contendo o elemento *Zeit* relativamente às quais não há uma tradução literal em português: *Hochzeit*, ‘casamento’ (à letra, o ‘tempo alto’), *Mahlzeit* ‘refeição’ (uma expressão que muitas vezes se usa com o sentido de ‘bom apetite’). Finalmente, aquela hora do dia que na Alemanha se designa por *Feierabend* (‘anoitecer para festejar’) pode até ser de manhã, desde que se aplique ao momento em que alguém despega do trabalho, uma hora certamente muito querida, quiçá propícia a festejos com uma caneca de cerveja. Nestes três últimos casos, não há equivalente estrutural em português.

Por outro lado, falamos de tempo de forma algo aterrorizante, porque me parece que já importámos a palavra inglesa *deadline*, que significa o momento em que alguma coisa tem de estar feita ou terminada, *otherwise* (gesto com a mão de cortar o pescoço). Se em alemão o mesmo se diz *Frist*³, o sentido desta palavra não deixa de estar próximo do de *Termin* (por vezes com o sentido de compromisso, por exemplo uma consulta médica). Ora, este termo remete para o cognato português *terminar*. Na gramática, diz-se dum ação concluída que ela é perfeitiva, isto é: «perfeita». Um claro enviesamento de natureza cultural? Já em português o termo para o conceito inglês *deadline* é *prazo*, algo que estranhamente rima, na nossa bela língua, com *atraso*. Também a iteração, e por conseguinte o ritmo ou a frequência de algo, se traduz em inglês por *time* (*three times, four times, etc.*), mas em português usamos com a mesma finalidade o termo *vez*, que associamos todavia à vez comunicativa ou ao *turn taking*, ao passo que em alemão temos o elemento *mal* (*dreimal, viermal*), também com o significado de sinal ou marca (os calendários são aliás feitos de sinais ou marcas um tanto arbitrárias ou convencionais, o que mais uma vez confirma que o tempo é, acima de tudo, algo de cultural, que pode variar um pouco de cultura para cultura). Para o inglês, língua em que primeiro floresceu o rock, concluo que *time* é ritmo, e algo de semelhante acontece com o alemão, mas noutra ponto do léxico.

Se a palavra portuguesa *tempo* remete em simultâneo para as ideias de cronologia e de meteorologia, donde que mais uma vez estamos perante um vestígio claro da nossa relação com a natureza,

2 *wittern*, segundo o *google translator*: «durch den Geruchssinn etwas aufzuspüren oder wahrzunehmen suchen; einen durch den Luftzug herangetragenen Geruch mit feinem Geruchssinn zu erkennen suchen».

3 Sobre a questão do tempo e dos prazos, leia-se (Weinrich:2004).

ECO-REBEL

o mesmo não se passa nem em inglês nem em alemão, sendo que nesta última língua o cognato *Tempo*, importado do italiano, aliás dum domínio como a música, significa hoje velocidade ou aceleração. Tem lógica: quantas vezes por minuto roda o pneu do carro é algo que nos dá a sua velocidade. Desde logo, a marca de lenços de papel que em alemão tem este mesmo nome assinala verbalmente a necessidade de as pessoas, com a industrialização, se adaptarem à vida moderna, em que deixou de haver tempo para tratar devidamente dos lenços de pano reutilizáveis de antanho, porque tudo passou a ser literalmente feito a correr. É talvez porque não gosto de fazer tudo a correr que aprecio a expressão belamente durativa *Boa continuação*, que nos últimos anos se vem ouvindo em português de Portugal, em jeito de despedida, um pouco como quem abrevia a partir do seguinte: «bom, vou-me embora, mas tu, continuas lá o que estás a fazer, em paz e de preferência sem demasiadas interrupções, todavia úteis para dois dedos de conversa».

3. Tempo é assunto de gramática

Poderia neste capítulo referir-me, com exemplos, a situações em que a língua portuguesa se vem simplificando, ao nível do uso que as pessoas, sobretudo em contextos de migração (que são cada vez mais frequentes), fazem da conjugação verbal, seja ao nível das terminações de número e pessoa, seja também no que toca ao grau de complexidade do sistema de tempos e modos verbais. Não é incomum ouvir na voz de algum emigrante formas do pretérito referindo-se ao futuro, pelo que é possível que estas simplificações devido ao contacto linguístico afetem o modo como se pensa acerca do mundo. A única solução parece-me ser continuar a ensinar o sistema, da forma o mais simples e lógica que nos for possível, garantindo acesso à educação para todos.

Outro domínio muito característico do português é o das chamadas perífrases verbais, que nos dão conta do modo *nuanceado* como concebemos os eventos no tempo, quer apresentando-os como durativos ou pontuais, quer como incoativos (focados no início do processo), etc. Comparativamente com o alemão, o português é uma língua riquíssima nesse tipo de estruturas (ver exemplos a seguir), mas por vezes pergunto-me se as gerações mais jovens, cada vez mais expostas através dos media ao inglês, acabam dominando essas estruturas ao ponto de delas tirarem o melhor partido expressivo. Também este seria um tema interessante, mas que daria um artigo só por si, pelo que não é minha intenção abordá-lo neste contexto.

Alguns exemplos de perífrases verbais do português, nem sempre fáceis de traduzir

Ir + para: Ele ia para preencher o formulário quando lhe disseram que não era esse.

(= Ele tinha a intenção de preencher o formulário, mas acabou por não o fazer.)

Ir + ger. 1: Ele ia preenchendo o formulário enquanto ela cantava.

(= ele preenchia lentamente o formulário durante o tempo em que a canção durou).

Ir + ger. 2: Ele ia caindo das escadas quando ela entrou.

ECO-REBEL

(= ele não caiu das escadas, mas quase...He nearly fell down the stairs)

Ficar + por + inf: O formulário ficou por preencher (não foi preenchido, passive voice)

Acabar + de + inf.: Ele acabou de preencher o formulário (he has just filled in the form)

Acabar + por + inf. : Ele acabou por preencher o formulário (he ended up filling in the form)

(ligeiramente diferente de: Ele sempre preencheu o formulário⁴.)

4. O tempo também é biografia

Falar de tempo e línguas é falar de tudo isto, mas também é remeter para as nossas vidas, numa perspetiva mais (auto)biográfica. E é o que farei a partir de agora, porque mais do que de linguagem para o tempo, preciso de usar aqui o tempo para a linguagem, mesmo sobre assuntos pouco usuais em textos científicos. À cautela, uma vez que o recurso ao pronome pessoal de primeira pessoa não é muito bem-vindo no discurso académico (assim como metáforas e um estilo mais narrativo), remeto para um poema de Hans Magnus Enzensberger (ENZENSBERGER, 2003), do seu magnífico livro *Die Geschichte der Wolken*, que, para o congresso de Graz (setembro de 2022), até traduzi para inglês com o Google translator, apenas com uma pequena correção minha. Isto para que se perceba que não é minha intenção falar de mim, uma vez que só o faço porque o que se passou comigo é porventura generalizável a muitos outros casos.

der Autobiograph

Er schreibt über die andern,

Wenn er über sich selbst schreibt.

Wenn er nicht über sich selbst schreibt.

Wenn er schreibt, ist er nicht da.

Er verschwindet, um zu schreiben.

In dem, was er schreibt, ist er verschwunden.

Er schreibt über sich selbst,

Wenn er da ist, schreibt er nicht.

Er schreibt, um zu verschwinden.

o autobiógrafo

Ele escreve sobre os outros

Quando ele escreve sobre si mesmo.

Ele escreve sobre si mesmo

Quando ele não está escrevendo sobre si mesmo.

Quando ele escreve, ele não está lá.

Quando ele está lá, ele não escreve.

Ele desaparece para escrever.

⁴ A palavra *sempre* não é neste caso um advérbio traduzível por *always*, no inglês, ou *immer*, no alemão, mas antes uma partícula modal, que permite concluir o seguinte, na frase indicada: a) estava inicialmente previsto que ele preenchesse o formulário; b) depois houve uma mudança de planos e ele supostamente não o preencheria; c) de novo se verifica uma mudança de planos e ele acabou por o preencher.

ECO-REBEL

Ele escreve para desaparecer.
No que ele escreve, ele desapareceu.

Tal como o *ele* lírico do poema (que a meu ver se poderia ser um *ela*), também eu senti muitas vezes vontade de desaparecer para as minhas palavras, ou mesmo de desaparecer de dentro delas. Talvez seja a isto que se chama escrever de forma pouco convencional, e foi realmente isso que me aconteceu ao longo dos anos. Passei a adotar registos não estritamente académicos e formas de escrita que foram ficando inerentemente inacabadas. Por outro lado, uma pessoa que se dedique à tradução «desaparece», por assim dizer, do produto acabado, que é de outra autoria. Traduzir é para mim assumir a voz de outrem, não a minha. A menos que proceda não a uma tradução, mas a uma transcrição.

5. *Fast language*: a rapidez da tradução automática

A propósito da minha tentativa de tradução automática do poema acima primeiro para inglês, e depois para português, cujo resultado, apenas com uma pequena correção, neste último caso acabei de transcrever, diga-se que recorri a este expediente, primeiro com vista ao congresso de Graz em setembro de 2022, porque o inglês não é a minha língua «natural», nem o é o português artificioso de muita escrita académica, para me reportar a um dos ecolinguistas que mais me marcaram, Adam Makkai (MAKKAI, 1993), que distinguia em 1993 entre «natural e artificial languages». O facto, porém, é que fiquei fascinada com a rapidez e desenvoltura do tradutor informático, o que contraria a ideia que eu fazia acerca da impossibilidade de por esta via se alcançarem resultados satisfatórios (ainda que necessitando, muitas vezes, de pós-edição). Esta constatação, confirmada por situações recentes em que venho recorrendo a tradutores automáticos até mesmo para comunicar com refugiados ucranianos, fez-me lembrar que comecei a minha carreira académica, precisamente, participando num projeto ligado a este tipo de tradução (o projeto EUROTRA). Cedo me apercebi, todavia, de que havia mais mundo na Linguística para explorar. Bem ao contrário do que acontecia nos seus primórdios, a tradução automática é hoje muito rápida, e há obviamente muita procura para a *fast language*, tal como para a *fast food*, o que não me impede de considerar que este recurso deixa muito a desejar para algumas coisas, como a literatura em geral e a poesia em particular, se é que esta última vai sobreviver. Não basta salvar línguas: há que salvar partes essenciais do uso das mesmas, que requerem tempo. Entendo que doravante este constituirá um desafio muito relevante para as ciências da linguagem em geral, e para a ecolinguística em particular.

6. O (meu) começo na ecolinguística: *Straßenbegleitgrün*, palavra datada

Passarei agora a referir-me ao início do meu percurso dentro da própria ecolinguística, que começou com a leitura da obra de Wilhelm Trampe, de 1990, *Ökologische Linguistik* (TRAMPE, 1990). Através

ECO-REBEL

dela, pela primeira vez associei os dois termos *ecologia* e *linguagem*. De facto, uma das palavras mais utilizadas em ecolinguística deve ser o próprio termo *ecologia*, que encontramos já em E. Haugen (HAUGEN, 1972), e que Trampe também aplica à linguística. Em muitas áreas do saber o mesmo sucede hoje, pelo que, recorrendo agora a um termo técnico da área da ecologia usado por Trampe, penso até que o termo *ecologia* se eutrofizou. Eutrofização é o processo pelo qual uma planta prolifera num curso de água de tal forma que sufoca toda a vida em redor de si mesma. Transposto para a linguagem, o fenómeno ocorre quando uma expressão, por exemplo *desenvolvimento sustentável*, é usada por tanta gente, e em circunstâncias tão diversas, que depois perde o seu sentido primordial ou mais importante. Será isto que também está a acontecer com o termo *ecologia*, na ecolinguística e não só? Não creio: precisamos de mais, não de menos ecologia. No entanto, por vezes pode suceder que «quanto mais palavra, menos coisa», sendo o inverso, «quanto mais coisa, menos palavra», possivelmente também verdadeiro.

Muitos dos vocábulos que Trampe usava como exemplos – e eu sou uma pessoa que pensa com exemplos – eram para mim estranhos, ou pelo menos eu desconhecia algum conteúdo que em português lhes correspondesse. Assim, outro termo interessante em Trampe é *Straßenbegleitgrün* (‘o verde que acompanha ruas’). Eis aqui uma cultura, um ambiente, uma atitude, assim como uma perspetiva temporal bem diferente das que eu tinha na altura: tudo isto se encontra expresso numa só palavra. E porquê? Treinada como tenho sido na área da tradução, a minha tendência natural é procurar encontrar significados no meu contexto para certos significantes ouvidos ou lidos em alemão. Ora, naquela altura eram ainda poucas as ruas novas em Coimbra decoradas com «mobiliário» vegetal. As pessoas nem sentiam essa necessidade do ‘verde que acompanha ruas’: o conceito não ocorria no seu inventário mental, e, como tal, a palavra também não. Foi a expansão urbana que trouxe a necessidade de vender a urbanização como mais verde, daí o surgimento desta palavra em alemão, que tem uma conotação negativa, segundo me disseram, de «termo de especialistas em urbanismo» (num contexto de crítica ecologicamente fundamentada de algum saber de especialistas). No meu país, que eu notasse, as pessoas do meu meio também quase não falavam nesses idos anos 90 de energia nuclear e de temas conexos, aos quais Wilhelm Trampe se referia muito criticamente no seu livro, a propósito dos exemplos que escolhia.

Agora há mais abertura para esses temas entre nós, e também se discute muito, por sinal, o ‘verde que acompanha ruas’. No dia em que proferi esta apresentação, houve mesmo um cordão humano para salvar árvores em Coimbra, ameaçadas pela expansão do metrobus na cidade, que, correspondendo embora a uma realidade positiva por retirar previsivelmente muitos automóveis das ruas, reduzindo as respetivas emissões, acarreta não obstante a necessidade de substituir canalizações por outras mais modernas, o que afeta as raízes das árvores, pelo que está previsto que se cortem muitas em algumas ruas por onde o referido sistema de transporte passará, o que desagrade a muita gente. Creio que mesmo assim não chegou ainda a Portugal a carga negativa do termo alemão *Straßenbegleitgrün*: nomeadamente, a que decorre de se

presumir que a estrada ou rua seja vista por urbanistas como mais importante do que a própria natureza, sendo por conseguinte para estas pessoas este tipo de invasão do campo um mal não a combater de raiz, abdicando da estrada ou da rua, mas meramente a mitigar por eufemização, através da plantação de alguma verdura ao longo da mesma.

Este e outros exemplos, em Trampe e noutros autores germanófonos, mostram que há um desfazamento temporal economicamente determinado que afeta os «mesmos» discursos em diferentes línguas / países. Outro exemplo: quando achei que era entre nós urgente decalcar o termo *Klimakatastrophe* do alemão, falando eventualmente em *climacatástrofe* (nota: este termo ainda hoje não é recorrente em português: a norma rejeita-o, se bem que o sistema da língua o aceite), a mim pareceu-me que nos focámos em Portugal muito mais em «temas fraturantes» ligados à sexualidade (sobretudo a partir de 1998). Inicialmente pensei tratar-se duma manobra de diversão, mas posso estar enganada. A verdade é que essa agenda, tal como a do clima, era internacional, mas de facto abafou durante bastantes anos temas de cariz ambiental (também eles com repercussões inclusivamente na sexualidade humana, como no caso dos chamados disruptores endócrinos, causadores de anomalias e até de infertilidade). Só nos últimos anos estão de novo a ressurgir as temáticas de cariz mais especificamente ambiental, substancialmente alteradas por influência desses outros discursos. Não é de admirar, pois as línguas e as comunidades que as falam são diversas e dinâmicas. Quero com isto dizer que não é possível, muitas vezes, decalcar *ipsis verbis* duma língua para outra. Tradução é mais do que mero decalque.

7. Depois do convite de Alwin Fill, língua desperdiçada?

Depois da leitura de Trampe seguiu-se o contacto com a obra pioneira de Alwin Fill, *Ökologuistik* (FILL, 1993). Nela o autor especifica uma série de âmbitos em que a análise ecolinguística se move ou poderia mover-se, não excluindo as questões de género. Fill é dos poucos ecolinguistas da primeira geração que explicitamente toma em consideração esta dimensão importantíssima. Fiquei aliás entusiasmada por poder vir a trabalhar numa área aliciante que me permitia aproveitar produtivamente o manancial de experiência que como ambientalista vinha adquirindo. Em 1994-95 cheguei mesmo a telefonar ao autor, que logo me convidou para o encontro de ecolinguística em Graz 1995. Nesse telefonema, apresentei-me como ativista contra o lixo em Portugal. Em Coimbra houve de facto uma grande controvérsia em torno da (co-)incineração de resíduos, envolvendo ativistas de várias cores políticas (FERREIRA, 2006). Hoje pergunto-me se esse investimento em ativismo terá sido linguagem minha desperdiçada.

Até 1995 eu tinha traduzido a estratégia da cidade alemã de Münster para lidar com os resíduos sólidos urbanos, a pedido duma associação de engenheiros de ambiente, e além disso havia proferido uma conferência no Goethe Institut local acerca de embalagem e *greenwashing* (FERREIRA, 1992/3?). A

questão é que, alguns anos depois deste pequeno evento, o Goethe Institut deixou de existir em Coimbra. Curiosamente, no edifício onde esta instituição alemã estava implantada passou a estar sediada, até há bem pouco tempo, a firma responsável pela recolha de lixo na cidade de Coimbra. Na verdade, estabeleço aqui obviamente uma correlação subjetiva, sem significado causal: a história mais ou menos oficial que se conta é que, com a queda do muro de Berlim, foi necessário expandir para leste, pelo que inevitavelmente se encerraram algumas delegações mais a ocidente. As minhas tentativas de associar crítica da linguagem à temática do lixo poderão ter sido apenas uma ínfima gota num oceano de outros fatores, e em boa verdade estou muito grata a todas as aprendizagens subsequentes em ecolinguística, pelo que não me é fácil escolher o que foi para mim mais marcante. Necessariamente estou a deixar muitos autores, textos e eventos de fora.

8. Jogos de poderes, de 2003 a 2018

No período que se seguiu à leitura da *Ökolinquistik* de Fill e à aquisição do primeiro *Ecolinguistics Reader* (FILL; MÜHLHÄUSLER, 2001), organizado conjuntamente por Alwin Fill e por Peter Mühlhäusler, alguns jogos de poder(es) interferiram com a minha carreira. De 2003 a 2018 não tive muito descanso: fiz o meu doutoramento em 2003 (FERREIRA, 2003), tentando apresentar o que (para mim) era a ecolinguística com que havia contactado através de vários colóquios a que fui, mas o facto é que fui contestada. Na tese, com muitas palavras em alemão (língua tida entre nós por difícil), eu criticava as energias fóssil e nuclear, defendendo os direitos das mulheres, inclusivamente em matéria de aborto, e chegava a aludir a um trabalho (THOLSTRUP, 1996) em que se apresentava o parto no domicílio como algo empoderador (por analogia para com o que ainda se vai praticando em certos círculos no norte da Europa). Fui obviamente vista como excessivamente emotiva, mas, se fosse hoje, provavelmente teria sido mais cuidadosa. Não que discorde do que escrevi, apenas considero que deveria ter tido mais atenção ao contexto português em que academicamente me inseria. Na verdade, empolguei-me com a ecolinguística e deixei um pouco o coração guiar o meu pensamento, e não apenas a cabeça. Além disso, não me preocupei muito com o destinatário da minha dissertação, que obviamente não podia ser, na minha universidade, a comunidade ecolinguística, toda ela à época residente fora de Portugal. Ainda se tentou que alguém nessa comunidade internacional viesse arguir a tese, mas era inviável, por causa da língua: ao contrário do que já há muito sucede em áreas como a informática, eu tinha de defender a tese em português. Sendo uma área quase desconhecida, a ecolinguística era ainda olhada de lado, na pátria de Camões.

Mais tarde, em 2008, quase «falhei» outra vez, quando me candidatei à nomeação definitiva, embora tivesse até aí publicado com relativa abundância. A minha interpretação é a de que, não obstante os meus

ECO-REBEL

muitos defeitos, metodológicos e não só (que só por si seriam suficientes), terá sido preciso um bode expiatório para testar certas mudanças burocráticas, muito contestadas, que se vinham concretizando com a reforma de Bolonha, e eu obviamente que era um alvo, pois estava casada com o «poder». O meu marido, que fora um ambientalista bem mais ativo do que eu, era nessa altura decano da maior faculdade de Coimbra, vindo mais tarde a ascender ao cargo de reitor. De novo, tive de me defender, e lá me fui aguentando. Chegaram a tentar separar-nos com cartas anónimas e notícias falsas na imprensa local, algo que, entretanto, me apercebo de que ocorre com certa frequência nas elites.

9. 2010-2020, quase só jogos de palavras...?

De tudo isto houve sequelas, claro. Entre 2010 e 2020 pode até parecer que, na minha produção textual, quase só entrei em jogos de palavras. Na verdade, em parte assim foi. Só no ano de 2019 publiquei 3 livros em formato online: um de poesia (em inglês e em alemão) (FERREIA, 2019a)), uma coletânea de textos breves de opinião sobre ambiente na imprensa local (FERREIA, 2019b)), mas escritos com algum humor, e uma novela (ou paródia) (FERREIA, 2019c)), imaginando a minha cidade, Coimbra, debaixo de água devido às alterações climáticas e a uma rutura numa barragem. Criticava com um humor por vezes sarcástico a forma superficial como tópicos muito sérios como as alterações climáticas tendiam a ser discutidos entre ambientalistas e outros especialistas ou políticos, que preferiam envolver-se em causas mais fáceis ou consensuais do que aquelas em que me envolvi. Inventei assim uma personagem, Chuva, uma espécie de alter-ego meu, por analogia antinómica para com os verbos meteorológicos (*chover, nevar...*), que são sempre impessoais.

Uma outra personagem do livro é Vice-Verso, uma pequena entidade que está permanentemente a rimar (talvez um outro alter-ego meu). Na história há ainda uma mulher que não é uma feminista normal (ou talvez seja), e que tenta salvar toda a gente, juntamente com um turista australiano e uma migrante romena, também eles apanhados pela lama. Em plena catástrofe, sobrevivem na cidade alagada usando fornos solares e cultivando em pequenos recantos alfaces, couves e feijões. Apesar da tragédia, a atmosfera é, ironicamente, «positiva», e aqui se revela uma crítica às narrativas de cunho cor-de-rosa com que as matérias ambientais se tendiam a confundir, omitindo as verdades mais duras. O livro termina com a catástrofe dos fogos florestais, por isso Chuva é bem-vindo para lidar de forma original com o problema que criou (seja Chuva uma pessoa ou um mero fenómeno atmosférico). Vice-Verso, esse, é uma espécie de símbolo para a poesia que ainda tenho na gaveta, infelizmente. Não que me tenham impedido de publicar, antes fui eu que não me organizei suficientemente para isso. Ainda assim, considero esta narrativa, reconstruída a partir de diversos fragmentos em formato digital, uma novela documental: tratou-se

efetivamente de documentar uma época, primeiro dominada pela minha participação cívica através do correio eletrónico, e depois por via do Facebook, plataforma esta que ainda hoje utilizo, embora muito menos do que nesses tempos.

10. 2015-20: menos palavras, alguma comida e... desenhos?

Mea culpa, portanto. Sem praticamente *feedback* nenhum relativamente aos meus livros, o que se compreende, desde logo porque nem nunca cheguei verdadeiramente a lançá-los oficialmente (apenas existe uma edição online), não admira que em 2020-2022 eu ficasse doente, muito por excesso de trabalho (deixei, de facto, muitos outros textos iniciados na gaveta). Porventura devido à minha crónica falta de publicação canónica, não tive uma avaliação relevante, mas é verdade que publiquei pouco, e que o meu estilo não é puramente académico, no sentido convencional.

A minha vontade, em muitas ocasiões, era ficar em silêncio, e plantar comida em vez de palavras. Como consequência da ecolinguística (Peter Mühlhäusler⁵ e outros), mas também devido à influência de alguns membros da família, o facto é que iniciei em 2009 o processo de viver perto do campo, numa casa com algumas características passivas, mas a cidade tem vindo a espriar-se quase até ao sítio onde vivo. Através da minha atividade de compostagem, fiquei interessada em agroecologia, como uma espécie de *hobby*, daí que alguns dos meus sobreiros tenham crescido bastante devido aos restos vegetais de minha casa. Na verdade, tenho pouco tempo para o jardim. Faço o mínimo, apenas, mas tenho esperança de que esse pouco possa representar uma forma de suficiência, no sentido da permacultura: *high information, low labour*.

A conciliação do trabalho académico com a pequena agricultura acabou tornando-se quase impossível, todavia: sou mãe de quatro homens, todos eles muito ocupados, e agora já sou avó também. A agricultura continua a não ser levada a sério, entre nós, especialmente no meu meio social. Pouquíssimos alunos escolheram este ano a frequência de cursos de agronomia ou silvicultura. Assim, vou olhando para as minhas árvores, enquanto crescem, mas tornei-me algo cética acerca do poder da linguagem para mudar o mundo. Como na vida há sempre um plano B para tudo, agora também «desenho» as minhas conclusões (literalmente, *I draw my conclusions*), em vez de as deixar eternamente na gaveta (*in the drawer*). Enquanto vos mostro um desenho meu, que nos fará talvez entender melhor a relação entre lixo e agricultura, conto-vos de seguida um episódio que se passou numa das minhas aulas.

⁵ Foi basicamente através dum comentário de Mühlhäusler sobre permacultura, feito num dos congressos a que fui, que pela primeira vez tomei contacto com esta abordagem que alia a arquitetura à agricultura (ver também (MOLLISON, 1994; HÖLZER, 2008).

ECO-REBEL



«Senhora professora, porque não aprende um pouco de agricultura, antes de falar sobre isso? Há uma ótima escola de agricultura em Coimbra, onde poderia confrontar-se com a realidade nua e crua...» Foi isto que ouvi a um dos meus alunos quando estava a tentar explicar o conceito de suficiência (que herdei de Peter Finke) com base nos meus desenhos de cavalos e em vários exemplos da vida social em Portugal, no tal curso de Sociedade Portuguesa que leciono para estudantes estrangeiros. Inspirei-me, em parte, no vale de Foz Côa, em Portugal, onde foram encontrados desenhos de animais com mais de vinte mil anos, num sítio onde esteve inicialmente planeada uma grande barragem, sem que tal intuito se tenha concretizado, para preservar este achado arqueológico. Será então a suficiência o mesmo que prescindir de energia, e de progresso? Em alguns casos sim: a melhor energia é a que nem precisamos de produzir. A própria língua e cultura são *energeia*, e não apenas produto acabado, *ergon* (HUMBOLDT, 2002). Ora, eu uso atualmente não só língua, mas também imagens para falar de suficiência. Como podem constatar pelo meu desenho, no caso da agricultura, a suficiência tem a ver, por exemplo, com evitar pesticidas químicos, assim como maquinaria pesada (daí o cavalinho⁶), pois destroem a vida do solo, indispensável para o crescimento das plantas.

⁶ Desenhar começou por ser uma forma de terapia para mim. Comecei a desenhar cavalos a partir de 2015, altura em que parti um braço. Sempre admirei estes belos animais, que via passar nas traseiras da minha casa, em Santarém, montados por militares, quando era miúda, ainda durante a guerra colonial. Não devemos associar estes animais apenas a guerras e a poder. Para certas atividades agrícolas, o cavalo pode ser mais vantajoso (porque menos pesado) do que grandes tratores, que compactam muito o solo, matando a vida nele existente. Daí este desenho, em concreto.

11. A urgência na poesia e o meu «preguiçoso» ativismo

Ora, a suficiência, nos primeiros anos de aprendizagem duma língua, diz também respeito a ser capaz de recorrer a um mínimo de vocabulário e de gramática na língua estrangeira dos estudantes (sou forçada a isso, em níveis iniciais de aprendizagem), mas se algo assim sucedesse em todas as matérias do curso de Línguas Modernas em que leciono, e se não houvesse nas línguas com que trabalhamos textos interessantes, poderia tornar-se muito aborrecido. Vou deixar-vos agora com um poema do grande poeta alemão Heinrich Heine (HEINE, 1844; FERREIRA, 2007), acerca do tempo, em tradução minha, com rima (aqui o Google tradutor iria certamente falhar). Mesmo contendo alguns arcaísmos, costumo usá-lo para treinar contrastivamente com os meus alunos os tempos verbais do alemão.

Diz-me quem foi que em tempos inventou os relógios
https://de.wikisource.org/wiki/Sag%20%80%99_mir_wer_einst_die_Uhren_erfund

Quem foi que inventou os relógios, diz?
O tempo cortado em horas, minutos, quem quis?
Foi um homem frio que p'la noite invernosa adentro
em cisma triste, sentado, lá fez surgir tal invento.
E contava dos ratos o clandestino chiar
e do caruncho o tão pasmamento picar...

Diz-me quem foi que em tempos o beijo criou?
Foi uma boca feliz que em branda brasa folgou...
Beijava só, sem pensamento ou ensaio.
E tudo se passou num bonito mês de maio:
Da terra saltou um arco-íris de flores
O Sol riu-se, e as aves trinaram p'las cores.

Se repararmos bem, para sabermos as horas em alemão costumamos perguntar *Wie spät ist es?* À letra: *quão tarde é?*, e nunca *quão cedo é?* Isto acontece devido ao proverbial apreço germânico pela pontualidade. Em português simplesmente perguntamos, algo descontraidamente, *que horas são?* Quando uma coisa é urgente, ou quando algo começa ou termina, ouvia-se muitas vezes, outrora, um sino ou campainha. Não admira, pois, que o termo inglês *clock* (relógio) seja ainda aparentado com o alemão *Glocke* (sino). Ora, o nome dado pelos estudantes de Coimbra ao sino da torre da nossa universidade é ecolinguisticamente relevante: *cabra*. Isto porquê? Porque não queriam acordar cedo para ir para as aulas, é claro. É este também o nome do jornal dos estudantes, na nossa universidade. Chamar *cabra* a alguém continua a ser um insulto, de que o pobre animal não tem culpa nenhuma e que revela um arreigado machismo, mas não desenvolverei esse tema aqui.

ECO-REBEL

Como este exemplo bem demonstra, a relação com o tempo e, em especial, com a pontualidade, deixa «resíduos» em várias culturas, havendo mesmo dentro duma mesma cultura posições diversas (como vimos através do poema de Heine, nem todos os alemães gostam assim tanto de relógios...). Muito mais haveria a aprofundar acerca do léxico do tempo em alemão e em português, duma perspectiva contrastiva, que nos ajuda a perceber melhor a nossa própria língua, na sua idiomática. Ocorrem-me ainda, como base para estudos (inter)linguísticos subsequentes, expressões (algumas com interessantes diminutivos ou aumentativos) como

já, ainda, logo, logo agora, ainda agora,
depressa, à pressa a horas, a desoras, na hora, em cima da hora,
tenha uma boa hora / uma hora pequenina (= que o parto corra bem!)
a tempo, atempadamente, pontualmente, assiduamente,
o mais tardar
Tarde, cedo
Manhã, manhãzinha, aurora, madrugada, amanhecer,
tarde, tardinha, tardada, entardecer, lusco-fusco, anoitecer,
noite, ir para a night, noitada
Pequeno-almoço, almoço, lanche, jantar, ceia
almoçarada, jantarada
Bom dia, boa tarde, boa noite, boa continuação...
Até amanhã, até logo, até mais tarde, até mais ver, até ver

Sabemos que as horas das refeições, por exemplo, marcam os ritmos do dia para muitas populações, pelo que também incluo estas designações no rol de expressões para tempo. A hora de ir dormir ou o *script* relativo ao sono em diferentes culturas pode também variar. Assim, não admira que para a comunidade indígena dos Pirahã no Brasil algo como «boa noite» seja o equivalente a «Don't sleep, there are snakes...», como nos conta (EVERETT, 2009).

Porém, que dizer da pontualidade da própria natureza? Foi esta mais uma das lições que a minha passagem pela agricultura me ensinou. As plantas têm alturas certas para florescer ou dar frutos ou sementes (diz-se por exemplo das favas, em Portugal: *Maió as dá*, *Maió as leva*, e há todo um manancial de conhecimentos nestes provérbios agrícolas). Eis, portanto, mais um poema de Enzensberger (ENZENSBERGER, 2004), cuja tradução automática não forneço, pois estropiou o original bem mais do que seria aceitável. Nesta (talvez) transcrição ainda inédita, feita ao longo dos anos nas minhas aulas de tradução a partir do original alemão (o tradutor automático transpôs *máquina do clima* para *air conditioner*, o que não funciona aqui, a par de outros erros!), confrontamo-nos com a ideia dum planeta que é equiparado a uma cozinha onde reina uma cozinheira intempestiva. Considero, efetivamente, esta versão portuguesa uma transcrição, uma vez que, entre outras modificações (traduzi por exemplo *Dill*, 'aneto', tempero pouco conhecido em Portugal, por salsa, frequente na nossa gastronomia), em alguns versos me entretive a pôr rimas e aliterações, sem que existissem no original. Malhas que Vice-Verso tece...

ECO-REBEL

Klimamaschine

Falsch! Es ist eine alte Küche
und keine Maschine. Es dampft,
es brodeln, es glüht und gefriert.
Launisch und unermüdlich
ist sie, die stürmische Köchin,
bleibt unsichtbar, läßt sich
nicht gern in die Töpfe gucken,
wäscht, dünstet und röstet uns,
wettert und schäumt. Oh,
sie kocht auch nur mit Wasser
und Gas!

Arme Wissenschaft,
die mit roten und blauen Pfeilen,
Meßfühlern, Rechnern und Sonden
aus ihrem Kaffeesatz liest!
Geheime Rezepte, je nach dem Stand
der Gestirne, vom Mist abhängig,
vom Dreck, vom vulkanischen Brei.
Pünktlich zaubert die Köchin
den Reis herbei, den Dill, die Vanille.
Unberechenbar rührt sie die Welt um
mit ihrem riesigen Löffel.

Máquina do clima?
Transcrição por Adelaide Chichorro Ferreira

Falso! É uma cozinha antiga
e não uma máquina. Há brumas de vapor,
brasas ardentes, o caldo borbulha, o briol congela.
Tem os seus dias, coitada, mas lá incansável
é ela, a intempestiva cozinheira.
Gosta de ficar invisível, não deixa
que lhe espreitem a arte nos caldeirões.
Lava de barreira, estufa na panela, põe-nos a gratinar.
Pragueja, espumando muito, e troveja. Oh,
cozinha é só com água,
como nós, e com que gás!*

Pobre Ciência,
que com setas vermelhas, azuis,
precisos sensores, sondas, computadores,
lhe lê o futuro nas borras do café!
Secretas receitas, criadas ao sabor
dos astros, mas que do estrume dependem,
do lixo, do magma em puré.
Pontualmente, a magia dessa mulher
faz surgir o arroz, a salsa, a baunilha.
Imprevisível, o mundo todo ensarilha
ao mexê-lo com a gigantesca colher.

*Alternativa mais fiel ao sentido do idiomatismo original seria, neste verso, o seguinte:
Como nós, só cozinha com água e gás! (= no fundo ela é como nós, ou seja, não é nada de especial).

Será este um poema feminista de H. M. Enzensberger, pelo facto de o planeta, assim como possivelmente o clima, serem associados a uma mulher? Mas então porquê um título algo «tecnocrático», que desde logo o primeiro verso rebeldemente nega? Tratar-se-á aqui de um apelo à urgência na ciência e na política, em prol da resolução dos problemas climáticos atuais? Deixo aos meus leitores a conclusão,

ECO-REBEL

mas prefiro referir-me agora, de novo, ao nosso modo tão português de lidar com as questões da urgência, o qual me afeta a mim, bem como à minha escrita.

Agora que já nos deparámos com um poema sobre relógios, assim como acerca da «ditadura» que eles nos impõem, e tendo já analisado um outro poema sobre o planeta, transfigurado numa velha cozinha, onde uma cozinheira produz – pontualmente – a comida de que nos alimentamos, dou-vos também a conhecer uma canção dum grupo português conhecido por Deolinda, que espelha os dilemas que tanta vez tive, ao longo da vida, quando se tratava de alinhar com movimentos sociais em prol do ambiente. Não pelas razões invocadas na canção, mas por outras, que se prendem com o facto de ser mãe, muitas vezes o meu ativismo foi mais de boca ou de palavras do que de facto. A vida, tal qual ela é, sempre interferiu com a minha possibilidade de me dedicar às coisas da ecologia.

A canção é, portanto, uma sátira a propósito da suposta incapacidade organizativa dum certo tipo de portugueses (nos quais me incluo), mas diz muito acerca da mentalidade de ficar na retranca e só depois «lá ir ter», bem como acerca dos motivos tantas vezes fúteis para assim se proceder. Neste «agora sim» da canção, que se repete ao longo do texto, há muito entusiasmo, logo seguido de desmotivação e preguiça, no «agora não» que se lhe contrapõe, verso a verso. É, pois, uma canção a propósito do sentido da urgência (ver HARRÉ et alii, 1999), ao ponto de os autores se perguntarem se há línguas que tenham um marcador específico de natureza gramatical para assinalar esta espécie de categoria temporal. Marcadores lexicais de urgência são palavras como *imediatamente*, no português, ou *sofort*, no alemão, mas diria que também o advérbio *agora* funciona dessa forma, na letra desta canção. Nos dias de hoje a urgência é frequentemente invocada, para lidarmos com as questões do nosso dia-a-dia profissional, mas também nos contextos em que o assunto é o clima ou a perda de biodiversidade isso vem acontecendo, de forma cada vez mais premente e incompatível com demasiadas lucubrações filosóficas (*the clock is ticking* ou *es ist fünf vor Mitternacht* são expressões recorrentes em textos de ativismo ambiental). É uma pena que, mesmo com este intenso apelo a que nos embrenhemos no agora das lutas e das causas, haja tantas vezes alguma coisa de importância relativa que nos faz desistir, algo que deve obviamente ser corrigido. Porém, nem só de manifestações de rua vive o ativismo ambiental. Outras formas mais discretas de agir são igualmente possíveis.

Deolinda, Movimento perpétuo associativo

https://www.youtube.com/watch?v=3_98xhMguKo

Agora sim, damos a volta a isto
Agora sim, há pernas para andar
Agora sim, eu sinto o optimismo
Vamos em frente, ninguém nós vai parar
Agora não, que é hora do almoço
Agora não, que é hora do jantar
Agora não, que eu acho que não posso
Amanhã vou trabalhar

ECO-REBEL

Agora sim, temos a força toda
Agora sim, há fé neste querer
Agora sim, só vejo gente boa
Vamos em frente e havemos de vencer
Agora não, que me dói a barriga
Agora não, dizem que vai chover
Agora não, que joga o Benfica
E eu tenho mais que fazer
Agora sim, cantamos com vontade
Agora sim, eu sinto a união
Agora sim, já ouço a liberdade
Vamos em frente e é esta a direção
Agora não, que falta um impresso
Agora não, que o meu pai não quer
Agora não, que há engarrafamentos
Vão sem mim, que eu vou lá ter
Vão sem mim, que eu vou lá ter

12. Conclusão: o meu *topos*

Em suma, e recorrendo agora à teorização da escola ecolinguística de Odense (BANG et alii, 2007, entre outros trabalhos), que valoriza muito o contexto, o meu *topos* durante o tempo necessário para a árvore no início deste texto crescer (quase 25 anos), resume-se aos seguintes elementos essenciais:

Criei quatro adoráveis rapazes. Lutei contra a incineração de lixo nos media e em casa. Fiz o meu doutoramento, mas fui provavelmente demasiado «emocional» para alguns destinatários (hoje sabe-se que há diferentes estilos, até académicos, entre culturas diferentes e até entre homens e mulheres). Tentei criar nos alunos e na família a consciência de que é preciso evitar o lixo. Dei as minhas aulas, por vezes com muito poucos alunos de alemão (eis uma consequência da perda do Goethe Institut na cidade de Coimbra e da proibição de turmas de alemão no ensino básico e secundário com menos de 20 alunos). Lecionei, não obstante, a alunos de outras áreas das humanidades, e a estrangeiros também. Escrevi bastante, mas não consegui acabar inúmeros textos: continuo, todavia, a tentar. Não viajei lá muito, mas entreguei-me, dir-se-ia que quase clandestinamente, a alguma poesia. Tenho em todo o caso a certeza de que aprendi muito. Fui ao longo dos tempos ficando mais velha e desajeitada. Fiz alguns desenhos, sobretudo após partir um braço. Faço há décadas composto no meu jardim e aprendi também a fazer pão. Cozinhei e limpei a casa (uma casa com cisterna e um sistema de arrefecimento passivo, isto é, sem recurso a eletricidade). Ajudo a família e sou ajudada por eles.

ECO-REBEL

À minha maneira tentei, enfim, mudar o mundo um bocadinho. Considero que este meu incessante tentar é o meu maior triunfo. Assim, o título «tentar já é triunfar» indicia que nem sempre fui bem-sucedida (versão otimista!). Ou então que raramente fui bem-sucedida (versão pessimista!). A verdade, porém, está no meio: aguentei muito, mas (realisticamente) valeu a pena. Se não tivesse valido a pena, e se não fosse aliás essencial e urgente que valha a pena, não enviaria este texto para publicação.

Referências

BANG, Jorgen Christen; DOOR, Jorgen / STEFFENSEN, Sune Vork; Nash, JOSHUA (orgs.). *Language, Ecology and Society. A dialectical approach*. Londres: Continuum, 2007.

CAMPOS, Álvaro de (Fernando Pessoa), «Adiamento»
<https://nossaavenida.wordpress.com/2012/11/11/adiamento-fernando-pessoa-narrado-por-josoares-2/>

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

DEOLINDA, movimento perpétuo associativo
https://www.youtube.com/watch?v=3_98xhMguKo

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Die Geschichte der Wolken. 99 Meditationen*. Suhrkamp, 2003.

_____. Hans Magnus *natürliche Gedichte*. Insel Verlag, 2004.

EVERETT, Daniel. *Don't sleep, there are snakes. Life and language in the Amazonian jungle*. Londres: Profile Books LTD, 2009 (2008).

FAUSTO, Rui; MARNOTO, Rita. *Tempo e Ciência*. Gradiva, 2006.

FERREIRA, Adelaide Chichorro Ferreira. «malícias e carícias do *greenwash*.» Conferência realizada no Goethe Institut em 1992 ou 1993. Manuscrito inédito, 1992/3?.

_____. *As teias de aranha da casa. Contributo para uma ecolinguística intercultural*. Dissertação apresentada à Universidade de Coimbra para a obtenção do grau de doutora, 2003.

_____. «Tempo e Línguas». *Rua Larga* (Revista da universidade de Coimbra), n.º 15, 2007, p. 30.

_____. *Mein Deutsch, und ein bisschen Englisch*. Poemas em alemão e em inglês. Grácio Editores, 2019a.

ECO-REBEL

<https://livraria.ruigracio.com/produto/poemas-em-alemao-e-ingles-e-book/>
<https://livraria.ruigracio.com/product-author/adelaide-chichorro-ferreira/>

_____. *Memória tó(x)nica. As minhas crónicas n'O Figueirense*. Grácio Editores, 2019b.
<https://livraria.ruigracio.com/produto/memoria-tonxica-as-minhas-cronicas-no-figueirense-e-book/>
<https://livraria.ruigracio.com/product-author/adelaide-chichorro-ferreira/>

_____. *Sol na leira e Chuva no nabal. Ensaio de paisagismo meteorológico-literário*. Grácio Editores, 2019c.
<https://livraria.ruigracio.com/produto/sol-na-eira-e-chuva-no-nabal-e-book/>
<https://livraria.ruigracio.com/product-author/adelaide-chichorro-ferreira/>

_____ (ed.) *Dito €-feito: (co)incineração, produção limpa e (crio)reciclagem. Ensaio de Ecolinguística Aplicada*, coordenação de Adelaide Chichorro Ferreira, cadernos do cieq [Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, entretanto extinto], n.º 21, Coimbra, CIEG/MinervaCoimbra. Contém uma tradução duma brochura sobre economia circular, o texto de Hans Schnitzer no fórum contra a co-incineração organizado em Coimbra e uma introdução, por Adelaide Chichorro Ferreira, a esta controvérsia, tal como ela surgia, à época, em alguma imprensa portuguesa e nas campanhas de vários partidos políticos em Coimbra.

_____. Tradução (em verso, e com rima) de: Heinrich Heine: “Sag’ mir, wer einst die Uhren erfund” / “Diz-me quem foi que em tempos inventou os relógios”, *Rua Larga*, n.º 18, 2007, p. 67.

FILL, Alwin. *Ökologistik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

_____. (org.), 1996, *Sprachökologie und Ökologistik. Referate des Symposiums Sprachökologie und Ökologistik an der Universität Klagenfurt 27.-28. Oktober 1995*, Tübingen: Stauffenburg, 1996.

1993; MÜHLHÄUSLER, Peter. *The ecolinguistics reader*. Language, Ecology and Environment. Londres: Continuum, 2001.

FINKE, Peter. *die Ökologie des Wissens. Exkursionen in eine gefährdete Landschaft*. Munique: Karl Alber Verlag, 2005.

_____. *Citizen Science. Das unterschätzte Wissen der Laien*. Munique: Oekom Verlag, 2014.

_____ 2019, «Linguistics at the end of the Baconian Age, or: Five Essentials of Ecolinguistics», in: Sune Vork Steffensen, *The Aalpiri Papers*. Two critical reflections on contemporary ecolinguistics. With contributions by Peter Mühlhäusler and Peter Finke. Published for the 4th International Conference on Ecolinguistics, SDU, 12-15th of August 2019.

FLANNERY, Tim. *Os senhores do tempo. O impacto do homem nas alterações climáticas e no futuro do planeta*. Editorial Presença, 2005.

ECO-REBEL

HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜHLHÄUSLER, Peter. *Greenspeak. A Study of Environmental Discourse*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 1999.

HAUGEN, Einar. *The Ecology of Language* (ed. by A. S. Dil). Stanford: Stanford University Press, 1972.

HEINE, Heinrich. «sag mir, wer einst die Stunden erfund?» in: Heinrich Heine, *Neue Gedichte*, Hoffmann und Campe, S. 33, 1844¹.

https://de.wikisource.org/wiki/Sag%20%80%99_mir_wer_einst_die_Uhren_erfund

HÖLZER, Sepp. *Permakultur. Praktische Anwendung für Garten, Obst und Landwirtschaft*. Graz-Stuttgart: Leopold Stocker Verlag, 2008⁴.

HUMBOLDT, Wilhelm von. «Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die Geistige Entwicklung des Menschengeschlechtes.» In: *Werke. III. Schriften zur Sprachphilosophie*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002.

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: ¿toward a new **paradigm** for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.

MOLLISON, Bill. *Introduction to Permaculture. Tyalgum: Tagari Publications*, 1994.

RÜPKE, Jörg, *Zeit und Fest. Eine Kulturgeschichte des Kalenders*. CHBeck.

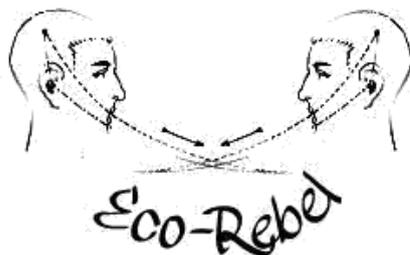
THOLSTRUP, Inge Merete Wiig. The language of birth and the birth of language. In: *Language and ecology – Ecolinguistics. Problems, Theories and Methods. Essays for the AILA 1996 Symposium. AILA 1996 XIth World Congress of the International Assotiation of Applied Linguistics*. Bang, J.C., J. Door, R. J. Alexander, A. Fill, e F.C. Verhagen (eds) Jyväskylä, Finlândia, Odense University – Research Group for Ecology, Language and Ideology, p. 71-89, 1996.

TRAMPE, Wilhelm. *Ökologische Linguistik. Obladen: Westdeutscher Verlag*, 1990.

WEINRICH, Harald. *Knappe Zeit. Kunst und Ökonomie des befristeten Lebens*. München: C. H. Beck, 2004.

Aceito em 03/01/2023.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 1, 2023.



MINIRRESENHAS

Os Organizadores

Janet C.E. Watson; Jon C. Lovett; Roberta Morano (orgs.). *Language and Ecology in Southern and Eastern Arabia*. Londres: Bloomsbury, 2022 (Bloomsbury Advances in Ecolinguistics).

Minirresenhado por Hildo Honório do Couto (UnB/GEPL)

Os países árabes, sobretudo a Península Arábica, são tidos como áridos, inóspitos, com uma fauna e uma flora bastante pobres. Por isso é interessante o aparecimento de um livro que trata justamente das relações entre língua e meio ambiente nessas regiões.

Como se diz na divulgação do livro, as regiões do mundo com maiores índices de biodiversidade são tidas também como contendo uma grande diversidade linguística, sugerindo fortemente que as relações entre língua e ecologia são não só simbióticas mas também espacial e temporalmente determinadas. Este livro examina como essas relações se veem em perigo e ameaçadas no sul e no leste da Arábia.

Investigando os modos pelos quais as línguas indígenas refletem a íntima interação que existe entre a população e seu meio ambiente, o livro apresenta um conspecto dos perigos e ameaças principais e introduz metodologias para investigá-las. Nos diversos capítulos são apresentados estudos de caso que tratam de língua, mímica, ecologia, o significado da nomeação, o papel de narrativas na relação língua-ecologia bem como a conservação e revitalização da diversidade biocultural na Arábia. Partindo de uma visão multidisciplinar, o livro defende o papel central que a língua exerce relativamente às ameaças e perigos à diversidade biocultural, além de apresentar métodos para o estudo da relação língua-natureza que podem ser aplicados de modo geral.

Para se ter uma ideia do livro eis o seu sumário:

Introduction, por Janet C.E. Watson (University of Leeds, UK), Jon Lovett (University of Leeds, UK) and Roberta Morano (University of Leeds, UK).

1. Language, Gesture and Ecology in Modern South Arabian Languages, por Jack Wilson (University of Salford, UK), Janet C.E. Watson (University of Leeds, UK), Andrea Boom (University of Leeds, UK) and Saeed al-Qumairi (Hadhramawt University, Yemen)

Part I. Arabia: The Significance of Names

2. What's in a Name? Miranda Morris (Independent Researcher).

3. **When Water Shapes Words: Musandam's Kumzari People and the Language of the Sea**, por Erik Anonby (Carleton University, Canada), AbdulQader Qasim Ali Al Kamzari (Sultanate of Oman) and Yousuf Ali Mohammed Al Kamzari (Ministry of Health, Oman).

4. **Water and Culture Among the Modern South Arabian-Speaking People**, por Fabio Gasparini (Freie Universität Berlin, Germany) and Saeed al Mahri (Independent Researcher).

5. **A Botanical and Etymological Approach to Plant Names in Southern Arabia**, por Shahina A. Ghazanfar (Kew Gardens, UK) and Leonid Kogan (National Research University, Russia).

6. **Traditional Knowledge and Vocabulary around Weather and Astronomy in Qatar**, por Kaltham Al Ghanim (Qatar University, Qatar).

7. **Plant and Animal Terms in ?a?rami Arabic Idiomatic Expressions, Proverbs, and Chants**, por Abdullah H. Al Saqqaf (Independent Researcher).

Part II. Arabia: Narratives and Ecology

8. **The Language of Kumzari Folklore**, por Christina van der Wal Anonby (Carleton University, Canada).

9. **Orature and Nature in Southern Arabia**, por Sam Liebhaber (Middlebury College, USA), Kamela al-Barami (University Leeds, UK), and Ahmed al-Mashikhi (Sultan Qaboos University, Oman).

10. **Climatic Disasters and Stories of Resilience in Southern and Northern Oman**, por Suad Al-Manji (Ministry of Education, Oman) and Janet C.E. Watson (University of Leeds, UK).

Part III. Arabia: Conservation and Revitalisation

11. **People's (Non-)Participation in Conservation: A Case from Oman**, por Dawn Chatty (University of Oxford, UK).

Conclusion

Index

Site da editora:

<https://www.bloomsbury.com/uk/language-and-ecology-in-southern-and-eastern-arabia-9781350184473/>